

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL
Linha de Pesquisa: Clínica, Subjetividade e Política

EZEQUIEL DE CANDIDO AMARAL

**FLORES A HOMENS NEGROS É SÓ NA MORTE?
PÓLENS DE CUIDADOS QUE ESCAPAM DAS RACHADURAS FLORESCENDO E
INFESTANDO CONCRETOS.**

PORTO ALEGRE

2024

EZEQUIEL DE CANDIDO AMARAL

FLORES A HOMENS NEGROS É SÓ NA MORTE?
PÓLENS DE CUIDADOS QUE ESCAPAM DAS RACHADURAS FLORESCENDO E
INFESTANDO CONCRETOS.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI-UFRGS) como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientação: Prof. Dr. Tadeu de Paula Souza

Porto Alegre

2024

Ezequiel de Candido Amaral

Flores a homens negros é só na morte?

Pólens de cuidados que escapam das rachaduras florescendo e infestando concretos.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI-UFRGS) como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientação: Prof. Dr. Tadeu de Paula Souza

Porto Alegre, 23 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Míriam Cristiane Alves (UFRGS/UFPel)

Prof.^a Dra. Cecília Izidoro Pinto (UFRJ)

Prof. Dr. Henrique Restier da Costa Souza (CEFET/RJ)

CIP - Catalogação na Publicação

Amaral, Ezequiel de Candido

Flores a homens negros é só na morte? Pólen de cuidados que escapam das rachaduras florescendo e infestando concretos. / Ezequiel de Candido Amaral. -- 2024.

107 f.

Orientador: Tadeu de Paula Souza.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana, Programa de

Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. homens negros. 2. cidade. 3. subjetividade. 4. resistências. 5. saúde mental. I. Souza, Tadeu de Paula, orient. II. Título.

Você tem flores na cabeça
E pétalas no coração
Tem raízes nos olhos, excitação
Acalanta meu coração

Liniker – Sem nome, mas com endereço

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu companheiro e amado Ademiel de Sant'Anna Junior, tem tanto do seu afeto e cuidado em tudo, que os pólenes se agitam e fazemos do presente um lugar de refúgio e de apostas futuras.

Agradeço à minha mãe Olinda Ferreira, por seguir me ensinado o que nenhum livro pode, e por resistir de modos imprevisíveis ao racismo e ao manicômio.

Agradeço ao meu irmão Matheus Amaral, por me apoiar e ser um grande amigo, pois o modo como acha brechas ao racismo e capacitismo, produz florescimentos aqui.

Agradeço à minha amiga e irmã por encontro, Josiane da Silva Valiente, há mais de uma década as palavras e denço nutrem as caminhadas nossas.

Agradeço ao meu orientador Tadeu de Paula Souza por acompanhar travessias difíceis e sugerir formas de pichar e habitar até o concreto.

Agradeço a Míriam Cristiane Alves por cada cuidado em roda. Além das convocações e aprendizados... singulares.

Agradeço a Fátima Lima, por cada palavra e troca, o modo de sentir e experimentar as palavras ganharam novas estações com sua presença.

Agradeço a Cecília Izidoro Pinto, por cada encontro e perguntas feitas, irrigando o coração e a imaginação!

Agradeço a Henrique Restier, por contribuir no florescer dessa escrita e da imaginação.

Agradeço às minhas amigas e amigos que me apoiaram e ofereceram colo em dias bons e em dias difíceis.

Agradeço à minha terapeuta e ao processo da psicoterapia que produziu e segue produzindo tantos cuidados e brechas.

Agradeço a Thuila Farias Ferreira, por sua abrir caminhos com seu belo trabalho, instigar a imaginação e circular o uso político e sensível das palavras.

Dedico às pessoas que tiveram os seus pretos ceifados pelo extermínio, encarceramento e adoecimento colonial. Que os pólenes de cuidado cheguem até às flores mais escondidas e negadas.

Vem junto na roda?

Afetos...
Nossos Afetos,
A tecer um
Convite sonoro,
Transatlântico,
E vibrante.
Enquanto
Convocam-nos a
Gestos insubmissos e ancestrais
na América Ladina.
Vidas pulsam,
Aquecendo quem
Se junta à roda e
Aquilomba.

Você vem?

Em experimentação coletiva,
Percebemos até os dedos
Sambando,
Evocando sensações.

Sorrisos-potentes
Afirmam outros
Giros,
Respiros,
E vidas.

Esperançando táticas
de Re-existência,
Sem nos paralisar
a cada truculência,
Que da pele preta
Miram um alvo e esperam convivência.

Unidos,
Suspiramos
Revoluções.
Somos presenças
Plurais,
Das memórias e histórias
Em rompimento de grilhões.

Desde nossos mais velhos,
aprendemos com louvores e cantigas
As astúcias performadas,
Que jogam contra o banzo,
Subvertendo tramas e ideias colonizadas.

Somos reconstituições
Imorríveis,
Em (re)nascimento
e lutas por liberdade
com encruzilhadas nas andanças
Pintadas de cor preta e vermelha,
E elas, são a esperança.

RESUMO

A partir das memórias vivenciadas e da imaginação, experimento um percurso de pesquisa encarnado e não hegemônico à medida que ajardino uma artesanaria de pesquisa que dá espaço aos não-lugares questionando determinismos. Busco transgredir a calcificação de homens negros e de certa maneira da população negra, na brutalidade desigual das perdas causadas pelo extermínio, pobreza e higienismo social, gentrificação, manicomialização, encarceramento em massa, relações anticomunitárias e pela exploração das existências. Desde o encontro com o desconhecido em meu corpo, a intenção dessa escrita é vascularizar ao invés de necrosar o sangue negro e, assim, fazer deslocamentos coletivos no modo de produzir pesquisas e discursos nos quais homens negros, em suas pluralidades, possam irrigar a costura de memória, produção de subjetividade e incentivar (na área acadêmica e comunitária) construções para além de um referencial patriarcal, eurocêntrico, animalizado e moral, dando espaço às relações de cuidado.

Palavras-chave: homens negros; cidade; subjetividade; resistências; saúde mental.

ABSTRACT

Based on my memories and imagination, I experiment an embodied and non-hegemonic research path, as I garden a research craft that gives space to non-places, questioning determinisms. I seek to transgress the calcification of Black men and, to a certain extent, the Black population, in the unequal brutality of the losses caused by extermination, poverty and social hygiene, gentrification, manicomialization, mass incarceration, anti-community relations and by the exploitation of existences. Since the encounter with the unknown in my body, the intention of this writing is to vascularize rather than necrotize Black blood and thus make collective shifts in the ways of producing research and discourses in which Black men, in their pluralities, can irrigate the sewing of memory, production of subjectivity and encourage (in the academic and community area) constructions beyond a patriarchal, Eurocentric, animalized and moral reference, giving space to relationships of care.

Keywords: Black men; city; subjectivity; resistances; mental health.

RESUMEN

A partir de mis recuerdos y de mi imaginación, experimento una vía de investigación encarnada y no hegemónica, al tiempo que ajardino un oficio de investigación que da espacio a los no-lugares, cuestionando los determinismos. Busco transgredir la calcificación de los hombres negros y, en cierta medida, de la población negra, en la brutalidad desigual de las pérdidas causadas por el exterminio, la pobreza y la higiene social, la gentrificación, la manicomialización, el encarcelamiento masivo, las relaciones anti-comunitarias y la explotación de las existencias. Desde el encuentro con lo desconocido en mi cuerpo, la intención de este escrito es vascularizar y no necrosar la sangre negra y así hacer desplazamientos colectivos en la forma de producir investigaciones y discursos en los que los hombres negros, en sus pluralidades, puedan irrigar la costura de la memoria, la producción de subjetividad y fomentar (en el ámbito académico y comunitario) construcciones más allá de una referencia patriarcal, eurocéntrica, animalizada y moral, dando espacio a relaciones de cuidado.

Palabras-clave: hombres negros; ciudad; subjetividad; resistencia; salud mental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Saudade.....	22
Figura 2 - Google imagens ao pesquisar “y’a bon banania”.....	30
Figura 3 - Parque da Redenção, Porto Alegre/RS.....	32
Figura 4 - Foto autoral, feita enquanto rito da memória de uma vivência feliz de infância no lago Guaíba, habitando de modo raro a cidade com minha mãe, pai e irmãos.	35
Figura 5 - Beco.....	51
Figura 6 - Cemitério da Santa Casa (Porto Alegre/RS), local dos enterros sociais.	61
Figura 7 - Festa de Oxum, na Orla de Ipanema, em Porto Alegre.	65
Figura 8 - O autor na exposição de Aline Bispo, intitulada A linha dá o ponto. A linha dá o caminho. Porto Alegre/RS, Casa de Cultura Mário Quintana.....	91

SUMÁRIO

1 JÁ OUVIRAM FALAR DE SOSSEGO?	11
2 NO DESAGUAR DA ESCREVIVÊNCIA, UMA CALHA COM GAMBIARRA!18	
3 FLORES A HOMENS NEGROS É SÓ NA MORTE?.....	21
3.1 Homens Concretos e a construção civil.....	39
4 O QUE AS MÃOS PODEM SEGURAR?	55
5 LUGARES DO MORRER.....	61
5.1 Cemitérios: a expressão moral de um desejo higienista, silencioso expropriador de outros ritos!.....	67
5.2 Quando foi que as teias se adensaram no Senhor Concreto?.....	69
6 CESSARAM AS QUEDAS DE FOLHAS E FLORES	74
6.1 Cuidados para lidar com a (des)articulação da vida negra.....	80
7 ESCALDA-PÉS	87
7.1 Dieta de ossos e abismos virtuais: cacos do eterno?.....	93
REFERÊNCIAS	101

1 JÁ OUVIRAM FALAR DE SOSSEGO?

Cansei de ver a minha gente nas estatísticas
Das mães solteiras, detentas, diaristas
O aço das novas correntes não aprisiona minha mente
Não me compra e não me faz mostrar os dentes

Yzalú – Mulheres Negras¹

Caros homens negros, como minhas palavras chegam aí? **Já se perguntaram quando é que pode ser produzido um projeto que roteirize maneiras que digam como viver e morrer, enquanto homens negros?**

Aqui, quem escreve é uma bixa preta. Estou recordando de uma visita à cientista social nigeriana Oyèronké Oyèwùmí (2021). Ela nos alerta que, ao olharmos ao passado, há uma invenção colonial e eurocêntrica do gênero, para aproximar o esquecimento de outros modos de existência e, assim, chamarem construtoras a fim de atender o capitalismo para tornarem atraentes a nossa identidade em uma relação comercial, privilegiada e assimétrica, (beneficiando a branquitude) em especial homens brancos e ricos. Insisto em todos os tempos em me demorar perguntando: **quem desenha e executa a planta da nossa memória? Em qual bairro da (in)diferença vamos habitar? Quais vizinhanças temos? Já ouviram falar do sossego?!**

Ao caminhar pelas ruas, cuidando o horário, substantivado e adjetivado enquanto negro com o gênero inseparável e discursivamente construído, sou lembrado pela Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017, p. 108), a primeira travesti com o título de doutora, da área da educação, que ao estar vivo também desafia a mira da polícia.

A vocês, qual é a sensação ao ouvir o som da sirene cortando o ar? Sigo em astuta recusa de naturalizar a violência policial e as balas autografadas² em meu nome, nosso nome, a cada vez que nossas características se traduzem em desconfiança e perigo.

Talvez eu não tenha respostas a quem chegue com sede de desenrolar estratégias para dar um bom acabamento ao desejo e ao afeto, pois há tijolos da vida tortos nos becos que entro. Pego um plumo da experiência para entender até onde vai o visual íngreme, então encontro um ponto que necessita se traduzir aqui, perguntando: **o que pode estar em jogo quando se**

¹ SHOWLIVRE. “Mulheres negras” - Yzalú no Estúdio Showlivre 2016. YouTube, 29 maio 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6p9cthjjMa4>. Acesso em: 20 maio 2022.

² ELZA SOARES. *Elza Soares – Não tá mais de graça (feat. Rafael Mike) (Audio)*. YouTube, 13 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BLtXUp8xyQ>. Acesso em: 15 ago. 2021.

mistura na betoneira racismo, cisheteronormatividade, patriarcado e determinismo biológico?³

Bruno Santana (2019) me ajuda a lembrar da visita feita a Oyèronké Oyèwùmí (2021) e manda a real, que há muitas etapas após a colonização, legitimando somente um tipo de corpo: falocêntrico, branco e heterossexual (2019, p. 95). **Seria essa mistura uma espécie de ingredientes antifetos, como a imagem de um muro alto que tapa o sol e isola a liberdade, gelando o corpo e doendo a garganta?**

Desejo inflamar minha voz diferente – queimando e aquecido nas palavras próprias desde as coletividades negras. E vocês? Acenda-se fogo no peito alastrando generalizações e estereótipos racistas, fazendo cinzas!

É no misto de raiva, dor e coragem que dou uma rasteira no convite colonial de não sentir o meu corpo. Com a minha caneta digo ao Estado: NÃO SEREI ALVO! Vocês não vão me neutralizar, doa a quem doer vão ter que me suportar bixa preta, vivo, vivente, astuto, gingando com o meu corpo que é política gritante.

Invoco Gloria Jean Watkins, mais conhecida como bell hooks, por seguir questionando o mundo com ferramentas transgressoras e ao longo das suas manifestações teóricas enquanto professora, escritora artista, ativista, etc., seu sorriso gentil e sabedoria apontam a lhe achar nas escritas, dizendo que o racismo e a supremacia branca projetam características aos homens negros, enquanto portadores de uma violência primitiva, descontrolada e brutal que deve ser reprimida com armas, principalmente, por homens e mulheres, brancos (hooks, 2022, p. 114).

Será por isso que além do extermínio pela polícia e guerra de tráfico, as balas sempre encontram nossas mais novas, mais velhas e crianças negras? **Reprimem a violência ou exprimem o prazer de nos verem sempre enlutadas e enlutados pelas perdas?** – Reprimido, aqui, na linguagem popular, é o equivalente a CPF cancelado, calado, exterminado. Cansei desse inferno.

Quais revoluções têm deixado de acontecer em consequência de um lugar que a morte e o luto podem ocupar nas vidas negras? Morremos só pelas respostas com armas? Na universalização do luto para nossas experiências, o que pode ser desconsiderado? Mestre Renato Nogueira (2022, p. 19-33), deixa uma reflexão sobre o luto, ligado a uma busca de dominação desde a medicalização, com o luto dissimulado na exposição de felicidade em redes sociais e no pouco espaço para a tristeza, assim, a dor da morte (universalizada) torna-se um

³ Para o entendimento referencial/conceitual e vivencial dos conceitos na pergunta, conferir em Lélia Gonzalez, Muniz Sodré, Silvio Almeida, Beatriz Nascimento, bell hooks, Letícia Nascimento, Megg Rayara, Achille Mbembe ao longo texto e das experiências exemplificadas.

símbolo de fracasso, em uma cultura de sucesso e produção, não se tratando do controle sobre os medos, dores e sofrimento, mas conexão com o desamparo.

A população negra, que lidou com o desamparo desde os sequestros na África, não cabe na generalização para enxergar como o trauma se inscreve sobre a perda da morte. Então, como tocamos a morte em cada território e damos sentidos de vida? **Somos maiores do que o genocídio, do qual mentem não ter escapatória.** A nossa presença segue escapando das senzalas, dos navios, dos camburões e grades. Chegamos nos encantamentos que movimentam e amam a comunicação dos nossos corpos negros, apesar de muitos dos nossos ainda não conseguirem. É preciso união... Mamãe já repetia o que ouvia com a vó: “*uma andorinha só não faz verão*”. Podemos ser nós, corpos negros, a ressignificar os modos de ser e estar no mundo nos apossando de uma nova consciência, com a finalidade de pescar respeito e dignidade, como nos lembra a nossa mais velha Neusa Santos Souza (1983, p. 77)?

Temos uma especificidade social que produz uma subjetividade singular aos homens negros com longos processos impositivos de brutalização, principalmente quando o amor não é acessado e a repressão limita a imaginação como vai dizer bell hooks (2022, p. 32). Para isso, ainda conforme hooks (2022, p. 33), somos ensinados, a partir dos estereótipos negativos, que os homens negros suportam imposições a partir da referência branca patriarcal cis.

Seria uma consequência haver, no imaginário social coletivo, homens negros fixados a uma natureza plastificada e irrespirável, que nunca dissolve o racismo e a possibilidade de criar a si distante desses mecanismos de controle e subordinação, desde a escravização? Portanto, o que sabemos dos homens negros deriva em maior parte das trocas e convivências, sem generalizar? Ou, do que a branquitude estereotipa e diz o que são os homens negros localizados na América Latina (González, 2020), e até em outros territórios?

Enquanto brecha dessa produção de memória, conjuro Fátima Lima e Ludmila Lins que nos alertam e relembram da importância de registrar em palavras: “Mas ter que se defrontar com isso, como um exercício de conjurar as violências coloniais, também é capaz de nos restituir. Por isso, escrever este texto tem uma dimensão, muitas vezes, de sacrifício, mas também de restituição” (Lima; Andrade, 2020, p. 86). Seria uma possibilidade de desfazer nós e amarras de homens negros a âncoras da soberania e poder?

Pois, a imagem que tenho aqui, é um corpo negro (não só de carne) em amarras a buscar imobilizá-lo enquanto cordas são puxadas simultaneamente em direções diferentes... O que acontece com esse corpo? Quais são os desejos e dores que precisaram “sumir”? Quando é que a corda vai parar no pescoço negro o suspendendo-o no ar? Quem vê? Quem chorou? Quem deixará para trás? Quem não vem amanhã?

O que fica na equação da vida depois que o homem negro é eliminado? Na inseparabilidade do racismo e do patriarcado, levanto a hipótese inicial que há amarrações ainda presentes com cordas e nós, desde os sequestros, saques, prisões, manicômios, medicalização, higienismo, gentrificação⁴, e extermínios de africanos transportados ao Brasil (tornando-se africanos em diáspora) ocupando um papel indispensável no poder colonial e anticomunitário; usado e gerenciado contra a população negra, para além da aliança à necropolítica, cunhada pelo pensador Achille Mbembe (2018b).

Alerto ainda: não se trata apenas do nosso extermínio visto friamente como propósito de controle, poder e prazer exercidos sobre territórios e espaços ocupados pela população negra; e sim o quanto essas perdas têm histórias e ritos de passagem da morte, que necessitam de mais atenção, lembranças e até novas construções. Invoco Osmundo Pinho, que apresenta o ponto da linha da razão ao dizer que o negro segue inserido à condição ontológica do escravo, *socialmente morto*, não podendo ser representado (Pinho, 2022, p. 2). Talvez, não podendo ser representando pelas ferramentas opressoras, não? O que nasce de uma inquietação e dúvida convidam a pensar coletivamente é: como o modo como cultuamos e ritualizamos a perda dos nossos pode também ser atravessado pelo racismo?

Desde então, sobre o luto, enquanto uma experiência negra coletiva, quem teve, tem e terá o direito e o espaço para sentir e elaborar suas dores? Essa escrita nasce da necessidade de enfrentar a bagunça que a morte deixa depois que aparece em qualquer quebrada. Rompo o silêncio enquanto tento contornar o peso de parecer sempre transitar em mundos diferentes, mas que aparentam estar ligados pelo extermínio racista. É como no livro *Zanga*, em que Davi Nunes (2019) encarna essa mistura de elementos com cheiro de morte e racismo em seus contos. Um deles tem uma frase que traduz esse momento no tempo: “*O conhecimento adquirido na academia não salvava um irmão seu. Estava puta da vida e sem forças*” (Nunes, 2019, p. 54).

Escrevo apostando que minhas palavras misturadas cheguem antes da morte aos meus, ou da minha morte. Pois, em produções de conhecimento hegemônicas, a pessoas pretas, pardas e “mestiças”, o que os olhos não veem o saber não sente e imagina.

Contudo, é no sentir que lembro também sobre o livro *Eu, Tituba*, na autoria de Maryse Condé (2021), no qual a personagem e a voz de Tituba deixam pistas de que, são nos rituais e encontros (coletivos) que diversas *insurgências* podem ocorrer:

⁴ O primeiro uso do termo “gentrificação” foi encontrado utilizado pela socióloga Ruth Glass, em 1964, ao observar sua realidade na Europa, em Londres, com a mudança de vizinhança, subtraindo a classe trabalhadora/ em situação de pobreza e sendo sobreposta pela média e burguesa. O que não dá conta de expressar e dizer da realidade brasileira, especialmente, da população negra.

Os mortos só morrem se morressem também em nosso coração. Eles vivem se nós os cultuamos, se honramos suas memórias, se colocamos sobre seu túmulo as mesmas comidas que eram de sua preferência quando estavam vivos, se em intervalos regulares nos recolhemos para comungar em sua memória” (Condé, 2021, p. 33).

Essa escrita, é uma forma de deixar a memória viva e coração pulsante, as perdas negras, que nesse instante se traduzem enquanto um corpo coletivo.

Chimamanda Ngozi Adichie (2021) compartilha que o luto é uma forma cruel de aprendizado e por vezes tem a ver com a derrota das palavras. O que é preciso desaprender desse tipo de leitura? Como não sucumbir (com) as palavras? Quem é o/a sujeito/a que as utiliza e se afeta por elas? Então, é com as/os mais velhas/os e suas formas de vivenciar a cultura que aprendo e agora perspectivo a inseparabilidade entre vivos e mortos. Pois isso envolve expurgar de mim o que o cristianismo ao longo da vida forçou como a única forma de comunicação, sofrimento, experiência de viver, morar, habitar e morrer.

Desejo escrever sobre esse viver rodeado de ancestralidade, memória e cultura diaspórica. Afinal, aqui a ancestralidade é composta por princípio, um tempo, desejo, e uma ontologia plural em movimentos pulsantes, os quais no cíclico há algo que se mantém, e algo que se diferencia e não deixa de comunicar, mesmo entre vivos e mortos (Martins, 2018, p. 203-207).

Na espiral do tempo vejo a necessidade de responder alguns questionamentos enquanto se modificam e surgem outras perguntas. Aqui me inspiro no tempo *espiralar* onde, para Leda Martins (2021), a ancestralidade pulsa, e nela germina uma disposição de movimentos no qual se incluem todos os seres e coisas, inclusive relações familiares e expressões sociais. Logo, “No tempo espiralar se manifesta formulações que invocam africanias, corpo-tela, e regem a oralitura; práticas medicinais curativas, invenção (fabricação de utensílios), arquitetura, narrativas e poéticas da voz, música, sons, artes, jogos corporais, danças afro, relação com o divino” (Martins, 2021, p. 207).

Portanto, pretendo trazer aqui palavras desde vivências à ficção, em costuras com pensamentos e imaginários que passam pela experimentação do meu (e do nosso) corpo negro. Esse corpo que é entendido, junto a Leda Martins, como um plantio de memórias em saberes encruzilhados, transportados da África para as Américas pelas práticas corporificadas, logo, a autora invoca o corpo como um lugar de saber contínuo de recriação, remissão e transformação (2021, p. 208).

Então, adianto, serão nas andanças acompanhado de muitos diálogos que farei um ensaio sobre a potência e possibilidades do que podem ser os *pólens de cuidados*, como uma forma de não invisibilizar os contornos que podem ser feitos aos pactos mortíferos sempre

presentes destinados a homens negros. **“Porque no meio de tantas derrotas, dor, sofrimento e, sobretudo, de invisibilização desse sofrimento, há, por outro lado, muita insurgência acontecendo e a gente também precisa falar disso”** (Faustino, 2021, p. 34, grifos meus). Afinal, na insurgência da nossa dor, imaginação e narrativa negra, o que pode hoje ser a liberdade de imaginar formas e condições de chegar a envelhecer dignamente, abrindo brechas?

Correr

Luz apagada,
Fêmur triturado,
Alvo nas costas.

Correr...

Para não lidar
com dilemas e
perdas abruptas.

Cor...

– Parada cardíaca.
Sem pausa para colheitas e
cultivos?

Zeca Amaral



Zeca Amaral

2 NO DESAGUAR DA ESCREVIVÊNCIA, UMA CALHA COM GAMBIARRA!

Tenho aprendido, com Conceição Evaristo (2020), a evaporar lágrimas e chover saudades, molhando solos de coragem. Para isso, ousou assumir essa escrita como Escrivivência. Uma Escrivivência singular enquanto tecnologia diaspórica na intenção de escutar homens negros e a pichar concretos.

O nosso corpo negro é saber e registro que encontra na distância já ultrapassada do universal, em quase quinhentos anos de opressão, um modo de formular o tempo de si, na temporalidade circular de uma matriz ancestral, poética e política anticolonial. O registro é pichado (para quem já pichou, o pichar dificilmente está autorizado, nem sempre é bem visto, pode ser punido e precisa, antes, afinar a tinta do *spray* para a tinta sair sem escorrer e riscar as próprias palavras, virando a lata de cabeça para baixo e liberando a pressão do gás...), quando ocorre de uma parede (ou folha branca) ser escrita com letras desenhadas e nem sempre compreendidas por quem não tem o hábito de lê-las, de outras perspectivas.

Conjuro Joice Berth (2023, p. 37-41), que nos orienta a não esquecer que o pichado nem sempre entra em harmonia com uma estética das ruas, pois traz a construção da feiura varrida para as bordas da cidade, nas periferias e favelas; recolocando-a para apresentar em um espaço (na mesa acadêmica), às existências segregadas, que lembram que antes da feiura do picho feita, há a feiura resultante da colonização, da segregação socioespacial, do genocídio e etnocídio desde a invasão do Brasil. Então, as retinas aqui, avistam beleza no pichar e tornam-se espelhadas nas Escrivivências a serem assentadas, pedindo Agô a Conceição Evaristo!

É no reflexo rodeado de presenças que vejo Conceição Evaristo (2020), e com ela a escrita é formada por letras que arrastam multidões, falando e dando significado a suas experiências sociais e econômicas, sem a finalidade de resumir pessoas negras a estatísticas e objetos de pesquisa. A imaginação não tem medo do escuro, tampouco se apaga na ausência de um modo de sistematizar a pesquisa à luz da razão positivista. Assim, Conceição Evaristo (2020, p. 37-38) nos ensina que não se pretende traçar uma escrita solitária e que se perca na solidão ou uma escrita que não é vista nas águas de Narciso; vem do abebé de Oxum e Iemanjá para conseguirmos tocar o nosso próprio rosto.

Para isso, Conceição Evaristo (2016, p. 7) nos deixa pistas insubmissas da Escrivivência: mesmo sendo escrita em coletividade, traz junto singularidade! Uma pista que consigo encontrar, aqui, é o ato de registrar histórias reinventando entre narração e acontecimento, o modo de nos fazer imaginar junto e sentir as histórias registradas.

Esse registro já está feito, desde as memórias compartilhadas como portal racial crítico, acham um modo na diferença poética e artística das palavras, a costurar com Escrivência um modo de diversos portais a operar aqui. No desaguar da Escrivência, adiciono a *calha* enquanto artefato ancestral, isto é, uma ferramenta epistemológica subjetiva e política, nomeada desse modo em homenagem a todos homens negros que existem na construção civil.

O que pode suprimir o encontro entre uma calha e uma gambiarra? – Tenho dois pontos iniciais a provocar. O primeiro, é viajar nos significados e possibilidades dados a uma calha desde a sua conjugação; visto que ela pode dizer sobre diferentes intenções e perspectivas. Por exemplo: calha(r) enquanto verbo intransitivo diz sobre um acaso oportuno; no verbo transitivo indireto, uma expectativa de combinação; e no verbo intransitivo se refere a uma possibilidade, ou, a um buraco⁵.

Você pode imaginar para que serve uma calha? Independentemente do tamanho, da composição que pode ter uma calha, e onde ela será instalada (telhado colonial, muros, mansão, barracos, no piso, em garimpos de rios, lagos, etc.), eu entendo que a calha não luta contra os fluxos da água, ela os direciona enquanto engole e expele. Segundo, em uma posição estratégica a calha é uma passagem, mas também pode ser vista na forma de um cuidado preventivo ao filtrar e impedir que o excesso ou continuidade de fluxos caóticos invadam, destruam, apaguem ou oxidem uma forma e matéria.

Logo, aqui a calha é um modo de conduzir a expressão de um sistema social-político-histórico pregado aos meus sentimentos, vivências e pensamentos passando pelo meu corpo, saindo na escrita, ficção e desenhos, antes que ele seja interdito pela insalubridade do racismo e decaia ao mofo da violência colonial.

Contudo, enquanto filho de um homem preto, “pedreiro”, alerta que a instalação de uma calha não é simples; ela não escolhe e garante quais matérias e águas – com temperaturas, cores e intensidades distintas – podem passar por ela ou não. E de vez em quando a calha entope, logo precisa de manutenção ou renovação, pois a própria calha se transforma – podendo precisar de uns improvisos com arames e madeiras para dar suporte a ela, ou, em algum momento, reconhecer seu propósito inicial encerrado, tornando-se outra possibilidade, como um canteiro de ervas, com plantas e flores. Isto é, a gambiarra, uma malandragem no improviso dos recursos possíveis. Tem calhas que desembocam na convocação com o orgânico que nutre e comunica a terra, tem calhas que desembocam na podridão dos esgotos... Sente o cheiro?

⁵ DICIONÁRIO Online de Português. **Calhar**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/calhar/>. Acesso: 07 nov. 2021.

Logo, o que eu tenho aqui é a preparação prévia dos materiais, com alguns procedimentos necessários para a instalação da calha. Allan da Rosa (2021, p. 63) convoca: “Como sumariar um rio que atravessa muitas regiões, climas, altitudes e ambiências humanas a partir de um conta-gotas ou de uma enchida de cuia?”. A calha pode ser um conta-gotas nas realidades de homens negros, realidades essas que não se esgotam e delimitam, se diferenciam e multiplicam, de modos imprevisíveis.

Portanto, será a partir das premissas básicas das calhas – escoar, deslocar, filtrar e reutilizar – que aplicarei elas na intenção de revisar, dialogar, criar e propor uma circularidade nas inscrições do meu corpo negro enquanto a pesquisa se constrói no processo respeitando minhas fragilidades e forças, não invisibilizando as presenças potentes que sou-sendo, enquanto vivo na escrita um luto, e questiono como ele é agenciado; bem como, o que ele conta e cumpre socialmente diante dos extermínios e desigualdades sistemáticas à população negra. Nessa pesquisa, ela tem como foco os homens negros.

Para chegar próximo às premissas citadas, preciso trazer minha argamassa epistêmica metodológica da Escrivência, a qual, nessa construção de pesquisa adiciono:

A) Encruzilhada e oralitura, a partir de Leda Martins (1997). A encruzilhada enquanto instância simbólica e metonímica, elabora uma diversidade de discursos desde ritos e performances, centraliza e descentraliza, influência e diverge, expressa multiplicidade e unidade, gerando sentidos (p. 28). Já a oralitura diz sobre uma inscrição singular do registro oral na linguagem, alterando o significante constituinte da diferença e da alteridade, da cultura e representações simbólicas (p. 21);

B) Poéticas de um Cu Preto, que adentram as disputas de luta enfrentando o jogo diário da violência colonial com táticas narrativas que recriam desde o corpo, a arte e sensível, frestas no silenciamento, repensando fábulas coloniais e devolvendo-as modificadas com seus mal-estares a partir do que o corpo em sua diferença experimenta, nesse caso, o corpo da bixa preta (Amaral, 2022, p. 127);

C) Cismar, conceito/termo de Allan da Rosa (2021) que é inserido como um modo de analisar as histórias e memórias nascentes das Escrivências. Allan da Rosa (2021, p. 93-94) atiza o cismar como algo que dá um lugar ao viajar no pensamento, dando espaço às multiplicidades de gostos, intuições e inteligências, as quais buscam enovelar delicadezas e sensibilidades, desde as matérias encontradas nos caminhos, jeito dos pés, ambientes e suficiência dos buracos da linguagem.

Aqui, mais um aviso: a calha é barulhenta. Detalhe importante a não esquecer, principalmente à branquitude, já que, como ressalta Conceição Evaristo (2020b), nossa Escrivência não tem o propósito de fazer ninar os da casa grande... e cuidado com os usos!

3 FLORES A HOMENS NEGROS É SÓ NA MORTE?

Uma celebração em diálogo ao “seu Luis”, o meu mais velho, meu pai.

Começo ressaltando que foi depois de ter a escrita em processo de fermentação e pausas, que dedico essa *correspondência* (Sant’Anna Junior, 2021), aos cuidados de homens negros em suas pluralidades de serem afetados e se afetarem nas diferenças, multiplicidades, contradições, mudanças, olhares difusos, produção de outras memórias e *pólens de cuidados*.

[...]

Localizo-me no outono de 2022, faltando algumas semanas para o inverno. Ainda assim, há dias muito frios nos quais o vento vem soprando nos dedos, gelando-os, tornando o ato de escrever desconfortável, mas urgente. É com as cortinas cinzas fechadas e um chá quente na caneca que me deu como presente, que prefiro seguir engolindo lentamente meu chá de hortelã adoçado com lembranças amorosas. Queria poder ter mais tempo com você. As lágrimas *correntes* de uma retina, azeviche, despencam na minha pele mestiça testemunhando isso. Sabe? Em contrapartida, “quase nunca” lhe vi chorar.

[...]

Já adianto que essa escrita não é para lamentar. Ela é um exercício de celebração e honra a memórias e narrativas pretas desde nós, enquanto batalho para minha *corpa de bixa preta* (Sant’Anna Junior, 2021) não desaparecer, como o vapor do chá, que em frente aos meus olhos demarcados em olheiras e vislumbres traumáticos, devagarinho observa o mundo que muitos de nós já deixamos, existindo sob demolição e entulhos.

[...]

Não é a sua partida que mais me dói. É como você fez a sua passagem. Também, o entre mundos que você habitou, e os resquícios deles que ficaram em nossa família e comunidade.

Quero escrever: para não esquecer o lugar da geração que faço parte enquanto vou descobrindo o que pode ser esse papel; para não individualizar a sua e a nossa história; e para não esquecer nossos sofrimentos, cuidados e resistências. É difícil... pois me pego disperso, saio e volto à escrita fazendo becos, enquanto sigo a pintar com palavras de cores insuficientes essa partilha silenciosa de traumas, raivas e curas nos amores. “Te escrever é perguntar ao amanhã como ele nos lerá” (Rosa, 2021, p. 119).

Então, volto à época quando eu era criança, antes da escola. Período quando no Morro da Conceição havia mais ruas de terra, em *chão batido*, antes do asfalto cimentado engolir e endurecer a vida orgânica, remodelando em outras arquiteturas os sonhos e laços comunitários na região.

Desde essa fase, o asfalto de concreto parecia implacável. E a gente? Pouco nos desvencilhamos do concreto. Ele parecia chegar antes dos pés tocarem o asfalto escaldante em dias quentes, e com baques perigosos em dias de chuva. As árvores aos poucos foram sendo cortadas, no verão era preciso chegar com antecedência com os banquinhos para ser possível nos sentarmos nas sombras disponíveis, estrategicamente disputadas com a vizinhança do beco e da rua. Por vezes, as sombras eram compartilhadas ou ofertadas às mais velhas e mais velhos... Por falar em mais velho – Pai, eu sinto a sua presença – aqui é a sua imagem a brotar em minha memória. São muitas memórias. A saudade dói, e ela é como uma faca sem fio que ao cortar esfarela um pão caseiro, para alimentar uma fome que não se extingue. Aqui na bagunça do luto, da dor, da raiva e do amor; esfarelo palavras e saboreio cada grão possível, enquanto sinto saudade do seu pão caseiro, esse saboroso ato como expressão de cuidado que eu recebia quentinho... da mãe e de você.

Figura 1 - Saudade



Fonte: acervo pessoal (2019).

Ainda me nutrindo em deliciosos gostos, retomo o pensamento: qual é a história que um cimento ou concreto pode contar? Suas roupas velhas, “de trabalho”, respingadas da massa

cinza, sempre ganhavam uma sobreposição de camada e cor; mas ainda seguia invisível no transitar pela cidade, carregando nas costas uma vianda e uma caixa de ferramentas.

Você me contava saber construir casas lindas, mas não podíamos habitar uma delas. Não havia verba. Mas, não custava sonhar, né?

O dinheiro já era certinho para a comida e os 10% da renda ao dízimo. O seu ritual, ainda na madrugada, era tomar um café com leite (pois café preto puro não gostava. Lembrava a infância onde às vezes café preto com polenta era tudo o que você tinha), comer um pão caseiro com margarina e preparar a vianda para trabalhar longe, chegando a pegar quatro ônibus. Algumas horas do seu dia eram pulverizadas em um transporte público lotado.

Ao mesmo fluxo em que não tinha tempo para ver meus irmãos e eu “aprontar” durante o dia, pois chegava ao final da tarde, querendo tranquilidade ou descanso. Porém não sem fazer um “suspense” de uma surpresa, com brinquedos doados ou potes de sobremesa que às vezes ganhava no trabalho e não comia guardando para a gente, geralmente os potes eram arroz de leite, sagu ou gelatina.

Na minha lembrança, uma das suas prioridades e formas de demonstrar cuidado paterno também era pela alimentação. Por exemplo, no jantar, você fazia a sua “mistura” que eu pedia, um modo de misturar arroz, feijão e carne em molho, em uma quantia que eu não conseguia acertar, ficando um gosto de lar para digerir com sucos (industrializados) de pacotinhos dissolvidos em garrafas de plástico. Uma melodia de talheres encontrando os pratos era o habitual das nossas noites. Tramando composição com o breu do beco e os mais variados sons e presenças da vizinhança, o silêncio dava licença os “hinos da igreja”; funk, pagode, rap; ou rezas e cultos aos orixás, para colocar de algum modo o corpo e a vida em movimento.

Já as durezas e preocupações do seu dia ficavam em silêncio. A não verbalização do que sentia era uma fenda visível, entretanto desconhecida; como a dimensão da sua pele ser tostada ou congelada dia após dia no sol, construindo casas, prédios e estabelecimentos comerciais aos “patrões”.

Não fazia tanto tempo que morávamos no beco, esse lugar que nenhum branco conseguiu deixar registrado em homenagem a seu nome e memória. Nascido em 1995, eu tinha três anos quando nos mudamos, e já corria até a ponta do beco e voltava, sacudindo o colar de chupetas no pescoço dizendo “*Pai, homem, homem*”, apontando para a entrada do beco, onde até hoje tem uma oficina, e na época um homem negro, pausava seu trabalho para “me assustar” e rir, me vendo voltando cambaleando para casa. Você me contava essa história dando risadas...

Por isso, em presentificação de afetos, lhe convido a conversar em roda com seu genro, Pai. Com os *exercícios de atrevivência* de sua pesquisa, vou experimentar romper silêncios para

contar outra história, onde vocês fazem composição. Com licença. – O que são os exercícios de atrevivência? – você certamente me perguntaria. Ademiél de Sant’Anna Junior conta que são:

[...] os quais, ao reunir os verbos “atrever e escrever” como aposta expansiva nas corpas pretas, fazem-nos existir para além dos scripts orquestrados pelo racismo e sexismo, neste tão contraditório quanto violento jogo da colonialidade. Exercícios de atrevivência, conforme os experimentados aqui, são vocalidades que escorrem do corpa não somente pela dicção: aposto nas composições de gestos e performances que se afinam desde os encontros coletivos destas vozes pretas na diáspora que, juntas, escorrem poéticas e políticas como atos de deslocamento e reexistências [...] (Sant’Anna Junior, 2021, p. 23).

Logo, qual início identificamos marcar a nossa história? Morávamos antes na Vila Cruzeiro, na “Pedreira”, conhecida região da viela a quem mora perto. Nela havia uma casa cercada de flores, temperos, chás e plantas como violetas, vincas, chá de boldo, chá de guaco, espadas de Ogum/São Jorge e Iansã/Santa Bárbara, hortelã, alecrim, cebolinha, alho-poró, salsinha, etc. Insisto imaginar a casa enquanto não lembro mais dela e as poucas fotos foram extraviadas. Como será que era ter o barulho da chuva nas telhas de lata, ou o calor que emanava do telhado em dias quentes, junto ao fogão a lenha? Que gosto tinham a comida e a vida?

Nesse lar, reconheço a importância de um avanço à nossa geração e insisto nomear, pois foi o canto de terra que a Bisavó “Vó Fininha” lhe presenteou antes de fazer passagem, aos 106 anos. Uma conquista acumulada de suor e sangue de muitas gerações anteriores; uma família negra e mestiça ter um cantinho de terra próprio para habitar. Além disso, a partida da bisa não ocorreu antes dela escolher o meu nome e me dar banhos com chá de funcho e mais ervas. Fui um moleque preto dengoso desde a bisavó. E seu denço, desde quem pôde se alicerçar? Como será que foi se tornar um pai sem conhecer o seu? De onde as referências de cuidados podem se aterrar a homens negros? É, Pai, foi preciso muitas gerações para ocupar um cantinho de terra em companhia da nossa gente. Todavia, antes da bisavó, não sabemos mais a nossa história. Seria mais fácil, considerando os sequestros e prisões antes e após a escravização perguntar: quantas famílias e comunidades negras sabem toda sua história de **pertencimento**?

Falando em pertencimento, Achille Mbembe (2018a, p. 264-266), tenciona essa ideia de pertencimento quando fala em uma ordem de algo ou alguém, como a um patrão branco, desumanizante. O que isso te lembraria? Sua forma de lidar com um não lugar no trabalho, era nas cervejas em bar...

Contudo, após uma briga de bar com nosso tio, e outras pessoas, você se meteu e, dias depois, seu corpo foi atingido, sem erro, por disparos seguidos enquanto estava sentado na varanda de casa. Será que a violência era o único diálogo ou atmosfera conhecida? Sua vida bambeou por alguns meses em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Enquanto a mãe, mulher negra, não letrada na alfabetização em português, buscava vender a casa e achar outra

para morarmos, temendo por nossas vidas, fazendo faxina e obtendo apoio de outras mulheres nesse corre pela sobrevivência.

Tento imaginar pelas histórias da mãe que cresci ouvindo, e que têm uma intempestividade contagiante, nascida em um lugar de Santa Catarina, com o barro e árvores em companhia, o brincar e o tempo na escola roubados pela violência de Estado que, nos fios **antinegros**, não se importaram em promover a garantia de direitos. No cansaço de tentativas, após duas semanas na escola, teve que evadir da educação e aprender a cozinhar para fazer comida aos mais velhos e mais novos enquanto alternava em carpir na roça, para ganhar um trocado menos que suficiente para uma mesa ser livre a repetir e saborear mais de um prato por pessoa...

[...]

Sobre antinegro/a(s), aqui, uso inspirado enquanto faço referência e diálogo com a *antinegritude* de Frank B. Wilderson III (2021) e diálogos com Osmundo Pinho (2021). Wilderson III manifesta que a antinegritude move a busca pela soberania tanto quanto o desejo para se ver livre do colonizador, em um mundo que segue reeditado o lugar de SER escravizado, pela perspectiva antinegra (2021, p. 58). Já Osmundo Pinho acrescenta a ancestralidade como ponto de vista no Brasil, com candomblés, batuques, quilombos – **trazendo o africano como ponto de vista subjetivo, político e fundamento, assim como, “escravo” e “africano”, seriam metamorfoses e não categorias em dualidade (2021, p. 24-27).**

Aqui, ao aplicar antinegro ao longo dessa escrita, dou atenção à raça, à formação histórica, Estatal e cultural do Brasil, atravessada por movimentos negros invisibilizados pela branquitude e, ainda assim, em encantamentos viscerais, apesar de das conspirações de morte, pobreza, encarceramento, escassez de moradia, escassez de políticas públicas e abundância de políticas diárias de embranquecimento.

[...]

O quanto doíam os dedos para amarrar meias nas mãos em bolhas sangrentas, Mãe? Quantos dia dos “pais” devem ter sido trabalhando, imaginando homens que já haviam partido, para outras conquistas, cemitérios ou prisões? Mesmo não lendo, sabia contar seu dinheiro aprendendo sozinha, precisou trabalhar em obras de construção civil (raspando a cabeça e tentando ficar menos “feminina”, com receio dos assédios; viajou para muitos lugares do Brasil e nas histórias de amor, nos riscos de morte e violências teve que fugir tanto... Foi em uma dessas fugas que conheceu o pai. Sua experiência segue em cada exemplo de cuidado e de pensar coletivamente para todos que a conhecem, como para sua prole educando e fazendo sacrifícios inimagináveis. O exemplo da minha mãe na construção civil é uma pista que os papéis de gênero não têm a mesma aplicabilidade a pessoas negras...

Foi batendo palmas em muitas casas e regiões que a mãe soube de uma pequena casa em um beco estreito à venda na zona leste de Porto Alegre. Enquanto vendia sozinha a nossa casa anterior, na Vila Cruzeiro. Você saiu do hospital a tempo para formalizar em seu nome e sobrenome os negócios. Sempre me questionei o motivo do seu sobrenome “Carmo”, bem como, meu sobrenome “Candido” e “Amaral”, se referirem tanto no âmbito familiar materno quanto paterno, a avôs que nunca soube como eram; visto que abandonaram minhas avós com suas proles nos primeiros anos de vida. Ainda assim carregávamos seus nomes, por quê? Você nunca foi embora, era raro no morro conhecer amigos e amigas recebendo cuidado de pais e avôs, pretos e presentes.

Seguinte à sua recuperação, você escutava que “nasceu de novo”, já tínhamos um novo lar para habitar e a chance de seguir a vida; não demorou muito, nossa vó, tias, tios, primas, primos vieram morar em outras casinhas do beco, perto da gente. Esse beco era uma antiga ocupação de outra geração, a qual muitas narrativas se perderam, mas lembro de me contar que algumas pessoas estavam a vender suas casas em busca de outros lugares perto dos seus, ou na busca de viverem em melhores condições.

Conforme fui crescendo, porém, comecei a captar você sair para a rua alegre, sorrindo e conversando na vizinhança, porém voltar para casa sério, tenso, e em silêncio, Pai. Na entrada do beco, havia uma bela casa rebocada, com pátio e jardim, e uma senhora branca, idosa repetia a quem cruzasse o seu caminho “*negrada maldita, eu vou expulsar todos vocês daqui antes de morrer, esse terreno era do meu pai*”.

Será que o racismo, junto às ameaças e humilhações foi um dos motivos da casa nunca ter sido reformada, Pai? Eu tinha medo de que ela fosse desmoronar na gente. Mas me pego imaginando, quais eram seus medos? Será que cogitava que ela expulsaria a gente do sonho da casa própria, conquistada após gerações? Conforme o tempo se entrelaçava, acompanhei os barracos na região sendo vendidos, alguns prédios erguidos, os estabelecimentos expandindo suas áreas físicas, mas nós continuávamos no mesmo barraco, sem alterar a sua arquitetura. Um dia recebemos uma notificação de um escritório de advocacia avisando que teríamos que pagar aluguel mensal. A união do beco dissolveu essa e outras maracutaias⁶.

Porém, na viela cheia de outros becos, esses becos enquanto veias vivas da cidade, um deles tinha uma das entradas em nossa rua residida, a *Humberto de Campos*, mais abaixo, nele algumas pessoas foram sendo retiradas da “Pinto” (de João Pinto, ficou suprimida a pronúncia

⁶ “Trapaça, golpe, engodo”. Palavra de origem Africana. Fonte: PORTAL Geledés. **Palavras de origem africana no vocabulário brasileiro**. 22 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-no-vocabulario-brasileiro/>. Acesso em: 10 Jun. 2022.

no cotidiano o modo de se referir a ela no morro), sob argumento que as casas se encontravam “em área de risco”, logo foram demolidas – e barro seco em volta das casas passou a ser asfaltado. Uma parte da história foi despejada junto, em algum lugar, com essas retiradas pintadas de uma segurança asséptica, sem diálogo. Não quero correr o risco de romantizar o barro, afinal quantos tombos em dia de chuva já não houve? Joice Berth (2023, p. 81) pede passagem aqui, para completar que é um privilégio social não precisar colocar sacola nos pés, ter de usar galochas para chegar até a escola, ou não precisar andar quilômetros para acessar água em um poço.

Quantas crianças pretas e pobres não foram barradas de entrar na escola por estarem “sujas”, então, Joice?! (*Lembrei de uma professora branca, que revistava as unhas, cabelos e orelhas dos alunos, na segunda série, como forma de liberação à recreação ou uso do banheiro, e humilhava publicamente se a limpeza não estivesse de acordo com seus critérios de higiene*).

Quantas crianças e adolescentes foram chamadas de “chinelonas”, aqui no território do Rio Grande do Sul? Chamar alguém de chinelo no Rio Grande do Sul é uma forma de xingamento que introjeta uma hierarquia e simbolização da pobreza, racismo e sujeira... Quantas crianças no morro, às vezes tiveram o chinelo com prego como único calçado? Há quem julgue, se incomode e até chame de ostentação quando pretos e pretas podem comprar um tênis caro para vestir os pés. A crítica esconde tanto... quem se pergunta os motivos desde a escravização, com os nossos descalços na desumanização?

Ao entrar na escola e conviver com outras crianças e adultos diferentes, brancos, por vezes, eles chamavam-nos de *maloqueiros* – não entendia o que isso significava, mas pelo modo depreciativo proferido parecia ser algo ruim. Morar em beco, por um tempinho deu vergonha o suficiente para não contar onde morava e ser humilhado, ou de trazer amigos/as em casa – o sonho passou a ser morar em outro lugar. Contudo, pude territorializar em outros sentidos na vida adulta. Revisitando a minha história, percebi que os becos – proferidos “*becus*” – foram políticas em trânsitos me levando aos primeiros contatos com os efeitos dos quilombos e de uma coletividade negra que não começa necessariamente no ensino superior com o mundo da escrita, mas em contação de histórias em resistências locais, principalmente com a mãe e a vó (Amaral, 2022).

Que sonhos faziam parte de você? Ouvi muitas vezes que gostaria de voltar a morar em um pedacinho de terra como o da outra casa, com espaço para fazer uma horta, árvores, “criar animais” e até deixar uma rede pendurada. Tem dias que a cidade me cansa, e me pego com essa vontade renovada aqui.

De volta a outro tempo, na parte da Rua Humberto de Campos, mais abaixo, um terreno ocupado com mais “maloqueiros” havia sido vendido “a preço de banana”, diziam a você. Fui procurar o significado da expressão que cresci ouvindo. E não é que ela também traz uma *ladaia* antiga dos portugueses invadindo o Brasil e enganando os habitantes originários presentes?

Nesse comentário, trago Jéssica Maria Rosa Lucion (2020, p. 24), ela nos conta que por haver em abundância bananas no Brasil e não demandar planejamentos complexos, por consequência não impactava no aumento de valor, surgindo a expressão desde então da colonização portuguesa. Logo, o lucro não era atraente à lógica apropriadora e expropriadora portuguesa, que transformou a natureza em produto. Algo que deixa marcas e feridas na sociedade brasileira, pois esses feitos sangrantes se atualizam. Por exemplo, acrescento com Michelle Girão Pinheiro (2017, p. 17-60), que em sua pesquisa evidencia a construção de um olhar pejorativo ao Brasil, como a denominação da “República das Bananas”; ou de capturas comerciais com aparato de publicidades, como das Lojas Marisa, em 2011, se referindo a bananas como “liquidação”, “queima de estoque”; e o adereço de bananas na cabeça de Carmem Miranda no estrangeiro divulgando a cultura brasileira, porém Michelle não vai além à problematização própria, nomeando, ao final, a artista Carmem Miranda apenas como um símbolo incontestável da cultura brasileira. Será só isso?

O que será que impacta no corpo negro a associação à banana e a expressão “a preço de banana”? Como se atualizam esses impactos? **Qual a dimensão e a intensidade do sofrimento causado?**

Aos homens negros, também podemos ter uma pista dessas memórias traumáticas da colonização portuguesa ainda (no) presente, quando Dirce Cristina de Christo e José Carlos Gomes dos Anjos (2020, p. 408-409), a partir de uma pesquisa feita em 2018 na comunidade quilombola Macaco Branco, localizada no Rio Grande do Sul, que (desde a falsa abolição) em um contexto de falta de recursos e apoio, com condições de trabalho precárias, a expressão “a preço de banana” conta a história de terras vendidas pelos homens para sobreviver às necessidades materiais, havendo até troca de pedaços de terra por comida ou negociações induzidas após alcoolizarem os quilombolas, fazendo muitos da comunidade serem roubados na “legalidade” – a maior parte das terras pertencem a alemães e pessoas de outras regiões, a partir disso.

Uma busca rápida na internet com as palavras “banana” e “negro”, reforça que, independente da região, a banana e a expressão “a preço de banana” servem para impor que a humanidade e dignidade negra não tenham espaço em lugar algum, pois servem como símbolos e condutas que desumanizam e expulsam. Nada de novo desde a colonização, com a invasão de

Pindorama que passa a receber o nome de Brasil. Saca a complexidade da *ladaia*? O que será que atualizam dessa *ladaia* quando jogam banana em gente preta ou imitam macaco?

A banana é um signo universal da colonização. Utilizada como expressão da hipersexualização de homens negros (enquanto corpos a servir e proporcionar prazer, como vibradores interativos) e com o propósito de evocar, das memórias e feridas passadas, uma infecção cultural nova. É sangrenta e presente. Como uma forma abafada e pactuada pela branquitude, pelos estabelecimentos comerciais e jurídicos, de seguir sendo replicada. Na partilha da banana em algoritmos, campanhas comerciais e condutas, é preciso questionar: quando ela não surge como um ritual a fim de assumir um espaço no imaginário racista e desumanizante – seja fazendo o ato, ou silêncio e indiferença sobre ele?

Nessas horas, homens e crianças negras, não são colocadas em categorias genereficadas, humanas e com direitos, mas descartadas do mundo, como produtos que passaram da validade para a branquitude. Não é um caso isolado, quando o então árbitro Márcio Chagas tem bananas jogadas em seu carro em 2014⁷, na serra gaúcha, ou em 2023⁸, quando duas “influenciadoras digitais” filmam e se divertem ao darem banana e um macaco para duas crianças negras. Nesses exemplos, se desloca de maneira coletiva e não isolada a não elaboração colonial da escravização ter oficialmente acabado. Clama-se a volta de uma relação de poder escravizadora, com as colônias e fazendas, sem nenhum direito e necessidade de dissimular ódio e desprezo.

Quem sabe a banana revela a recusa de ter “acabado” um prazer sem censuras, de matar, gozar, explorar, violentar e lucrar, desde os regimes escravagistas?

Frantz Fanon (2008, p. 105-106) exemplificou que um dos casos mais profundos de desumanização e racismo se deu a partir da banana, ou melhor, da expressão “*y’a bon banania*”, utilizada em pinturas/cartazes para divulgar a venda de farinha de banana com açúcar, mostrando um homem negro representado na imagem e imaginário das retinas colonizadoras (estereotipado, feliz na servidão, e soldado).

Ei, Fanon, cismo se essa expressão seria como um estrondo de tijolos a desabar em cima de corpo negro. Reduzido pelos colonizadores, cada pedra é um fetiche que pode machucar e em certas circunstâncias matar, e ainda esperam uma estereotipia dócil e desprovida de intelecto

⁷ Mais informações, conferir em: SILVA, Cristiano. **Árbitro reclama de racismo e bananas em carro no RS**. Terra, 6 de março de 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/estaduais/campeonato-gaucha/arbitro-reclama-de-racismo-e-bananas-em-carro-no-rs,9a423de158894410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 23 dez. 2023.

⁸ Conferir em: NASCIMENTO, Rafael. **Influenciadoras que deram banana e macaco de pelúcia para crianças são indiciadas por racismo**. G1, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/14/influenciadoras-que-deram-banana-e-macaco-de-pelucia-para-criancas-sao-indiciadas-por-racismo.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2023.

na visão colonial, já que não sabiam construir e somar relações. Quanta insignificância deviam ter sentido nas gentilezas e rituais festivos, alegres, fora de Europa, ao encontrar os “negros”? Abaixo vemos a imagem que enriqueceu muito patrão branco:

Figura 2 - Google imagens ao pesquisar “y'a bon banania”.
google.com



Fonte: captura de tela feita pelo autor (2023).

[...]

Então Pai, de volta ao terreno vendido “a preço de banana”, antes com árvores de frutas e barracos – atualmente um condomínio, onde o senhor passou a trabalhar contratado até de carteira assinada, construindo dezenas de casas, em um padrão de dois andares, com vaga para carro, portaria, piscina coletiva. Não surpreende que o condomínio fosse homenageado com o sobrenome de quem tinha o dinheiro, o patrão branco. Como será que foi para o senhor derrubar

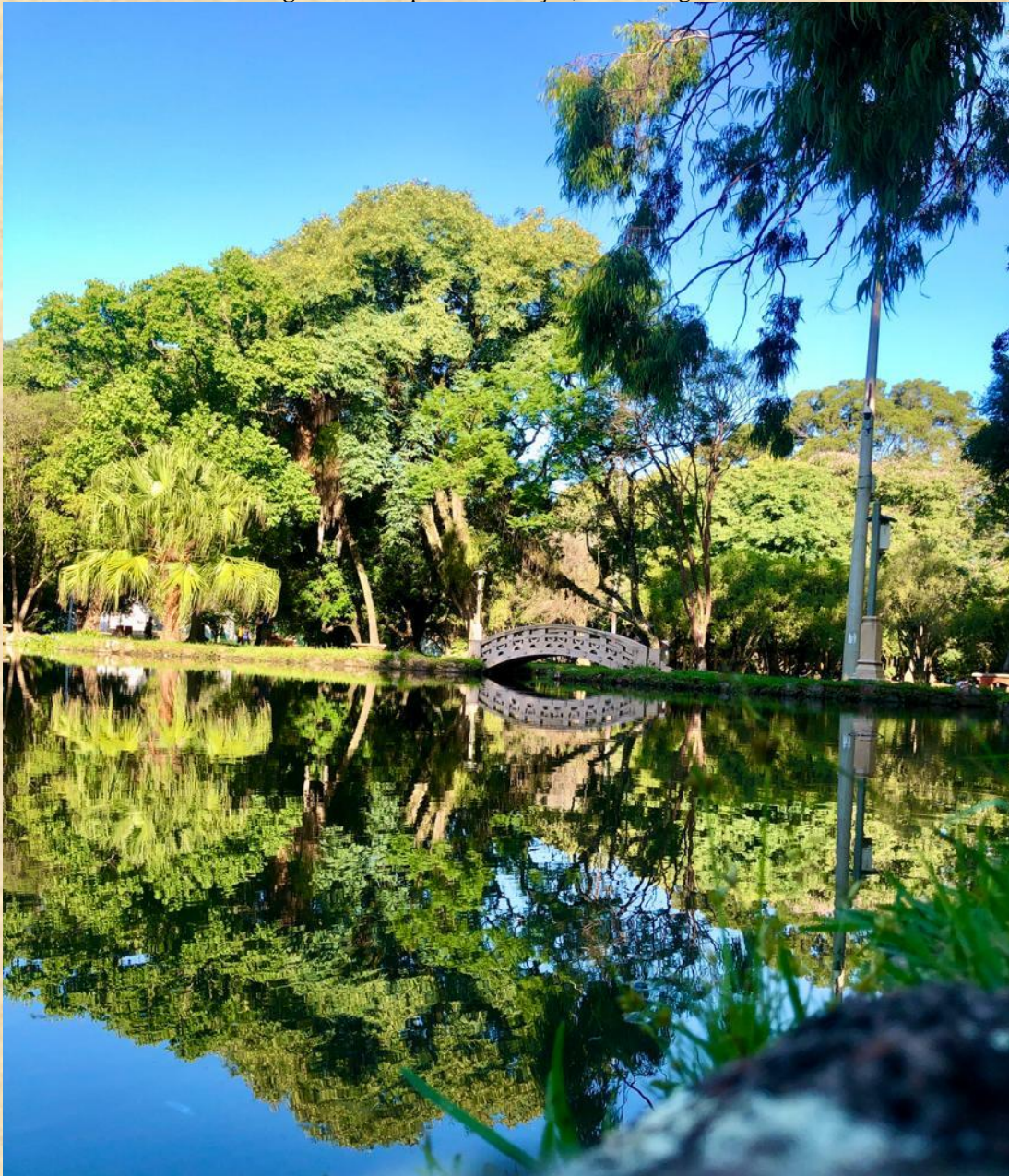
as bananeiras do terreno? Aprendi com uma amiga que sustenta o silêncio de um modo singular, filha de Xapanã, que as bananeiras podem ser plantadas invertidas, assim elas crescem mais doces e fortes, pois a raiz precisa dar a volta para depois subir!

Como seria a sua reação ao lhe contar? Ora, me responderia, astuto, uma lição de equilíbrio, lembrando-se de ter escutado falar da capoeira e de “plantar bananeira”? Ou faria um convite a sentir uma pedagogia das raízes invertidas, com a flor de bananeira? Logo, qual é a história que importa(ria) de um movimento? Pois, às vezes, “Todos gostam dos saltos que dou na capoeira, mas ninguém liga para os que dou para continuar vivo” (Nunes, 2019, p. 36). Entrei na roda depois, e não vi alguns movimentos (seus) de sobrevivência. Será que homens negros podem ser vistos para além dos roteiros impostos e automatizados da violência? Afinal, qual é o comprometimento da dor e da perda, nesses saltos?

Ainda no desaguar de perguntas, por acaso, em um calor escaldante de Porto Alegre, você teve vontade de dar um pulo na piscina dos patrões brancos? Sua memória me convidava imaginar junto o tempo em que se refrescava em rios, enquanto a água da mangueira amenizava o calor. A diversão sua um dia foi ver eu e meus irmãos nos refrescando na rua, em frente ao beco, quando na calçada o concreto rachou, e um cano à mostra fluía água. Você dava risada nos olhando da sombra, com a galera dos condomínios incrédula, vendo os maloqueiros se divertirem. Esse concreto podia rachar mais vezes, né? De muitas maneiras, até no concreto já existe cuidado negro. Nossos pólenes de cuidados estavam se espalhando aqui também. **Pólenes de cuidados são o que permitem a vida negra germinar, em uma artesanaria de novas vidas- sementes gestadas, desde micropolíticas cotidianas a cada encontro e integração, de modo acessível desde o chão com o propósito de desadoecer, contornando inter rompimentos do afeto pela violência e pela brutalização colonial, anti-comunitária e excludente.**

Por outro lado, em alguns momentos fazia bem sair um pouco do morro. Pisar outros cimentos da história enfiada goela abaixo desde a primeira série sobre o “descobrimento do Brasil” e da “Revolução Farroupilha”. Mas, com a gurizada do morro, até os chafarizes da Redenção viravam piscina (e não via ninguém se importar, apenas o incômodo dos *maloqueiros* estragando e sujando a paz, destoando o cenário, era compartilhado). Então era preciso *malocar* o resto da cidade (e talvez a psicologia hoje), isto é, trazer elementos em territorialização negra para encantar ocupando com presença, enquanto por vezes, incomoda relações e ideias “limpinhas, muito claras”.

Figura 3 - Parque da Redenção, Porto Alegre/RS.



Fonte: acervo pessoal (2023).

A gente estava nem aí para essas estátuas em volta dos colonizadores, mas ainda assim elas estavam lá, para que a gente não esquecesse. Então, é bom lembrar que Pablo Silva Figueiredo (2014), vai apontar que as vilas de “malocas” em Porto Alegre têm a ver com um processo de imigrantes rurais, a partir do século XX, passando a conviver com negros, descendentes de escravizados (só que não, de africanos) e, a maioria ocupante das “malocas”, lugares esses, territórios negros, como frisa Vanessa Zamboni (2009).

Voltando um pouco no tempo, Jessé Souza (2017), no livro *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*, na sessão “Sobrados e mucambos ou o campo e a cidade”, pensa uma relação da obra de Gilberto Freyre e o Brasil a partir de 1908. Para ele, a geografia e poder

patriarca se modificam, pois os “patriarcas rurais” mudam-se para cidades e metrópoles, alterando a ordem social, dos vínculos e de valores junto à urbanização. Porém, não parece uma grande armadilha. Jessé Souza (2017, p. 38-39) aponta que a opressão se deslocou de senhores de “escravos” para portadores de valores europeus, sejam eles de “qualquer cor”. Recuso essa visão em parte. Por aqui perspectivo que sempre há uma cor protagonizando e usufruindo o legado do racismo e da colonização, e ela é uma obra estruturada na raça social branca, e quando encaixa rapidamente esse argumento generalista, atende a um molde da ideologia e estrutura racial subjugadora construída: a branquitude.

Aliás, quais imagens que a branquitude constrói sobre si? Quais problematizam? Allan da Rosa (2021) desenrola esse papo e pesquisa, vendo que há moldes colocados a serem exemplificados como um sujeito correto, limpinho, sério e regrado; e isso se relaciona na naturalização e gestão da brancura no lugar de gerir também poder, ser higienista e não ser questionada e ser aplicada a si os critérios assépticos nas relações cotidianas. Logo, na “boa aparência”, aponta-se a exclusão de vagas de trabalho e estudos, encarceramento em massa... Na loucura não seria diferente, com mulheres negras e homens negros ocupando a etiqueta médica de *degeneração* (Rosa, 2021, p. 60- 61).

Enquanto na “sujeira” do morro não havia muitos espaços para brincar além dos inventados, os dias ficavam “mais” especiais ao poder acessar a *Redenção*, o parque, ou o *Gasômetro*, antigamente, principalmente comendo um sanduíche na sombra, olhando as tartarugas na água da Redenção e andar de barco ao som de samba ao vivo, na orla do lago Guaíba. Qual será a história que vozes negras podem contar desses lugares? E de outros?

A paz desses momentos era efêmera, pois sempre éramos acompanhados de olhares, como se estivéssemos sujos. Não à toa algumas pessoas do morro que convivi, quando percebiam isso, suas possíveis formas de lidar com essa hostilidade racista eram perguntas do tipo: *algum problema? Tô cagado/a para estar me olhando assim?*

O que você registrava, pai, quando íamos ao *shopping*? Dava raiva aqui, a cada passo vigiado por seguranças, das risadas da gente na nossa frente, ou da vez que você contava feliz como a estrutura do Barra Shopping foi planejada ou construída, e um homem branco e duas mulheres brancas que estavam próximos escutando se olharam, rindo e desdenhando se autorizaram a dizer alto “*olha como ele é inteligente*”, enquanto davam risadas. Sua raiva seguia sedimentada pelo silêncio. Mas, se você falasse algo, qual seria o risco de já ser colocado no lugar do “homem negro violento”? E o que compõe esse lugar? A partir de qual outro?

Queria ter lido para você o livro de contos do Davi Nunes, *Zanga*, que tem uma frase que você talvez não me pedisse para reformular, ela diz: “A humilhação é uma forma de morte

também, quebra a dignidade, e essa frase foi proferida como uma bala na minha cabeça” (Nunes, 2019, p. 36). Saca? Os tiros que você ouviu na varanda continuavam ao passear pelas arquiteturas da cidade, que de algum modo nos advertia que nosso lugar de entrada devia ser no máximo pelo “elevador secundário na entrada de serviço”.

Porém apostando nos escapes em vida e da nossa humanidade, dessa vastidão que é o mundo e você pouco conheceu, sua insistência em afetos que somam, respondeu parte das muitas perguntas não feitas. Apesar do desejo, viajamos pouco em família, o dinheiro era para comer. Mas, em uma dessas escapadas, nos anos 2000, conseguimos viajar para Santa Catarina, na cidade de Concórdia, no bairro “Nova Brasília”. Fomos visitar a “outra vó”, ela que todos os dias no café preparava um chá diferente. Lá o bairro, a maior parte ainda não havia asfalto, nem água encanada. Será que as pessoas lá sabiam o que era saneamento básico tomando banho em tanques, sanga de água ou esquentando chaleiras e misturando nas bacias? Sem mencionar o uso de patentes...

Você havia feito um empréstimo. Nunca o tinha visto sorrindo tanto e despreocupado com dinheiro, enquanto comprava picolé a mim, meus irmãos, primas e primos, de um senhor com carrinho ambulante que passava. Mais tarde, você me observou com meus irmãos de longe brincando com os pés descalços no barro cor de sangue, em frente à varanda. Eu brincava com uma cana-de-açúcar, para mim ela era minha espada, e eu lutava sozinho contra algo invisível. Nem sabia o que era uma cana-de-açúcar “*ah, esses meninos da cidade grande, traz aqui pra tia descascar...*”. Desbravando pude sentir o gosto doce e enjoativo de uma *cana* pela primeira vez. Não gostei.

Em um futuro tricotado depois, apreciei menos ainda a memória desse sabor. Ainda assim, eu criança, cuidado e amado pela mãe, avós, tias e por você, Pai, fui capaz de transformar algo com uma história atravessada pelo racismo e expropriação, tão doída, em uma brincadeira – e luta. Será que conseguimos resgatar essa força hoje? O que será que a intensidade da sua diabetes diz dos gostos provados na sua trajetória de vida?

Figura 4 - Foto autoral, feita enquanto rito da memória de uma vivência feliz de infância no lago Guaíba, habitando de modo raro a cidade com minha mãe, pai e irmãos.



Fonte: acervo pessoal (2023).

Forças da Natureza

<p style="text-align: center;">Quando o Sol Se derramar em toda sua essência Desafiando o poder da ciência Pra combater o mal</p> <p style="text-align: center;">E o mar com suas águas bravias Levar consigo o pó dos nossos dias Vai ser um bom sinal</p> <p style="text-align: center;">Os palácios vão desabar Sob a força de um temporal E os ventos vão sufocar Com um barulho infernal</p> <p style="text-align: center;">Os homens vão se rebelar Dessa farsa descomunal Vai voltar tudo ao seu lugar Afinal</p> <p style="text-align: center;">Vai resplandecer Uma chuva de prata do céu vai descer O esplendor da mata vai renascer E o ar de novo vai ser natural</p> <p style="text-align: center;">Vai florir Cada grande cidade o mato vai cobrir Das ruínas um novo povo vai surgir E vai cantar afinal</p> <p style="text-align: center;">As pragas, as ervas daninhas As armas e os homens de mal Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval</p> <p style="text-align: center;">As pragas, as ervas daninhas As armas e os homens de mal Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval Mas quando o Sol...</p> <p style="text-align: center;">Quando o Sol Se derramar em toda sua essência</p>	<p style="text-align: center;">Desafiando o poder da ciência Pra combater o mal</p> <p style="text-align: center;">E o mar com suas águas bravias Levar consigo o pó dos nossos dias Vai ser um bom sinal</p> <p style="text-align: center;">Os palácios vão desabar Sob a força de um temporal E os ventos vão sufocar Com um barulho infernal</p> <p style="text-align: center;">Os homens vão se rebelar Dessa farsa descomunal Vai voltar tudo ao seu lugar Afinal</p> <p style="text-align: center;">Vai resplandecer Uma chuva de prata do céu vai descer O esplendor da mata vai renascer E o ar de novo vai ser natural</p> <p style="text-align: center;">Vai florir Cada grande cidade o mato vai cobrir Das ruínas um novo povo vai surgir E vai cantar afinal</p> <p style="text-align: center;">As pragas, as ervas daninhas As armas e os homens de mal Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval</p> <p style="text-align: center;">As pragas e as ervas daninhas As armas e os homens de mal Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval</p> <p style="text-align: center;">As pragas, as ervas daninhas As armas e os homens de mal Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval</p>
--	--

João Nogueira e Paulo César⁹

⁹ JOÃO Nogueira – Tema. **As Forças Da Natureza**. YouTube, 16 de maio 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LaV_MWOaH2s. Acesso: 08 dez. 2023.

[...]

Pai, aqui eu não deixo apagarem que você nasceu em 1958, no Rio Grande do Sul, em Erechim. Sem filiação paterna registrada, e até desconhecida. Nasceu em casa com o apoio da nossa bisavó, que com suas ervas e chás fez você um humano grande, para seguir apostando na vida. Em um contexto de racismo, pobreza e aspereza você foi crescendo, mas qual referência pôde ter? Insisto em não esquecer que, aos doze anos, na sexta série, a fome como sombra que não desaparece com o sol, no comunicar de fome dos mais novos e novas, você foi cogitando que os “bicos” (trabalhos autônomos) não eram suficientes. A insuficiência foi queimada e marcada na sua pele preta, como um couro recém forjado que ninguém parecia ligar ao queimar. Isso o levou a trabalhar em obras de construção dita civil, sem tempo ao lúdico e aos sonhos.

Com quem você podia ser frágil e dizer sobre suas dores? Consigo imaginar você a andar quilômetros após o “trabalho”, à noite, indo e voltando da escola, dando preferência da distribuição dos alimentos comprados aos mais novos, e à vó, nossa mais velha (hoje chamam de insegurança alimentar nas políticas públicas, mas a fome brasileira segue presente). Enquanto o cansaço compunha trilha com a barriga gritando, competindo com o barulho de cigarras, na casinha de barro e madeira que morava. Por consequência, não deu conta do tranco, a sexta série não foi completada. Seu horizonte pedia sobrevivência e o pagamento de uma dívida. Quando passou a dever, Pai? Seria a *dívida impagável*¹⁰?

Nesse trecho, em diálogo, invoco Denise Ferreira da Silva (2019, p. 154-178), quem nos diz: a dívida não deve ser paga. Denise Ferreira da Silva fala de um outro aspecto, nessa circunstância cria uma ferramenta da poética negra feminista, com pegadas para ver perspectivas que dimensionam e explicitam o capital financeiro para sustentar, assim, a leitura que o capital global vive da expropriação de escravizados e indígenas (bem como uma acumulação de roubos nas Américas).

Denise Ferreira (2019), diz que é preciso ir além do que se repete e se (re)cria nos ilimitados detalhes emaranhados do trio – colonial, racial e capital! Que talvez o mundo como conhecemos esteja comprometido a desejar (ou objetivar) se relacionar assim nesses emaranhados, a fim de manter faturamentos e lucros do capitalismo, que privilegiam a violência. Por isso, Jota Mombaça (2021) nos lembra – um monopólio da violência. Então, quem detém? E a quem interessa deter?

¹⁰ O conceito é apresentado por Paula Chakravartty e Denise Ferreira da Silva em *Accumulation, Dispossession, and Debt: The Racial Logic of Global Capitalism – An Introduction*, *American Quarterly* 63, n° 3 (setembro de 2012). A autora se inspirou no conceito de imagem dialética de Walter Benjamin (Silva, 2019, p. 148-154).

Portando uma dívida durante o seu passado, em sua adolescência suprimida com a transição forçada ao mundo adulto, para continuar com comida na mesa, era melhor *ser* apenas *mais um trabalhador* obediente e esquecer no espaço a inconformidade e a raiva. – É melhor que a cadeia ou cemitério – tentava se convencer (ouviu muito). Destinos esses, comuns aos homens e amigos conhecidos da família, isto é, os que não fugiam da responsabilidade de se tornar pai e companheiros.

Imagino se esse contexto foi propício a lhe seduzirem com o papo que suas dores e miséria podiam ser resolvidos apenas se esforçando. Trabalhando aos homens brancos engratados que não sabiam o que é ser afetado pelo peso das correntes nos pés, ou hasteados pelo pescoço, desde a escravidão. Não demorou e os sacos de cimento e pilhas de tijolos logo cedo empilharam sua dignidade, e como fatura lhe enviaram uma hérnia em sua barriga, não ligando para o momento, com as contas sempre atrasadas, sem um cascalho no bolso.

Com a infância e adolescência suprimidas, você aprendeu a seguir correndo e ampliou a sua dívida quando completou maior idade, em 1976 apostou no exército, onde obediência é requisito aceitável e pensar criticamente é infração. Nessa fábrica servil, passou a cumprir ordens com um afeto harmonioso, neutralizando sua voz em nome de um amor à pátria e da convivência dita tranquila do mito das três raças. Um tapa-buraco rebocado de dever foi lhe dado para estagnar a sua raiva, e assim gerir um modo de seu corpo ser obediente; de se odiar e odiar tudo que lembrava sua história e de outras tantas “negradas”. Um ano após, você saiu do exército apenas com talheres grafados, pobre, mas com “seu dever” de cidadão cumprido, voltando a trabalhar em obras, sem dinheiro. Será que teria feito diferença conhecer a história do almirante João Cândido, também nascido no Rio Grande do Sul, que mobilizou a Revolta da Chibata, mas a Marinha como resposta afogou parte dos seus sonhos e saúde, inclusive sendo internado como “louco”, após expulsão?

Nessa época de dívidas, era o Senhor Concreto que lhe chamava ordenando para cobrir terras de barro e construir prédios. Senhor Concreto, esse patrão que saiu das fazendas e senzalas para dominar e “modernizar” a cidade, proprietário de arranha-céus, tarifando, pavimentando e nomeando a cidade, produzindo a continuidade da produção de memórias pelo terror acobertadas nas britas pisadas por sapatos lustrosos, com a imposição de sua ontologia nas arquiteturas, nomes e um poder de dominação que bloqueia a afetação de corpos, e assim deixa o risco de o ódio concretar a imaginação enquanto gentrifica as comunidades ditas periféricas. Ah, o Senhor Concreto, como encarnação colonial a fim de interromper cuidados e sentidos de relação afetivos, esse que acolhia seu corpo negro, esquelético e cheio de espinhas, enquanto sujava de cimento os seus sonhos, endurecia seus afetos e leiloava sua liberdade, na

geografia dita: terra dos Gaúchos Machos e do churrasco. O que me faz indagar ao Senhor Concreto: como a casa grande parece hoje? Onde ela pode estar materializada? Se a casa grande existe, como a senzala passa a ser arquitetada? Qual é o lugar social pretendido aos negros?

3.1 Homens Concretos e a construção civil

Cresci vendo homens negros em obras, de chinelo nos pés em dias frios e ouvindo a expressão “prato de pedreiro” quando alguém comia rápido, deixando um prato bem preenchido, limpo. *Quantos homens negros a refeição mais completa feita era no almoço para dar conta de trabalhar no pesado ou deixar mais comida para familiares jantarem?* Às vezes via o acordo de pagamentos não serem cumpridos com o meu pai, e a promessa de ajustar na carteira de trabalho os direitos expressados no valor pago de modo informal não ser realizado – quando alguém reclamava geralmente era demitido. Saúde do trabalhador, quem já ouviu falar? No sol quente, colocar a aba do boné no rosto e se deitar em uma viga ou no chão duro e sujo até se torna uma forma de descanso antes de voltar ao trabalho, e uma garrafa pet ou mangueira na bica servir para molhar a massa de cimento e para tomar água, quente, enquanto dá uma “respirada”. Luxo pode ser uma geladeira disponível.

Ouvi que o Senhor Concreto tem tudo a ver com a respiração, desde a construção civil. Busco pisar em um novo terreno, sem saber o que me espera, voltando ao texto *O direito universal a respiração*, de um pensador que já é de casa, nessa escrita, Achille Mbembe (2020). Ei, Achille: você já escreveu de pés descalços, enquanto filtrava o brutalismo da arquitetura lá no século XX, para pensar os tempos do século XXI? Seriam correspondências suas ideias para eu pensar os níveis internos do que encontro no Senhor Concreto, em suas palavras, *com veias esvaziadas de substâncias orgânicas e injetadas de substâncias químicas e radioativas?* Além dos perigos em cada obra, você foi capaz de não esquecer o esgotamento físico e o risco aos vírus biológicos. Será que as pavimentações e arranha-céus, não cessaram? Por aqui não fiquei sabendo de pausas, ainda mais, renumeradas.

“Bah”, tem razão Mbembe (2020), quando diz nesse mesmo texto que foi em uma inflamação sistêmica, sem fôlego, pandêmica, que investiu-se contrário aos aparelhos respiratórios e as vacinas. Uma parcela de homens brancos na política e presidência a serviço do Senhor Concreto, poderíamos dizer? Foi certo ao fazer olhar que desde o início da pandemia, lá no fim de 2019 e início de 2020, o mercado lucrativo e o desmatamento seguiram fazendo novas engenharias, expropriando autonomias alimentares em convivência com a mãe natureza, passam a espalhar outros tipos de pólenes que aprendo com você, Mbembe: *pólenes de bolor*.

Fotografo na imaginação esses pólenes com um horizonte como uma parede com infiltração, prestes a desabar sobre nossas cabeças. Que tal fica o ângulo? Referente a expropriações e guerras de tirar o fôlego, quais investimentos fazer antes de asfixiar nesse capitalismo? O que podemos plantar nesse solo em comum do *direito universal à respiração*?

Após tantas perdas e cansaço, poderíamos ter o direito universal à elaboração e ao descanso? Será que ainda podemos aprender com as formas de existência da natureza? E seus guardiões, como os povos das florestas? Que aspectos da tecnologia, para mantê-la, têm fisgados uma relação abusiva com a biosfera? A construção civil poderá um dia estar com convivência, sem matar sonhos e existências orgânicas? Seria a tecnologia usada como esperança futura, um modo de já estarmos respirando por aparelhos, Mbembe? Um beijo, respira aí!

Vou me perguntando se trabalhar com obras, lembrando do meu pai construindo mansões, seria como cozinhar lagostas, mas nunca poder comê-las por não ter dinheiro e acesso a espaços que ofertem essa experiência. Construir em terrenos/lotes que geralmente não são próprios evidencia a disputa pela terra. Ela também é estratégia de dominação quando se impede seu acesso à população negra, habitar.

Uma galera reunida na pesquisa, como Daisy Macedo de Barcelos, Miriam de Fátima Chagas e Mariana Balen Fernandes (2004), contam que após a escravização, impedir o acesso à terra tem o propósito de manter a mão-de-obra, assim ela vira mercadoria e sua venda é acessível através da bênção por parte do Estado, bem como a polícia passa a assumir a nova tarefa de controle dos que foram/eram escravizados (p. 49-121). A polícia flerta com o capitão do mato e com o crime, mais do que àqueles que são seus cidadãos “padrão” de abordagem. Quantas expulsões de terra são criminosas e têm o apoio da polícia para bater e humilhar?

Seria uma utopia muito distante uma sociedade sem patrões? No início da República, quanta astúcia não precisou para manter uma aparente “relação cordial”, com os patrões, para fugir dos enquadres e punitivismo, como vadios, pela polícia? Cresci ouvindo para nunca esquecer o RG portado em minha carteira, mas a marca é mais profunda... Nunca vi o pai sem a carteira de trabalho amarelada e velha dele, fora da mochila...

Trago a cartada lida sem medo de sussurrar, para ler em voz alta, sobre o afropessimismo com Frank Wilderson III (2021), e dizer com sua correspondência certa, que a forma de alimentação da vida branca pela negra será a partir da violência vista como necessária, enquanto destino de agressividade e renovação, nisso entre a gente, pessoas negras, a dissimulação escapa para manter a vida em sobrevivência e a comida na mesa; é uma estratégia presente (p. 52-59).

Nas horas “autorizadas” de descanso pelo Senhor Concreto, que sonhos têm homens negros na construção civil, quando a comida na mesa pode estar “garantida” e o lugar de “prover” estabilizado? Lembro quando criança que era comum ouvir do pai que gostariam que os filhos estudassem para não precisar ter o mesmo destino. Mas que tipo de educação era possível aprender e ensinar com a demanda de produção civil paga por construção e a alimentação serem relacionadas e dependentes? Meu pai aprendeu desde cedo que seu papel era ajudar a sustentar a família e reproduzia o entendimento de que a mulher devia “cuidar dos filhos e da casa”.

Assim, ninguém estudava e o estímulo de sobrevivência ficava como o dever a ser prioridade, formando *homens concretos*. Com o tempo, o sofrimento surge enquanto os padrões enriquecem e a miséria segue a pavimentar – *homens concretos*? Convidados a não sonhar, automatizados a construir sem questionar a agressão à natureza, com a imaginação cimentada para prover e trabalhar até onde o corpo aguenta, sem mostrar fraqueja, afinal ser homem torna-se crença até onde se aguenta “na pele, no osso”.

O modelo cisheteronormativo branco de família, enquanto instituição hegemônica, vai produzindo instruções e regulações de arquétipos a homens negros. bell hooks (2022, p. 99) exemplifica com inscrições nos estudos, quando em algumas famílias negras, meninas são encorajadas a ler e meninos que leem são considerados “maricas”. A composição do concreto não para por aí, quando em diversas circunstâncias os estudos para adolescentes negros pareçam incoerentes – muitas vezes, presenciei as nomeações alheias de “vagabundo”, ao “só estudar”, ao completar treze anos. Se eu não trabalhasse e fosse renumerado minimamente, seria eu homem? Na graduação tive o choque de conviver com colegas brancos que nunca tiveram que fazer uma carteira de trabalho, e a ideia de desamparo era não ter ainda carro próprio.

Ainda com bell hooks (2022), presenciei o uso de suas teorias, na vida acadêmica, para discussões colocando o homem negro apenas como violento e a fim de aspirar a supremacia branca. Me perguntei muitas vezes o quanto as teias de palavras prendiam de reprodução colonial com discursos completos em corpos negros ditos masculinos, generificados apenas para dizer de uma genitalização, falta, estereotipia, traição e violência? Qual é a produção social e protagonismo que se enxerga aos homens negros? Como homens negros passam a se ver e em que mundo é produzido uma identificação a buscar?

Não seria violento e colonial colocar todos os homens negros em um mesmo local (espaço fixo), sem recursos e sensibilidade? Sigo com bell hooks (2022), pois ela mesma vai dizer que no trio de raça, classe e patriarcado os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal de gênero.

Em quantas obras um copo de pinga diz mais de uma ancoragem à vida do que a estereotípia das dores em fuga, entorpecidas? Matuto aqui, se homens negros sem estudos, são considerados cidadãos? Quanto tempo demoramos para responder se na reprodução de uma política de educação que não considera a potência de homens negros como possibilidade, temos certeza de não fazer parte? Essa também seria uma extensão enquanto efeito dos homens concretos – **concretar o modo de não terem espaços para dialogar e falar o que sentem, coletivamente?** Quais literaturas e agendas de representatividades podem surgir nessas circunstâncias?

Recordei uma vez que cheguei da rua e vi meu pai lendo os meus livros da escola, ainda sujo da obra, mãos calejadas – fazendo anotações – talvez sonhando. Porém, eu estava tão aderido ao *efeito dos homens concretos* que não saiu uma palavra de incentivo e gentileza, apenas ignorei. Essa memória me dói hoje, por isso registro. Quantos de nós têm aderências semelhantes? Será que os homens concretos não sentem dor, quando seus recursos e inteligências são desconhecidos e não causam interesse? Por acaso homens concretos não pulsam dentro do concreto? Quem olha uma construção e lembra dos “pedreiros”, quando são assinados e homenageados exclusivamente os patrões, engenheiros e arquitetos?

No documentário *Orí* (1989)¹¹, quando Beatriz Nascimento narra a intensidade doída e traumática ligada à perda da imagem, ela fala de uma identidade individual e coletiva com imagens a estranhar e buscar origens. **Talvez a experiência da perda da imagem atrelada aos homens negros seja uma perda para toda a população negra. Somos mais que estatísticas, hierarquias e competições, mas desde as escravizações, a brutalização e sentidos negativos aos homens negros foram diluídos com exemplos de cuidado e afeto. Há uma manutenção discursiva nos algoritmos e mídia, como nos filmes, memes/vídeos, romances e livros, para nos fisgar.** Um dos filmes “românticos”, que existem como referência entre homens negros, o *Moonlight: sob a luz do luar* (Jenkins, 2016)¹², é costurado do início ao fim pelas violências físicas, verbais, psicológicas, estereotípicas, e ainda assim, no círculo de amigos, é considerado um baita filme de romance... “*aceita bixa, que outro filme de homens negros se amando tu conhece?!?*”.

Não podemos esquecer que a masculinidade negra é uma experiência coletiva, feita de homens, mulheres, crianças e idosos. Henrique Restier (2019, p. 32) puxa um fio, da masculinidade ser atravessada desde a colonização pela guerra, conquista de novos territórios,

¹¹ GERBER, Raquel (dir.). *Orí*. 1989. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

¹² JENKINS, Berry (dir.). *Moonlight*. 2016. Filme (EUA), 111 min.

valorizando uma virilidade heroica, agressiva e dominadora. O problema levantado e convidado a problematizar é para quem pega esse recorte citado, como um azulejo, deduzindo que vai falar por um piso inteiro. Por isso, o autor vem levantando discussões para outros terrenos, inclusive institucionais, questionando criticamente o lugar do homem negro e da juventude negra nas políticas públicas, inclusive no entendimento do Ministério da Igualdade Racial, em 2023¹³.

As experiências da colonização produziram configurações específicas de poder em cada território, para as masculinidades hegemônicas, que podem ser meios desses empreendimentos ditos masculinos seguirem a acontecer, a partir de uma **arquitetura antinegra**, construídas por homens negros e usada para excluí-los e violentar.

Inverto a partilha de Daniele Machado Viera (2021, p. 65), quando ela diz que na esteira da modernidade, ao pensar cidade na concepção burguesa da época, modernizar seria se livrar de um estilo de vida e arquitetura que lembrassem o passado colonial. Penso que nas fachadas de cidade limpa e dissimulada, o convite foi que a colonização não fosse esquecida, pois recusava-se que acabasse. Das especulações imobiliárias, expulsões de movimentos festivos e comunidades negras inteiras dos bairros considerados, em 2023, nobres (como Cidade Baixa, Menino Deus, Praia de Belas, Centro) em Porto Alegre, para lugares como Vila do Lixo, Morro da Conceição, Restinga e Lomba do Pinheiro, a arquitetura antinegra é um serviço indispensável da valorização da vida e do estilo de vida de pessoas burguesas em seus condomínios e casas vigiadas, em maioria brancas, nesses mesmos bairros, usurpados.

Achille Mbembe (2021, p. 12) chega sem cerimônia para dizer que a arquitetura e política não estão apenas no mundo da linguagem, estão presentes no mundo dos corpos, objetos e verticalidades, logo servem como elementos brutos para estampagem, trituração, pilhagem, incisão, dissecação e mutilação. Parece que desses elementos fazem escola de luxo e alienação – lembrei de um exemplo anunciado em *outdoor* por aqui, nada mais que um empreendimento milionário em Porto Alegre, anunciando até praia artificial na Zona Sul, de exclusividade do condomínio, e a promessa de “revitalização” da região. Lembrei também das casas retiradas da Vila Cruzeiro na zona sul de Porto Alegre para hoje existir o Barra Shopping, muito próximo, desde 2013. Isso não é se livrar de aspectos que remetam ao passado colonial, é continuar.

Convoco um escrito de Daniele Machado Viera (2021), não enquanto citação, mas enquanto documento e história viva, que a autora amplia ao compartilhar que:

Inicialmente localizados na área Central, os territórios negros foram sofrendo, ao longo do tempo, um paulatino deslocamento para as bordas da cidade. A cada fase do

¹³ NASCIMENTO, Nadine. **Ministério da Igualdade Racial hostiliza homens negros, diz sociólogo**. Folha de São Paulo, 3 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/12/ministerio-da-igualdade-racial-hostiliza-homens-negros-diz-sociologo.shtml>. Acesso em: 07 dez. 2023.

urbano corresponde uma localização dos territórios negros dentro do espaço da cidade. Na primeira fase do urbano, denominada de Cidade Colonial (século XVIII – século XIX) os territórios negros estão localizados majoritariamente no Centro e nas suas bordas. Na segunda fase considerada Inauguração da Modernidade Urbana (1897–1923), parte da população negra já está localizada no entorno do espaço central, formando os territórios negros Areal da Baronesa, Colônia Africana, Ilhota e Bacia do Mont’Serrat. Na fase seguinte, do Bota-abixo e da Remodelação Urbana (1924–1937), as demolições dos becos terminaram de remover as populações negras que ainda resistiam no espaço central. Neste período os territórios negros já estão localizados fora do espaço central, consolidando-se no seu entorno. Na última fase do espaço urbano, denominada Urbanização dos Arraiais (1941-1970) ocorrerão duas grandes obras: o desvio do curso e canalização do Arroio Dilúvio e o aterro da orla da Praia de Belas. Essas grandes obras de remodelação urbana irão incidir diretamente sobre os territórios do Areal da Baronesa e da Ilhota, abrindo caminho para a urbanização dessas áreas, tendo como consequência a remoção da Ilhota e o deslocamento de parte do Areal da Baronesa para a longínqua periferia. O desmantelamento e o deslocamento dos territórios negros estiveram relacionados a momentos de profundas transformações do espaço urbano. De uma forma geral, o primeiro deslocamento está relacionado ao início da modernização do espaço central (virada do século XIX para o XX). O segundo está relacionado à remodelação do Centro (1924- 1937) e o último à canalização do Arroio Dilúvio e aterro da Praia de Belas (1941-1970). Cada vez que os melhoramentos urbanos chegavam ou incidiam sobre um espaço, a população empobrecida ali residente se deslocava. Conforme a cidade se expandia, o espaço urbano se alargava, incidindo sobre os territórios que estavam no caminho, apossando-se deles e empurrando parte dos que ali estavam em direção as bordas da cidade. Ao longo do tempo, diversos foram os mecanismos utilizados para o deslocamento da população negra: aumento dos impostos, novas normas de construções, demolições, remoções. Mas os momentos de desmantelamento e deslocamento dos territórios negros não são concomitantes, pois a urbanização e a modernidade não chegam a todos os espaços ao mesmo tempo (Vieira, 2021, p. 221-222).

As especificidades da arquitetura antinegra se entrelaçaram às políticas públicas ao selecionar – denegando os efeitos da escravização – a quais pessoas chegar, e quando chegar. Estado populista sádico! Entre 1930-1964 os pobres que interessavam eram os que estavam com a carteira de trabalho assinada, o importante era: quanto mais obras de construção civil, com prédios maiores, mais tributos prediais a receber, prevendo que outra população, diferente da população negra expulsa, teria condições de renda superior para ocupar os mesmos espaços (Souza, 2008, p. 34-84)! Quantas vidas negras trabalham (ainda hoje) até o fim da “vida”, sem saber o que é uma CLT, assinada, sendo exploradas pela branquitude, recebendo uma renda insuficiente até para comer? Relembro com isso, que controlam com a exploração e a fome; docilizando e alienando corpos com a caridade e mitos, como a meritocracia.

Vidas negras despejadas por descargas imobiliárias puxadas para as bordas da cidade, a arquitetura antinegra nasce muito antes do século XX, tem início com a falsa abolição e a desconsideração de vidas negras e indígenas que já estavam em companhia e existência nos territórios. Daisy Macedo de Barcelos *et al.* (2004, p. 129) ressaltam que a política oficial de repovoamento pelo Estado, além de fundo racista, buscava embranquecer a população com a facilitação da imigração europeia ao Rio Grande do Sul, no século XIX. Assim, a sujeira recém

encoberta entope as calhas, e a podridão começa a ser vista, principalmente com a chegada das ações afirmativas no ensino superior, podendo a população negra nomear suas realidades, antes encobertas.

O poder não apenas age sobre nossos corpos e linguagem. Achille Mbembe (2021, p. 16) avisou que poder é uma técnica de instrumentação e construção, precisa de cal, concreto, cimento, argamassa, vigas, brita, aço, chumbo e corpos. Homens negros, na perspectiva colonial e patriarcal, se resumem à importância e exclusividade de um material, descartável e rentável na construção de “impérios” para patrões.

Portanto, são de outras relações de cuidado que a população negra precisa se compreender, ouvir e articular, não?!

Lamento o pessimismo de repente (mas não me prendo a escolas, dou um oi ao afro pessimismo e sigo a caminhada para transitar), de pensar que enquanto estivermos divididos, sem importar enquanto parte das pautas centrais aos movimentos negros as agendas de saúde mental, encarceramentos, violência policial, extermínios, normas jurídicas e políticas públicas – não serão apenas relações anticomunitárias de bairros que não se encontram na mesma cidade – mas classes, comunidades e gêneros, também; com poucas chances de polinizar cuidados. Acrescento às discussões perguntas como: será que a comunidade acadêmica pode se implicar a não esquecer quantas pessoas negras não chegam a concluir o ensino fundamental, médio ou ensino superior? Quais histórias a evasão de pessoas negras, conta? Quem aparece em espaços que não expandem o Lattes?

Não esqueço, e trago comigo Joice Berth (2023, p. 262) para perguntar: quantas pessoas já ouviram falar do Plano Diretor? Sem burocratizar a explicação, Joice aponta a importância do Plano Diretor como um instrumento de ordenamento das cidades (como um termômetro que mede a temperatura da desigualdade territorial e urbana), mas que é apagado estrategicamente para não haver participação popular de moradores – se não há interesses dos moradores representados e ouvidos, as imobiliárias podem destruir um pouco mais a natureza e lucrar! O *site* da prefeitura de Porto Alegre nem disfarça ao anunciar o Plano Diretor como “um instrumento de organização da cidade [...] pacto entre o Poder Público e a sociedade, [...] para uma integração entre o homem e seu ambiente”¹⁴. Mais honesto dizer de uma desintegração, buscando vender ao máximo a cidade para o conforto da burguesia, ‘ligando o dane-se’ para a população em situação de pobreza e exploração, das bordas da cidade.

¹⁴ Prefeitura de Porto Alegre. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA)**. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smamus/planejamento-urbano/plano-diretor-de-desenvolvimento-urbano-ambiental-pddua>. Acesso em: 11 jan. 2024.

Que trabalhadoras/es negras/os podem deixar de trabalhar e conseguem acessar para votar no Plano Diretor? Como ficam sabendo o que é? É possível de conferir a expressão expropriadora e o anseio de soberania do Senhor Concreto na reportagem sobre a votação do Plano Diretor em janeiro de 2024, de Jeferson Miola, chamada *Cabresto, coronelismo e gangsterismo político na paisagem de Porto Alegre*¹⁵, com a descrição de transporte ilegal e financiado, com funcionários de construtoras utilizando vans e ônibus privados para votar nas regiões atrativas ao comércio, utilizando comprovantes de residência com endereço comercial, portanto, falso à zona de voto; com pagamento de horas extras aos funcionários; falta de estrutura mínima no local de votação para pessoas idosas e grávidas, com o calor, sem acesso a ventilação e água – e mesmo chegando até a Secretaria do Município de Porto Alegre, a recusa em intervir e ofertar condições dignas, se manteve evidenciando possíveis abusos e ilegalidades nas esferas pública e privada – ainda assim, houve resistência e perderam!

Chega junto Mbembe (2021, p. 53), na hora certa evoco contigo a ideia de brutalismo, como modo de coleta de corpos racializados, por serem considerados virulentos, nos desarmam com a lei e nos colocam na categoria de carvão e lenha, matérias primas desse poder. Matuto nesse calor, onde a terra tem respondido às tentativas de conquista do universo, com interesse de *supremacia universal* (p. 38), se mais homens concretados precisam ser atingidos por um poder que abate a nós todos, antes de nos compreendermos que independentemente da quantidade, podemos nos juntar para combater o patriarcado enquanto estrutura e não apenas responsabilizados nas condutas individuais aderidas aos concretos.

Assim, não apenas o presente com os atravessamentos em famílias negras e nas escolas, podem ter outras referências de movimentos sociais e agrários, mas também a produção de conhecimento (como bibliotecas públicas, hortas comunitárias pelas cidades) e imaginários, se relacionando com a terra em um lugar de companhia e não de conquista e expropriação.

As fantasias e a sexualidade não resolvidas do colonizador, têm relação com a carbonização de matéria, expropriação de terra, da cultura, moralização da sexualidade e como a divisão comunitária nos é imposta. O colonizador buscou se separar da terra, da diferença e das demais formas de vida. Descobri em Marimba Ani uma curiosidade nesse sentido, quando cita Joel Kovel (1971 *apud* Ani, 1992) e o seu argumento, a partir de um diálogo com a

¹⁵ MIOLA, Jeferson. **Cabresto, coronelismo e gangsterismo político na paisagem de Porto Alegre**. Porto Alegre, 10 de janeiro de 2024. Disponível em: https://jefersonmiola.wordpress.com/2024/01/10/cabresto-coronelismo-e-gangsterismo-politico-na-paisagem-de-porto-alegre/?fbclid=IwAR3fUzFPsezGayMMvXsvFVfa_TMqE3BeY0zLHU8HS0qrGBA5iUPoOvp0TFA_aem_AX-X9LCxWPYtI9LRQ8-8ZFFTg8ApYncUOdCBpn-rUY9sHa5K51gzQduzSvnc4_CbXo. Acesso em: 11 jan. 2024.

psicanálise freudiana que os europeus-americanos “brancos”, ao descobrir o “poder” implícito no uso de fantasias anais (é recalcado e) ele manifesta-se (deslocado) em nível cultural na ideia de limpeza e pureza. Nesse contexto os brancos entre si teriam a sexualidade reprimida, repleta de censuras, mas Achille Mbembe (2021) chama atenção ao dizer que:

[...] formas coloniais de brutalização (tanto durante a fase de conquista quanto de pacificação e na posseção propriamente dita) tinham algo de libido desenfreada, uma combinação de pulsões sexuais, sádicas, cujo traço inerente era se voltarem constantemente para si mesmas (Mbembe, 2021, p. 117).

Inquieto, Mbembe (2021) se manifesta para explicitar as colônias enquanto laboratórios de prazer e satisfação genital. Incrível como chegam à ficção rapidamente essas expressões sádicas de fantasias... Como na série *Westworld*, de 2016, onde há um parque de diversões no qual ao invés de corpos orgânicos negros, há robôs para satisfazer as pulsões sádicas e sexuais dos visitantes, e no fundo, esses visitantes querendo curtir para sempre e ter uma vida que burla a morte, explicita a “apropriação do inapropriável” (p. 38), tornando-se corpos-máquinas.

Ei, Mbembe... então, a *necropolítica* (2018b) atua para além do entendimento de ser um modo de extermínio e exercício de poder sobre corpos e territórios? Seria uma forma de prazer e entretenimento, que consome e vicia um traço colonial na branquitude supremacista: a **perversidade**? Em síntese, haveria uma pulsão sádica na violência racial estrutural e cotidiana? Um exibicionismo a cada corpo preto filmado, anunciado morto e preso em instituições como prisão ou manicômio? E um voyeurismo com a morte espetacularizada de negros e negras pela mídia e cinema? A necropolítica pode ser entendida enquanto um modo de prazer vendido enquanto extermina corpos negros?

Na ausência de fomentação e visibilização de nossas resistências, Joice Berth chama atenção ao que denomina de *cidade da colonialidade*, com guerra às drogas, operando o racismo em formas exploração, controle e eliminação do contingente negro (2023, p. 143). Em quais bairros será que a guerra às drogas acontece? Não à toa que em 2020, na pandemia, um morador (branco) suspeito de violência doméstica de Alphaville em São Paulo, é noticiado humilhando a polícia; e uma das colocações proferida à polícia é que ali não é a periferia para serem machões¹⁶. O morador indenizou em processo a polícia. Se fosse um corpo negro, mesmo com dinheiro, tendo a mesma conduta, nada impediria de ser achado “por acidente”, sem respirar... A arquitetura antinegra é virtual, ultrapassa a materialidade física, integrando no presente o

¹⁶ Mais informações em: TOMAZ, Kleber. **Morador de condomínio de luxo de SP suspeito de violência doméstica diz que ganha ‘R\$ 300 mil’ e xinga PM de ‘lixo’**; veja vídeo. G1, São Paulo, 30 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/31/morador-de-condominio-de-luxo-de-sp-suspeito-de-violencia-domestica-e-detido-apos-ameacar-e-xingar-pm-de-lixo-veja-video.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

lugar socialmente construído e pactuado da casa grande e da senzala em cada conduta cotidiana, com reações e punições assimétricas já formadas no imaginário social.

Nesse trecho, a memória cola em diálogo na afirmação de Ana Claudia da Silva Alves (2016, p. 57), quando ela diz que a gentrificação é silenciosa (embora aos corpos negros nunca tenha sido silenciosa sua “gentrificação”, ou melhor, sequestros desde África) e que se invisibiliza junto à gentrificação, os modos de sobrevivência da população (apartada). Apesar dessas construções, ajardinamos a cidade dando outros sentidos de territórios e presença, Daniele Vieira Machado (2021, p. 96), em sua pesquisa preciosa sobre Porto Alegre, conta que no século XIX as *territorialidades negras* surgem com as negras minas quitandeiras, ervateiros, batuques, irmandades (como a do Rosário) e trabalhadoras/es que faziam a cidade movimentar.

A violência colonial explicitada no que Joice Berth (2023) chama de *cidade da colonialidade* e João José dos Reis (1991) nomeia enquanto *necrópole*, surge como uma forma de invisibilizar e enfraquecer as territorialidades negras, enquanto matam, adoecem e enclausuram diariamente homens negros. Logicamente quem olhou rodas de fora, racionalizando e subjugando, não escutou em si os encontros de afetos encarnados.

Fico com as palavras emprestadas do Mbembe (2021, p. 118) para dizer “colonizar é brutalizar”. Ver homens negros e insistir vê-los apenas no lugar de brutalizados é violentá-los e concretá-los sem fazer distinção dos colonizadores brancos. Homens negros existem pelos resquícios ancestrais, diaspóricos e africanos gestados e multiplicados em relação, já o homem branco colonizador, como vai apontar Mbembe, só existe em função do seu sadismo, ameaçado pela loucura e pela perversão (2021, p. 122). Essa dependência é que faz homens concretados se diferenciarem do Senhor Concreto.

Quem desacelerou para refletir com Nah Dove (1998)? Ela havia alertado que a raça branca se construiu como a mais fixada em uma política identitária e ideologia de poder supremacista; sendo a base das desigualdades no ocidente, bem como das relações comunitárias nos territórios, com a colonização (e formação da branquitude), o território passa ser uma forma de inimizade; justifica-se que estrangeiro não agrega, pode ser morto; o narcisismo é xenofóbico e alicerça o racismo; a segregação é um traço identitário branco para manter o seu poder (p. 05-20). A segregação não se trata apenas das nossas relações sociais cotidianas entre pessoas, movimento negro, direito à cidade, existência e cuidado em liberdade – se amplia na relação com outras formas de vida, com a natureza e com o exercício de cuidado circulares...

Entre esses cuidados circulares, há formas de vê-los nos aprendizados que bebem e comunicam com o engenheiro abolicionista André Rebouças (1838-1898), o primeiro engenheiro negro, autor do livro *Agricultura Nacional. Estudos Econômicos*, com suas

propostas de reforma da agricultura em nível nacional e de ligar com produtos agrícolas, tenho muito a aprender, enquanto sigo na busca de encontrar mais de seus escritos e histórias de liderança nos movimentos abolicionistas, tencionando os assistencialismos para mudanças ocorrerem contornando a fome, aprimorando o acesso e permanência a educação, simultaneamente. Que o direito à vida, à respiração e à elaboração, venha simultaneamente com outras apostas de cuidados comunitários, sem fronteiras, a todos homens concretos, para que no concreto a vida floresça e a terra vomite seus últimos entulhos...

Um grande abraço aos pedreiros, esses que mesmo sem ter seus nomes reconhecidos publicamente, são parte em crescimento das territorialidades negras, também!

[...]

Allan da Rosa (2021, p. 66) deixou a semente que desde a escravização há para a nossa gente a proibição histórica e a imposição de sermos vistos. Afinal, nossa história também conta? Logo, Allan fala da branquitude que conveniente atualiza essas heranças e fixações desde então, pois:

Em tal caso não há a dissolução, e sim a contenção. E o mergulhar em si mesmo exclui o que sejam espelhos ou águas que não se adequam à enxerga congelada de si. Onde parece prevalecer o estático, pulsa o movimento do esforço de negação chancelado em um pacto. O racismo e o olhar afloram com pujança e combinam-se na íris e remelas desse sistema ideológico chamado Branquitude que, tão sólido, é fonte e ponte de libido. (ROSA, 2021, p. 66).

O senhor, meu Pai, dizia “quem não é visto, não é lembrado”. Será por isso que a senzala era escondida? E que nossa casa não tinha janelas? Ou, que até hoje me sinto mal quando estou no morro, na mesma casa, ao ficar de porta aberta? Foram anos com a maior parte da adolescência, me recolher dentro de casa, individualizando e trazendo para mim, para nós, os riscos de ser (resumido) homem negro – e por um tempo, sermos capturados no silêncio (e orgulho).

Porém, não era só isso a nossa história, ela tem muitas partículas. E é dessas partículas que emanamos aos ventos suleadores os *nossos pólenes de cuidado*, para diluir o banzo¹⁷ desde a escravidão, germinados por mãos negras, e construir outros futuros, nos quais os cuidados e afetos transgridam a referência de masculinidade a partir do homem branco hétero cis; do determinismo biológico; da virilidade e violência; da heteronormatividade; de pactos subalternizantes e eurocêtricos; do cristianismo; dos papéis e expectativas do “gênero e papel masculino”; do capitalismo.

¹⁷ Em Nei Lopes (2011), na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, Banzo refere-se a: “um estado psicopatológico; uma nostalgia com depressão profunda, desde africanos escravizados nas Américas”.

Como serão os aspectos do banzo hoje? Pergunto-me isso ao olhar nossa última foto tirada juntos, com seus cabelos grisalhos e calvos, olhos e rosto tomados pelo tempo, parecendo tristes enquanto a boca levemente sorri, parecendo saber de algo que, quem estiver de fora, não capta.

O que nos mantém vivos e vivendo, apesar da chibata ou dos tiroteios? Interessa-me também isso. Se o Senhor Concreto não rachar nas geografias da cidade ou campo, Tadeu de Paula Souza, meu orientador no mestrado me provocou: podemos também em sua superfície riscar/pichar? Ou proliferar musgos? – Como?! Volto a Allan da Rosa e, em seguida uma memória contigo, como movimento-pista de partículas desses pólenes.

Prestando atenção às arquiteturas e seus giros, podemos considerar as senzalas (em geral sem abertura das portas de entrada) e depois examinar os quintais de famílias pretas nas capitais, frequentemente no fundo de casas, protegidos dos olhares da rua em um entrelugar que defende seus moradores e convidados das malícias e dos perigos de fora, mas preservando a intimidade e os segredos dos quartos e da cozinha, seus interiores (Rosa, 2021, p. 66).

Essa intimidade e os segredos estão em nosso sangue que flui, jorra e multiplica se misturando na invenção de rituais, símbolos e significados. Nesse frio e cenário social no Brasil, em 2022, seria bom aquele xarope caseiro que você aprendeu com a vó, de cebola roxa, mel e limão, Pai. Eu estaria fazendo caretas tomando, mas sabendo que fazia mais efeito que muito remédio capitalizado. Falaríamos com toda raiva dos pactos mortíferos da gestão de governo bolsonarista e de quem o apoia, enquanto você continuaria me contando em seguida das experiências consultando, ou levando a mãe e o mano consultar. Com seu riso, de canto de boca, cozinhando também a dor.

Quando, por exemplo, lembrou que sendo visto como um senhor preto humilde, por um médico branco desdenhoso e resistente ao atender o mano, meu irmão em surto psicótico, compartilhou que ficava feliz com o atendimento, e que tinha outro filho “psicólogo” e percebeu que, após isso, o atendimento passou a ser mais receptivo e implicado. Então passou a compartilhar em mais equipamentos de saúde mental, de modo aparentemente (e estrategicamente) despretenso. Um pequeno risco preto quando necessário feito, nas paredes brancas, sem decoração.

Ou da vez que compartilhou que seu filho estava concorrendo para entrar na Universidade Federal, e a enfermeira branca respondeu “é difícil, não é qualquer um que entra”. E você descreveu sua reação com uma pergunta – “é por isso?” – enquanto esfregava seu dedo na pele negra do braço. Então, se deu conta que às vezes não valia “a pena” compartilhar nossas intimidades, mas seguir fazendo perguntas podia ser algo habitando **so** esses concretos...

“Aqui, onde as todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas” (Mombaça, 2021, p. 14).

Figura 5 - Beco.



Fonte: acervo pessoal (2019).

Pai, sem ignorar as contradições, em 2007 seus problemas e o peso deles vinham com a explicação de que todo sofrimento é como um teste e uma cruz para carregar. Foi a igreja, feita sob a engenhoca do Senhor Concreto, que lhe ensinou a performar um jeito de ser homem

construído em vigas de amenizações e proibições? Vigas essas que sustentavam a imposição tramada a censurar o meu florescer da existência bixa e o cu, construindo compartimentos sem janelas e portas sufocantes, rebocados na moralidade e na ideologia do pecado? Não aceitei, aproveitei um conflito e formalizei uma fuga – saí sem olhar para trás da igreja, senão “viraria pedra”. Após um tempo, você me acompanhou nesse percurso *des-viado*¹⁸.

No entanto, perdeu algo que lhe fazia acreditar e sobreviver aos efeitos lentos e abrasivos do cimento, componente do Senhor Concreto, em sua pele preta. O que mais compõe o Senhor Concreto? Será que foi aí que você foi esquecendo a grandeza da lama moldável em nossas peles e sedimentou sua existência? Ou foi quando começou a ser enquadrado pela polícia; presenciar a morte cotidiana de homens negros por tiros, ou entre eles, por golpes de foice e facão anteriormente, lá na sua adolescência?

Matuto se a dureza do ódio começou a lhe parecer mais fácil ou amena, pois lhe ofereciam de sobra somente por existir desde árvores genealógicas sequestradas, arrancadas de suas terras, com raízes secas sem mais contato com a fluidez das águas transatlânticas, no encontro poroso com a terra. Para você, em algum momento as águas circulantes e convidativas eram do “Senhor Esgoto”? Allan da Rosa pensa o Senhor Esgoto com a história do racismo, poluindo os córregos ancestrais que nos formam e que envolvem todas as zonas da cidade:

Porém, da tua família das águas, talvez dos preceitos mais básicos são o nutrir e hidratar, e seus inversos ocorrem na fome, na sede e na secura que murcham, definham e matam, mostrando nossa fragilidade e nossa precariedade orgânica apesar de qualquer musculatura avantajada ou alta metragem (Rosa, 2021, p. 30).

Nesse sentido, com a contaminação do Senhor Esgoto, lembro que no morro, na adolescência, quando o pessoal “puxava” briga ou vinha para cima, se eu ou um dos meus irmãos nos defendesse aparecia um agrupamento em frente ao beco onde morávamos intimidando, ameaçando, incluindo até adultos – em maioria pessoas negras. Mas também, no morro éramos em maioria negros/as.

Nessas águas de esgoto circulante de ódio, foi ensinado e disponibilizado lhe fazer generalizar e achar por muito tempo que esse aspecto era o único existente entre pessoas negras. Não dá para romantizar o morro, esse lado existe, mas queria poder lhe mostrar outros pontos afetivos e potentes para se conectar.

Em 2014, sendo eu, seu filho, comunicado que “serviria ao exército”, você não entendia a minha recusa em desejar dar continuidade (nunca me interessei quando você me contava o que o exército era – de imediato eu avisava que não iria ser subalternizado – então me chamava

¹⁸ Forma como, nas igrejas, são referidas as pessoas que abandonam seus percursos ideológicos.

de respondão). É pai, ainda bem que continuo a falar. Nunca pedi desculpas por ter “perdido” esses talheres do exército. Eles não eram dignos de você. Afinal, do que os militares brasileiros se tornam porta-vozes? Lembra a *ladaia* dos sequestros e da colonização?

Naquele cenário e arquitetura do exército, com alojamentos, beliches, andar em fila, desfigurar nossas diferenças vestindo uniformes e raspando as cabeças, fui colocado em um pelotão chamado “Ala Preta” (por estranha coincidência a maioria eram negros no pelotão), cuidando cavalos, subalternizados. Proibido de falar em política, sendo meu corpo uma existência política, sentia minha liberdade em um armário da bixa preta, sobrevivendo infeliz ansiava que o período obrigatório passasse rápido para o armário não se tornar um caixão do meu desejo.

Com a maioria de pessoas negras. Lá os discursos presenciados e assimilados eram: quem foi humilhado no seu ano obrigatório, no próximo “se cobra” devolvendo em quem entrar. Ciclicamente um ambiente adoecido e hostil. A moeda de troca era humilhar em dobro para sentir-se validado por colegas (brancos). Sorrir era considerado uma ofensa, quando se esperava ódio, machismo e tristeza, além de bagunçar as sexualidades conflitivas, pelo tom “recreativo”, rir podia ser invadido pela pergunta: “*por que tá rindo, quer me dar?*”.

Eu me recusava a estimular esse tipo de troca, logo fui o alvo dos insultos. Mas não deixava terem o prazer de me ver “sangrar”, principalmente os brancos, que em maioria estavam em hierarquias mais altas. Quando não podia passar em casa, ligava para você, Pai, e “às vezes chorava”. Chorava muito. Sua paternagem preta e amor me faziam entender que havia algo maior que o interpessoal e relações adoecidas. Assim, por exemplo, quando um sargento preto, que achava pertencer àquele mundo servil, buscava me humilhar, eu não entrava na onda alimentando isso. Ódio e auto-ódio não se combatem alimentando a reprodução da violência e dor que geram, somente nutre a branquitude.

Nesse período, fui entendo os avisos – eu “precisava” esquecer quem eu era e dar espaço às britas de obediências antidemocráticas e supremacistas, componentes de valores do Senhor Concreto, mas resolvi recusá-las por não me sentir sozinho. Britas essas, que ainda fazem relações às *políticas de inimizade* de Achille Mbembe (2017), uma vez que desde o regime *plantation* a raça enquanto ficção e o preconceito que vem dela, regem na lei pactos de desigualdade e de distanciamento entre brancos e negros; mas ainda com esse ódio antinegro, isso não impede que alguns de nós assimilamos políticas coloniais de rompimento e intrigas, as quais Mbembe vai dizer que, desde os escravizados, produz uma *comunidade de separação* (p. 34), inclusive entre pessoas negras. Há quem defenda, ao olhar pelo ângulo do senhor escravocrata, culpabilize e combata os escravizados.

Seu amor foi um (dos muitos) cuidado, consegui ter forças de escapar e fazer os trâmites necessários para concorrer a uma bolsa integral na universidade, pelas ações afirmativas, e ingressar alguns meses após ser “liber(t)ado” do exército em 2015. Queria saber o que o senhor iria achar das políticas de inimizade. Será que faria diferença em como poderia olhar a sua história? E falar dela?

Como uma lâmpada prestes a queimar, meu brilho, antes fraco no exército, voltava forte a acender. Descer do asfalto do morro para estudar surge com o cuidado extra, pois além da polícia, as guerras do tráfico impuseram horário para toque de recolher, e eu chegava uma hora após o horário estabelecido. O morro ficou pequeno para seguir sonhando e me afirmar bixa preta, fiz fuga para não morrer e não preocupar a mãe que não dormia até eu chegar. Nessas fugas, evitei muitas brigas e ser o alvo de violências locais, transitando pela cidade conhecendo outros tipos de violência, de pensão em pensão, até dividir apartamentos. Percebi nessa época que, com a violência e pobreza acentuada no morro, mais mortes e adoecimento começaram a surgir. Com históricos contínuos de internação psiquiátrica e a polícia acompanhando a SAMU...

Quantos lutos foram possíveis viver e elaborar? Será que já tinha escutado falar sobre saúde mental antes de me ver conseguir ingressar na universidade com ações afirmativas, Pai? Eu não. A lembrança que tenho é de a vida de nossa tia estar mais dentro dos hospitais psiquiátricos que fora, e nós indo visitá-la. E a dor ser das perdas e adoecimentos ser negada. Achava, quando mais novo, sem acesso a informações, que saúde mental era sobre medicalizar o adoecimento, trancar, não cuidar e prevenir. Tinha medo.

O que será que fecundaria em sua saúde-mental (e na saúde dos nossos), se o racismo fosse considerado como extensão ao eurocentrismo, a ser combatido nas práticas de cuidado e acesso à garantia de direitos, Pai? Em seus últimos quatro anos, você se agarrou na promessa da estabilidade merecida com a aposentadoria. Essa que lhe traiu, jogando-o em um fosso com burocracias e racismo. Então, fez a sua passagem com 63 anos, sem aposentadoria, em maio de 2022. Mas não sem acessar a sua raiva, na segurança de casa. Com ela ardendo, você entendia e verbalizava os pactos de morte na gestão de governo, e se nomeava negro. Você morreu negro em uma pele política. Com muitos processos iniciados – e feridas abertas para cuidar(mos).

Hoje não deixo flores, com o coração doendo e pulsando lhe honro dedicando um chá de boldo, esse que sempre tomou quando ficava nervoso, com dor de estômago, com o ódio a negro e pobre aparecendo no cotidiano. Tomo o meu chá, para não esquecer de me cuidar enquanto sou eu, sendo nós, a causar dor de barriga no Senhor Concreto, me experimentando e transformando, coletivamente. Te amo.

(AUTO DE) RESISTÊNCIA

Conte os mortos pelo sistema
 Ateie fogo num poema
 Eles dirão que não foi massacre
 Não, por favor, não contra-ataque
 Fique mudo, calado, calmo
 Deite seu corpo a 7 palmos
 de terra com posse em reintegração
 Atire-se suavemente na frente
 de um caminhão
 Mas vá com calma, seja gentil
 Mostre que o povo é o orgulho do Brasil
 Um povo brando, um clima ameno
 Quanto você quer por esse barraco mais o terreno?
 É que tão chegando uns gringos aí – gente bacana – e estão querendo
 Vista pro mar de Copacabana
 Com essa grana,
 Você mora tranquilo em Pedra de Guaratiba, Sepetiba,
 Campo Grande, Bangu, Cazaquistão...
 Ou prefere ficar aqui fugindo do camburão?
 Tá querendo escolher?
 Acreditou na democracia?!
 - Mataram ontem o filho da minha tia
 meu primo mais maneiro,
 chamaram de vagabundo, de meliante,
 Era usuário – maconheiro –
 mas foi morto como traficante.

Trabalhe duro, e fique calmo
 Você não faz mais que a obrigação
 Não sonhe alto, poupe o fracasso
 e evite a própria decepção
 Você não está morto
 mas vai ficar
 - espera só o Bope chegar-
 Conte os mortos pelo sistema
 Ateie fogo num poema.

Letícia Britto (2019, p. 33-34).

4 O QUE AS MÃOS PODEM SEGURAR?

A estação fria já foi... nesse calor, em Porto Alegre, tem dias que pareço que vou evaporar junto. Não é fácil seguir essa escrita. Há dias que uma violência aqui, outra ali, em maioria com pessoas negras, me tira a concentração, e sinto na pele como se estivesse conectado ao *wi-fi* da violência *antinegro* e o desejo de seguir escrevendo é bloqueado. Nem a obrigação

dos prazos enquanto bolsista acelera esse retorno, por mais que eu tente escrever. Foram meses “apenas” lendo e anotando ideias, produzido enquanto insuficiente na burocracia e no de luto, mas sem tempo a pausa.

Conjuntamente, assumi os cuidados da mãe e do mano (duas pessoas negras com demandas contínuas em saúde-mental para acompanhar), que antes dividíamos (também as formas estratégicas de lidar com as violências racistas e capacitistas acessando os equipamentos públicos). Ouvi do meu amor, seu genro, que há muitas formas de amar, Pai. E por isso, digo que o sentimento é de agradecimento por todas as vezes que precisei estar em aula, estudando ou trabalhando, contar com você nessas demandas. Mas, com a sua passagem, as coisas aqui pareceram mais tensas...

Na época da sua passagem ao mundo dos mortos, a sua partida fez um buraco emocional e também diminuiu a renda para a mãe e o meu irmão, já que você era representante legal de um *Benefício de Prestação Continuada – BPC*, cujo acesso foi interrompido de modo abrupto, a conta do banco, e com sua morte agora o Estado, materializado no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, pedia um atestado de incapacidade do meu irmão para eu assumir as responsabilidades legais e ele o seu direito de acesso, embora curatelado, preso em uma lógica discriminante, racista, capacitista – isto é, antinegra. Em uma reunião em rede, ouvi de uma equipe com duas assistentes sociais brancas, uma médica branca e uma agente de saúde negra usada pela branquitude, que a mãe e o mano eram “dois bebês gigantes, incapazes de conseguir realizar até as tarefas mais básicas, como se alimentar e se medicar”, sugerindo fortemente que eu *contratasse* alguém para ficar com eles o tempo todo – ignorando suas vozes, presenças e nossa situação econômica em reunião, o que importava é que tinham “olhar psicótico” (que as incomodava) e que estavam em uma casa que já era “insalubre” (pobre).

A esquizofrenia, bipolaridade e suspeita de baixa cognição era a redução absoluta nesses corpos negros, “convidados” a se institucionalizar. Quem acolhe essa e outras violências? A bolsa CAPES¹⁹, antes cancelada, retorna para trazer um pouco mais de dignidade a esse corpo preto pesquisador. Afinal, agora podia organizar ao menos o dinheiro suficiente para ajudar os meus na alimentação – sem deixar de contar esse tempo todo com meu companheiro e amor. Percebo que esses aspectos atravessavam o meu luto, o convite ao meu corpo era para reprimir a dor, para cuidar antes de ser cuidado. Será que foi o que aconteceu com você, Pai? Recusava aqui ser fisgado em um papel que para “cuidar”, precisava receber o adoecimento político e social, individualizado e culpabilizado.

¹⁹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Lamentei porque você morreu antes de ver o meu primeiro “retorno financeiro” de estudar por anos, por vezes sem recursos mínimos. Lamentei porque você morreu antes de podermos celebrar comendo “bem” em um restaurante. Qual é o sabor do luto, pobreza e medo? Qual seria a próxima subtração abrupta? É como se a qualquer momento fosse perder mais...

Entendi com meu amor e em psicoterapia que os medos construídos eram efeito do atravessamento do racismo: estar sempre em tensão, com receio de ser desapropriado, mais uma vez... Será que na situação de pobreza o que restava era acostumar-se com a escassez? Três *enterros sociais*²⁰, consecutivos, e anualmente, já haviam ocorrido. O que a esperança, antes colocada no acesso ao diploma, estava mudando nesse desfecho?

Em psicoterapia, junto à “minha” terapeuta, uma mulher preta que também estuda as especificidades da população negra para a sua escuta na clínica, tem ocorrido demolições da dor para o sofrimento não ser o único sentido a me modular. Porém, apenas a psicoterapia não foi o suficiente para lidar com o sofrimento. Foram muitos espaços que impactaram esse processo, e pretendo aos poucos ir compartilhando com detalhes... Sabe? Já adianto que fui ao terreiro algumas vezes, desenhei, estive nas rodas de *slam* e de música, encontrei e fiz amigas/os, fui a eventos e espaços culturais, lancei um livro e uma revista, fiz passeios com a mãe e o mano; escrevi e criei. Sua história marcada pela pobreza, racismo, patriarcado e falta de coletivos não lhe permitiu essas possibilidades, Pai. Não ignoro que por conta de a maior parte das minhas redes desde a adolescência ser composta de mulheres e pessoas LGBTQIA+, possibilitou construir outros espaços de cuidado e segurança, principalmente no acesso à educação.

Percebo que, em suas redes, as pactuações que era convidado a *pertencer* ocorriam ao afirmar uma invulnerabilidade; desempenho (sexual, força, resistência à bebida); heterossexualidade no centro do mundo; trabalho e dinheiro como principais sentidos de vida; não falar do que seria emocional, “papo de puto” (apenas futebol, mulheres, brigas). E, na produção da culpa-pecado, a expectativa de salvação era agenciada pelas doutrinas na igreja, com a promessa de recompensa às lutas e provação (sofrimento, pobreza e obediência) a chegar ao céu e suas “ruas de ouro” e “cantos eternos”. Seria esse recorte o exemplo de um mundo com vestígios coloniais e patriarcais deslocados à espiritualidade? Afinal:

A ênfase Cristã em uma vida celestial após a vida não alivia a ansiedade Européia em relação à morte, principalmente porque é uma abstração remota em vez de uma crença vivida e não se dirige ao isolamento espiritual dos indivíduos — que é a base real de

²⁰ “O auxílio-funeral está afiançado na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) desde 1993 como uma das provisões compulsórias a serem dispensadas pela assistência social como direito do cidadão e dever do Estado. Trata-se de uma das modalidades de benefício eventual, conforme o Art. 22 dessa legislação” (Bovolenta, 2017, p. 103).

sua ansiedade. Essa ansiedade é o preço pago pela estrutura cognitiva da cultura Européia (o utamawazo), e a imagem de Cristo neste contexto é meramente ou triunfantemente, dependendo do ponto de vista, simbólica da ilusão de “progresso,” uma constante luta por aquilo que não pode ser alcançado. Talvez essa imagem de um salvador ressuscitado, nascida na metáfora Africana, mas intensificada e reificada na mitologia Européia, inconscientemente represente, também, a “humanidade” que de fato foi sacrificada para o sucesso Europeu (Aní, 1992, p. 169).

Lembra como eu rompi com a igreja? Recém tinha entrado na adolescência, me interessava em ler o máximo de livros da biblioteca, a igreja passava fazer cada vez menos sentindo e as obrigações/doutrinas que me alienavam, passei a questionar. Por qual motivo não poderia escutar música “mundana”? Por qual motivo não poderia assistir televisão? Apresentado ainda criança, indagava se o poder da igreja colocado na ideologia do pecado e no destino punitivo ao inferno, se não cumprisse as doutrinas, seria o único mundo, possível. Mas foi ao rir durante o culto das brincadeiras que os meus amigos e vizinhos faziam e alguém reclamar a você – não à mãe –, que fui retirado pelo braço da igreja e fui tomando chutes até em casa. Para a perspectiva eurocêntrica esse ato era sair da graça de Deus, e bastava pedir perdão que *Jeová* o perdoava – nem precisava reparar isso comigo, mas a pior armadilha seria individualizar esse ocorrido, visto que há algo parecido com a colonização, não?

Pois, ainda o discurso de “cidadão de bem” geralmente é vinculado a ser cristão e “de família” – exemplificando essa vinculação com a gestão bolsonarista na política brasileira, da qual a violência também se respaldou no lema “Deus acima de tudo” ... Aliás, o repovoamento da Terra no início da era moderna não passa apenas pela colonização. Trago Achille Mbembe para dizer que: “As migrações e a mobilidade explicam-se igualmente por factores [*sic*] religiosos” (Mbembe, 2017, p. 25). Silvio Luiz de Almeida acrescenta:

A incorporação de um mundo como o que foi criado pelo capitalismo e pela unificação política depende do surgimento de novas identidades que se materializarão na língua, na religião, nas relações de parentesco, nos sentimentos, nos desejos e nos padrões estéticos. Tais elementos criam o imaginário social de unidade nacional e de pertencimento cultural que vincula identidades individuais ou coletivas, comunidade e Estado (Almeida, 2018, p. 85).

Então, Pai, essa merda toda é produção colonial. Ela chegou até nós e faz a mediação colonial e nada laica, pelo Estado. Disseram-me em alguns espaços que eu parecia você. Duvidei. Ao menos na maneira de sempre portar uma pasta com documentos dos familiares (mãe e mano), levando pertences, remédios e acompanhando nas consultas, ressaltavam. Mas tive receio sobre esses comentários... pois você morreu sem esperança em apostar no próprio cuidado e contar com as pessoas, Pai. Deixou no segredo estar com um rim, apenas, funcionando – e capenga. Enquanto vivia no corre. Olhando seus documentos e pastas de papeis que ficaram encontrei um bilhete/receituário do hospital, e nele descobri que necessitava de

medicamentos e uma dieta especial. Mas o bilhete também dizia, resumidamente: “paciente sem condições econômicas para fazer a dieta de alimentos elencados e compra de medicamentos especiais. Encaminho ao serviço de assistência social para acompanhamento”. A data era de dois meses antes da sua data de óbito.

Lembro que as filas de espera eram incansáveis, com equipamentos como o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) fechados, com acesso apenas por telefone nessa pandemia de Covid-19 (nos malabarismos para conseguir a manutenção do crédito ao celular, o telefone não era atendido, tocava muito, mas os desmontes pela gestão bolsonarista chegaram ali, com cadastradores e outras pessoas sem receber salário, de greve), dia 03 de maio de 2022 foi tarde demais a espera de acesso a uma política pública... O seu rim piorou e a hemodiálise não deu conta de “enxugar gelo”, o seu coração cheio de vida parou, definitivamente, asfixiado pela falta de dignidade devido à pouca oxigenação da pobreza. O direito universal à respiração que o Mbembe (2020) pensou, ainda seguia sem acesso...

Abro uma brecha no parar e na correspondência do tempo, fico com uma troca com Míriam Cristiane Alves, Ademiel de Sant’Anna Junior e Cecília Izidoro-Pinto (2023), que espalham pólens de cuidados com a sensibilidade de uma pesquisa singular metodologicamente edificada, contornando as durezas que tornam difícil respirar, dizem e indagam com Ayo Fayola:

Fico triste com a falta de informações sobre a pandemia, falo de informações acessíveis às pessoas pobres, de periferias, na sua maioria pretas. Aqui onde moro, eu já ouvi muitas vezes: “Ou eu morro de COVID, ou eu morro de fome”. Que país é esse? Que Estado é esse? Seria o tal Estado necropolítico? Podemos chamar isso de produção de morte de uma população pobre e preta? São esses os sem direitos à educação, ao saneamento e à renda básica? Não é difícil responder, pois acompanho essa realidade desde o meu local de enunciação – sou uma mulher preta e moradora da periferia (Alves; Sant’Anna Junior; Izidoro-Pinto, 2023, p. 5).

Assim, consigo saber que não estou sozinho, e nessa *fricção* de cuidado que compartilham comigo, me afasto de individualizar a escrita, pois minhas mãos seguem entrelaçando outras, fazendo moradia no calor do afeto. É tão insuportável pensar sobre essa experiência! Ainda assim, posso narrar aqui uma amostra da experiência do luto e da violência endereçados à população negra, sem necessitar que a medicalização tampe todos os poros de uma pele que, apesar dos machucados, precisa respirar. Seguro nas mãos um folder da *Central de Atendimento Funerário* (CAF²¹), de Porto Alegre. Me imagino gritando embaixo d’água

²¹ Mais informações em: PORTO Alegre. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo. **Central de Atendimento Funerário de Porto Alegre passa a funcionar em novo endereço**. Porto Alegre, 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smdet/noticias/central-de-atendimento-funerario-de-porto-alegre-passa-funcionar-em-novo-endereco>. Acesso em: 10 dez. 2022.

enquanto me afogo e não saio do lugar. Esse exercício narra a sensação de falar da sua morte sendo pouco ritualizada a despedida, imposta pela pobreza por um *enterro social*.

Já sabia o procedimento resumido à fila na madrugada e entrevista com assistente social, apresentando a carteira de trabalho para atestar a miséria da pobreza; correr para pegar no mesmo turno da “entrevista” o pingado de pessoas permitido (de 10 pessoas, na pandemia passou ser apenas 5); ter de quinze a trinta minutos de despedida lá no fundão do Cemitério Santa Casa, onde ao morrer perde-se o direito até o nome e ele vira um número; caixão fechado; ajudar a carregar o caixão, pisando no barro cor vermelha, com covas rasas, pisando em outros *números/mortos* ao passar; assinar os documentos; receber a instrução de que o corpo tem a terra “emprestada” (aquecendo o buraco para enfiar outro corpo, de preferência preto) e, após três anos, se não for paga uma cova, será jogado em uma pilha de ossos não identificáveis; cuidar os horários de acesso ao cemitério, visto que na região afastada, onde os enterros sociais ocorrem, há o risco de assaltos dentro do cemitério; se repetir na fala a insensibilidade dos coveiros brancos discursando a ideia que cuidam bem das covas e ouvi-los pedir um dinheiro para apoiar no refrigerante ou lanche, apesar das lágrimas alheias... **Então, se os “[...] modos de matar, em si, não variam muito. No caso das carnificinas, em concreto, os corpos sem vida são rapidamente reduzidos ao estatuto de meros esqueletos” (Mbembe, 2017, p. 144) – como chegamos [até] aqui?**

Figura 6 - Cemitério da Santa Casa (Porto Alegre/RS), local dos enterros sociais.



Fonte: acervo pessoal (2019).

Seu nome é Luis do Carmo Amaral – não mais um número. “Umedeço tua existência novamente ao cultivar teu nome e teu gesto antepassado, então te saúdo e peço fortaleza” (Rosa, 2021, p. 91).

5 LUGARES DO MORRER

No cenário colonial, meu corpo é convidado a morrer para imaginar como o branco se concretou ao tornar a sua diferença pedaços impossíveis de integrar aos indígenas e africanos, exemplificado essa não integração ao impor a visão do corpo negro enquanto mera mercadoria capital, sem direitos desde a escravização (Mbembe, 2017, p. 35).

Em qual lugar da história do morrer cabe aceitação que ao negro o luto está atrelado de outro modo, ao chegar morto ou “com defeitos”, nos portos escravagistas brasileiros desde o

século XVI (Freireyss, 1982, p. 134)? Roubaram o seu espaço ao ritual (de passagem religioso e cultural) próprio dos/as Africanos/as e bloquearam até o acesso aos praticados entre europeus.

Quantas comunidades e famílias choraram nos porões úmidos dos navios? Será que os colonizadores brancos conseguiam dormir sem considerar apenas eles mesmos? A partir dos sequestros houve abertura de feridas e deferidas, de um não lugar para elaborar a morte de negros. **Mas esse aspecto não é totalitário, estamos aqui nos encaminhando a afroperspectivar o futuro...**

Trago a visita “já de casa” dessa escrita, convocando Achille Mbembe para declamar que houve um pesadelo, com “[...] corporeidades esvaziadas e insignificantes; estranhos despojos mergulhados numa cruel brutalização [...]” (Mbembe, 2017, p. 63). As mortes e exploração negras foram a condição da produção de um trauma que transforma impondo, violando e assujeitando o apagamento sobre concepções, memórias, vivências sobre a morte; principalmente, buscando cortar comunicações entre vivos e mortos da diáspora Africana.

Não conseguiram! Invoco Juana Elbein dos Santos (1986, p. 53-132), que nas costuras feitas em suas passadas pela antropologia, apostou aprender a transmitir que nas pluralidades de saberes Africanas/os, havia muitas perspectivas com planos de existências de àiyé e òrun, entre vivos e mortos comunicantes, ligados aos òriṣàs e à natureza, regidos pelo àṣẹ e divindades como Òriṣànlá, Nàná, Òṣun, Ọ̀bàlúaiyé, Ọ̀sùmàré, Éṣù; a morte não significava extinção ou aniquilamento, mas uma mudança de estado, existência e *status*; como para os Nàgô (p. 221), assim como, aos Iorubás há registros da valorização do feminino e outros princípios em vida; exemplificando a relação em comunidade, da natureza e senioridade (Oyèwùmí, 2021).

Cismo que o colonizador branco tenha desistido de sonhar, distraído-se com as subtrações alheias, tornando-se corpos rancorosos com o afetar. Corpos autoritários com uma maneira aprendida pela repetição de um objetivo: “tornar impossíveis até os sonhos de liberdade dos colonizados” (Fanon, 1968, p. 73). Matuto a frustração de não conseguirem (como um tanque de pedras, em seus rachados, os mofos e umidade lhe habitam), e nas escapadas de liberdade, os negros corroeram essa concretização pastoreada na fé ao dinheiro, poder e céu, para redimir qualquer culpa.

O babado foi forte, ouço Marimba Ani (1992) quando ela compartilha que a igreja, em sua ideia de pureza e inocência, adquiriu uma influência compartilhando traços imperialistas europeus, acompanhando e aprovando sua expansão de domínio, tendo um papel também violento à medida que acessava com facilidade os “não europeus”, os Outros, sendo as Cruzadas perspectivadas como empreendimentos militares de expansão, com a igreja em justificativa a participar na conversão do “barbarismo de negros e índios [*sic*]”, acentuando a partir do século

XVII, a fim de formar uma unidade virtuosa universal, favorecendo uma civilidade e expansão de comércio, indústria, ciência e literatura; assim, a ideologia cristã foi produzida no entrelaçamento com a colonização, como uma tentativa de destruição à autoimagem de valores e traços advindos de uma cultura Africana a contribuir no fortalecimento patriarcal na esfera social com o homem a imagem de Deus e, a mulher branca, enquanto submissa a partir da autoridade e natureza do homem (branco hétero cis) (p. 153-191), para então ser produzida com o propósito e disposição (ao matrimônio) para constituir um negócio, uma família heteronormativa, ancorado discursivamente na colonização.

Poderia dizer que a igreja, enquanto instituição (independente das variedades de doutrinas/franquias), criou uma forma de acesso ao poder colonial e econômico na qual se colocava enquanto patrocinadora da aproximação física entre vivos e mortos baseada na doutrina do purgatório (Reis, 1991, p. 72), valorizando a escrita e bíblia como um modo único e exclusivo do saber enquanto registro histórico universal (Ani, 1992) no qual, ainda para Marimba Ani, os corpos imersos na “sujeira do pecado” deviam passar a vida se redimindo, servindo a “Deus” e seus autointitulados representantes na terra para unificar e docilizar laços sociais em vida, e tentar monopolizar os sentidos e disputas em torno da violência, da morte e do sofrimento – isto é, as lutas, ou cruz a carregar, com a apropriação do cristianismo deslocada dos judeus, passando a promover pelos europeus a supremacia branca.

Porém, até a institucionalização da igreja tem em seus concretos abertura a proliferar musgos... Os quais nenhuma catequização forçada e/ou manipulada pode(ria) acompanhar, mesmo em frente aos olhos, cercados de mármore gelados, vitral nas janelas e altar, deixaria a produção de memórias – sem disputas... Como foi o caso das Irmandades, onde pessoas negras tinham espaço para celebrar, encenar acontecimentos históricos e custear o enterro dos seus. Edison Carneiro (2019, p. 104-105) cita a Irmandade do Rosário com os primeiros registros no Rio de Janeiro, Belém e Bahia, a partir de 1639. Embora o espaço das Irmandades tenha pista de uma hierarquia da morte quando homens ocupavam cargos e hierarquias diferentes das mulheres e, a Irmandade mista com mulheres e homens, do Senhor Martírios, tenha registro depois, em 1764. João José dos Reis (1991, p. 198), acrescenta que as Irmandades foram um modo de lidar com os imprevistos da morte diante da escravidão, podendo reservar um ritual de morrer em outra concepção de família e território que não a África. Nesse lugar os pólenes de cuidados também ocorreram em modos festivos e performados de reis e rainhas. Então, nesse desenrolar de lugares para não “morrer”, chamo atenção convidando a conversar com os saberes, Stuart Hall (2003), que se manifesta dizendo que o importante é o estado do jogo das relações culturais, com a luta de classes na cultura ou em torno dela (p. 258).

Para Hall (2003), no turbilhão do sincretismo colonial, a presença da África na diáspora não se resume aos saques coloniais, pobreza e sequestros; tampouco a uma ontologia de ser, mas um processo em formação de se tornar (p. 40-44). Assim, mesmo no terror desumano dos navios e sequestradores, os traços de sociedades africanas baseadas em outras estruturas de parentesco, família/comunidade e cultos aos ancestrais permitiu a constituição de um laço intenso de parentesco o qual na travessia do Atlântico, mesmo com a podridão colonial materializada nos navios, da morte de referências inteiramente de um lugar da África, nascia no agrupamento de viagem um companheirismo, vinham a ser *malungos* uns dos outros (Reis, 1991, p. 55). **Não foi o medo da morte, foram laços de união (e afetivos) contra colonizadores a dar um novo contorno à morte, à escravização e à modernidade ao povo afro diaspórico brasileiro.**

Em memória do Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), ele mesmo muito vivo, enuncia aqui o que podem ser esses traços contra colonizadores ao dizer: “E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (Santos, 2015, p. 48).

A cultura no Brasil está encharcada com vidas negras que permitem até nos solos mais opressores uma artesanaria da vida seguir presente, como uma espada de Ogum, que mesmo sem água não enverga, e ainda assim nos facilita a respiração. Para Leda Martins (1997), como o baobá africano, as culturas nas Américas germinaram um lugar das encruzilhadas em um processo de interação com o outro, logo se atualizando, sem fim em novos e diferenciados rituais de linguagem coreografando e manifestando a singularidade e alteridades negras (Martins, 1997, p. 25-26) e orgânicas, escapando de um roteiro fatal, com a imprevisibilidade dos poderes (vivos) da memória e da criação (Glissant, 2005, p. 20). Foi na festa de Oxum em Porto Alegre que pedi para o meu coração ser lavado. Acendendo velas e acompanhado pude de maneira silenciosa falar com as águas.

Figura 7 - Festa de Oxum, na Orla de Ipanema, em Porto Alegre.



Fonte: acervo pessoal (2022).

[...]

Outro jeito

Há muitas vidas, raças e etnias que escapam e escorrem o presente.
No tempo circular com o céu cravejado de estrelas,
a lua convoca a saborear sinfonias do território brasileiro
e engolir gostos pelo cheiro de rio silencioso que faz brilhar a pele negra e a pele indígena.

A impressão que fica,
são mãos pequeninas tecendo artesanalmente o amor,
com os retalhos de cores da memória,
que nasce na beleza colorida da escuridão.

Remenda-se cheiro de café, açai e colo,
com a ancestralidade estendendo os braços
e convidando a colher do pomar da história
a suculência dos cuidados,
com a dor e beleza que abriga gestar, parir e nascer a imaginação.

A qual já vem ao mundo inquieta,
com os pés vai aprendendo e descobrindo pacientemente modos de vestir histórias e recontar
com esperança os acontecimentos, pedindo licença e proteção aos orixás, à natureza.

Então, um pé saúda terras enquanto o outro
dança nas fronteiras-partidas.
Fazendo da ausência outro jeito de celebrar a vida.
Que observa com olhos de passarinhos, sob a presença do sol, radiante,
que abraça mares e lagos
e chega declamando raios até no terror, mais profundo...

É resistência paciente,
que enferruja qualquer corrente.
Pois na luta,
a liberdade faz presença festiva
florescida de aventuras em resistências...

Zeca Amaral

Me junto a Allan da Rosa (2021), ao compartilhar que há territorialização no encontro festivo (e barulhento). O movimento coletivo que renova o tempo recompõe a ancestralidade, trata de mortos, encantados, divinos, viventes e vindouros (Rosa, 2021, p. 229). Na dúvida onde encontrar territorialização, se pergunte onde negros estão, estiveram e estarão presentes com suas festividades e feitos, como cada tijolo e estabelecimento levantado na cidade, em algum momento foi tocado por mãos negras. Sabemos que colonizador não gosta nem sabe “trabalhar”...

Ainda sobre festividades barulhentas, João José dos Reis (1991) aponta que a perspectiva de barulho estaria relacionada à importância da pessoa que morre, muito comum em funerais de Estado aos corpos brancos, mas para africanos e negros em diáspora, ameaçavam a ordem simbólica e a ordem social (p. 154-162). Até mesmo porque, ainda segundo o autor, o luto era uma forma de controle do senhor branco sobre o escravizado, para que ficasse em uma relação assimétrica, por testamento, em luto pelo senhor (p. 134). Como será que esse

testamento se renova hoje? Ao negro convida-se uma dialética do silêncio e da violência? Quando gera estranhamento e comoção midiática negro violentado, encarcerado ou morto?

Ouvi dizer que se tratando da morte, ao povo Nàgô, a morte não significa absolutamente a extinção total da vida, ou aniquilamento, exercitam e praticam rituais funerários chamados Àșèșè no Brasil (Santos, 1986, p. 104-221), fazendo uma integração da vida; há a irmandade da Boa Morte e seu culto Babá Egun, dando espaço pelo festejo o lugar circular da morte como ciclo da vida (Conceição, 2011, p. 17). Está presente uma atmosfera singular e sensível a cada culto coletivo e região, que deslocam da ideologia do purgatório e da separação de mortos e vivos, tendo um impacto na compreensão do sofrimento entre perda de alguém para passagem de mundos, fazendo do caos da perda lugar de elaboração e de direito à memória da pessoa estimada. Por isso, aos pretos que se foram, lhes trago comigo, pego emprestadas as palavras de Allan da Rosa (2021, p. 247) para dizer: “Quando sinto que expor o que é aterrador já não dá mais conta do respiro e que isso é até assimilado pelo cotidiano das aberrações, te recordo”.

5.1 Cemitérios: a expressão moral de um desejo higienista, silencioso expropriador de outros ritos!

Desde a escravização no Brasil, o racismo foi aquilo que Achille Mbembe chama de motor do princípio necropolítico, reduzindo-se o valor da vida e criando-se o hábito da perda (2017, p. 65), convidando o corpo negro a ser um corpo esvaziado, silenciosamente triste e dominado. Sem esquecer da branquitude, é possível colocar Mbembe para conversar com outro pensamento seu, o qual diz que fascismo, nazismo e colonialismo enquanto relações ainda presentes compartilham de um mito: o da superioridade absoluta da cultura dita ocidental, ligada à raça branca, nela, atribui-se um patamar de uma cultura inigualável, significando no simbólico ser a única a domesticar a morte, o que implicaria, assim, no domínio da natureza, no culto do espaço infinito e na criação do conceito de força, se relacionado e impondo ao mundo sua vontade e um deus à sua imagem (Mbembe, 2017, p. 160-161).

O narcisismo da virilidade patriarcal branca se alimenta também das memórias e mortes negras, ritualizadas. Se por um lado há o interesse de retirar dos cuidados da igreja o direito ao enterro, a medicina passa a disputar o direito sobre o protagonismo dos corpos a partir de uma suposta preocupação com estes, para encobrir um higienismo asséptico do cheiro que alguns corpos descaracterizados de uma sensibilização faziam no centro das cidades. O maior medo e importância focava nos riscos de doenças, como na Bahia no século XVIII. Não devemos esquecer que a construção de cemitérios foi planejada a substituir as igrejas como parte de um projeto civilizatório e higienizador (Reis, 1991, p. 262-276).

Dillmann (2013) é sagaz em deixar em registro que no século XIX, com a concepção sanitarista médica, a separação do Estado e da Igreja, o afastamento da cidade, o cemitério pôde ser entendido em dois momentos:

No século XIX houve a divisão do cemitério em dois momentos, o primeiro, dizem sobre a disputa e domínio da medicina na pauta sanitarista e higienista a modernizar e arquitetar centros urbanos; já o segundo tem como marco, a partir do decreto 789, de 27 de setembro de 1890, os cemitérios públicos retiraram autoridades religiosas [católicas] na gerência de cemitérios, tornando-os municipais e das polícias, a competência (Dillmann, 2013, p. 60- 63).

O desconforto da morte passa a ser banido das cidades (pela assepsia, mas também pela manutenção do silêncio a corpos matáveis), e “(...) só nas regiões distantes e “atrasadas”, entre caboclos e indígenas, ou nas fissuras das cidades, das favelas e dos subúrbios, entre negros e mestiços, subsistem rebeldes ritos funerários, concepções da morte radicalmente opostas à nossa morte branca e civilizada” (Martins, 1983, p. 9).

Chamo de volta João José dos Reis, quem nos traz um registro instituído dessas concepções ao contar que:

Em outubro de 1828 foi promulgada a lei imperial que regulamentava a estrutura, funcionamento, eleições, funções e outras matérias referentes às câmaras municipais no Brasil. Trata-se de uma longa lei, com noventa artigos. Interessa-nos particularmente o Título III, art. 66, segundo a qual as câmaras teriam “a seu Cargo tudo quanto diz respeito à Polícia, Economia das Povoações, e seus termos [...]”. Em doze parágrafos se detalhava o universo a ser legislado: executar ou fazer executar a limpeza, alinhamento, iluminação, reparos, seguranças dos logradouros públicos, retirar das ruas os “loucos, embriagados, animais ferozes ou danados” (observe a animalização dos marginalizados); impor limites de velocidade aos cavaleiros; impedir “vozerias nas ruas em horas de silêncio, e obscenidades contra moral pública”; indicar lugares limpos para abate (Reis, 1991, p. 275-276).

Para manter mortes silenciosas na civilidade, nas bordas das cidades, ou melhor, das *necrópoles* (Reis, 1991), foram criadas políticas de segregação pós vida, e em vida. Para haver cidade e comércio, precisou-se tirar de vista os corpos abatidos, e o cemitério, a princípio pela rede funerária, teria solidariedade com os pobres e negros, contudo, Carneiro (2019, p. 72), refuta esse trecho dizendo que o branco pobre ia seguramente para o cemitério, já o negro às vezes era ofertado aos pastos de urubus. Um processo construído de indiferença com a morte de pessoas negras se adensa aqui, hoje continua e se transforma.

Ah, Porto Alegre! Lendo Dillmann (2013), posso conferir que foi fundada em 1772, pela freguesia de Porto de Casais, e já adiantava intenções de um lugar nada neutro, como ao alterar por edital eclesiástico um ano depois e fundar a Irmandade São Miguel das Almas (ISMA); pela iniciativa e “coincidência” se educou a ser formada apenas por homens ricos (no “mínimo” para não afirmar como maioria, brancos) na administração e política! Ficando outros cargos restantes às mulheres (no “mínimo” em maioria brancas, também). E não é que, a partir

desse câmbio das mortes que os enterros sociais, na Santa Casa, surgem enquanto um negócio rentável na *broderagem* com a Irmandade São Miguel e Almas, que tinha um espaço do quadro do cemitério – delegando a exclusividade da propriedade à Santa Casa, e em troca os enterros sociais não seriam espalhados pela cidade, ficariam fixados em um espaço (Dillmann, 2013, p. 45-56). Assim ainda hoje, com os enterros sociais, a morte da população negra e pobre é um negócio, uma pechincha que monopoliza onde somos enterrados, transitamos e comungamos nossos mortos quando o cascalho no bolso não é abundante, colocando-nos em um sub *status* da perda, enquanto na indiferença visibiliza e hierarquiza outras vidas e modos de ritualizar a morte, com o espaço padronizado as missas, o preço do caixão, forma de lápide – um banquete ao capitalismo, que se alimenta de nossas vidas e do direito à nossa memória. Como será que eram os enterros de famílias negras, em seus próprios quintais, antes da arquitetura antinegra dificultar o direito à terra e a casa própria? Ei, Porto Alegre, onde estão hoje os cemitérios negros? Espero em breve, afrografar essas perguntas...

5.2 Quando foi que as teias se adensaram no Senhor Concreto?

Os pólenes de cuidados disputam diariamente as brechas da vida. Junto a eles trago, em ensaio, as *teias de necro-refração*, as quais partem da barbarização cotidiana, fixando a morte em um solo de queimada, para as trocas de cuidados não crescerem demais, de modos caóticos e sem controle, entre a população negra, na visão e anseio da branquitude.

Para a necropolítica ser cíclica, cogita-se a necessidade de manter um modo cristão, culposo, patriarcal, falocêntrico e universal sobre a memória e compreensão de sujeitos dissidentes. Trata-se de um exercício de poder a impedir o risco de imprevisibilidades a contagiar e a mofar atualizações do corpo negro como mercadoria, em datas de validade agora etiquetados pela medicalização da vida, manicômios, prisões e estudos de anatomia.

Ensaio com essas passagens e perguntas a perspectiva de fios a construir *teias de necro-refração*, aliadas ao epistemicídio (Carneiro, 2005)²² enquanto dispositivos viscosos de manutenção, tutela, apagamento e expropriação de um ciclo da vida, com a morte silenciada da população negra, especialmente dos homens negros e da juventude negra (cis e trans). Ausentes em políticas públicas, barbarizados na estereotipia da branquitude e dos efeitos do machismo em aliança com os efeitos do racismo, são atravessados na discursividade médica, capitalista,

²² Em Sueli Carneiro (2005), *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*, ao pensar o epistemicídio a partir de Boaventura, compreendo em sua obra que “[...] ao propor pensar o epistemicídio, em aliança com os usos de raça e gerenciamento da população, como um dispositivo de manutenção de posição, possível de armar diversas armadilhas nas relações sociais, a fim de inferiorizar, anular ou sequestrar o sujeito negro, enquanto afirma uma supremacia intelectual de racialidade branca” (Amaral, 2022, p. 42).

religiosa-cristã, Estatal e Moderna. A qualquer descuido com essas teias, na discursividade, elas emaranham uma espiral negativa sobre negros, especialmente os considerados desobedientes, não rentáveis e raivosos. Precisamos nos perguntar juntos: como escapar delas?

Pergunto se haveria entre as consequências, uma subtração antinegra até referente ao tempo de resguardo e cuidado com os nossos mortos? Como desacostumar com numerosos corpos nos necrotérios e enterros silenciosos “gratuitos”, ofertados de modo humilhante pelo assistencialismo do Estado? E das vezes que precisamos trabalhar no mesmo dia que enterramos os nossos?

Teias de necro-refração a serviço da colonialidade e do racismo se espalham a fim de revirar e destruir biomas afetivos do imaginário. Suas sutilezas são como pedras de gelo em um copo de água: dependendo do feixe de luz (ângulo da razão moderna) e líquido que acompanha (modos de vida, interesses e ancestralidade), elas ficam em amostra, a nossa frente, e ainda assim, não são enxergadas.

Da modernidade ao tecnológico, as teias de necro-refração somam-se à capitalização da morte com enterros e cerimônias nobres lucrativas; com o anseio de ganhar espaço com a ideia de *QR Codes* e *uploads* na internet, geridas por inteligências artificiais (enquanto extensão dos padrões brancos e das políticas a eleger seus representantes antes que se torne sem controle), banalizem ainda mais vidas negras, gerando o bloqueio de revoltas, desaceleração comercial, protestos, agendas e ocupações políticas, riscos do direito ao uso da imagem pós-morte, como queimadas que se alastram adensando novas formas de exploração, encurta-ção da vida e dos cuidados com os rituais comunicantes a morte, enquanto parte da natureza e vida.

A necro-refração da morte, também enquanto produto do capitalismo, serve como um espelho da racionalidade e das modulações de existência do colonizador branco, que teme a finitude e a morte, buscando comprar mais tempo, enquanto age na disputa de memória e na disputa cultural.

Teias de necro-refração são adensadas na iluminação da modernidade e no desejo de um futuro pós-moderno encaminhado, o qual a preferência das tecnologias é almejada para novas formas de roubo das vidas negras (e todas as demais existências dissidentes), disputa de recursos indispensáveis à manutenção da vida e, de supremacia, com predomínio de humanidades-tecnológicas sobre outras. Enquanto essas teias emaranham e atualizam a importância do enlutamento apenas dos senhores brancos e obrigam a se encaminhar para o fim do mundo, relegam à clandestinidade a memória da vida de homens negros, desfigurados de um lugar, generificados como homem, com fins de extermínio e adjetivos estereotipados, repetidos até entre os nossos, mas produzidos e criados pela branquitude.

É comum “homens” negros narrados enquanto violentos, perigosos, não confiáveis e sem atrativos. Como efeito, esses homens negros, geralmente, podem ser afastados de um olhar de cuidado dito humanizado. As *teias de necro-refração* fazem ligação desde o período colonial, com a formação do Brasil e a demolição do mundo. Tornando atrativo contar que o homem negro não deveria estar em nenhum desses períodos e mundos, seres imundos, sem esperança. Justifica, generaliza e naturaliza nesses modos narrados sobre o homem negro, que ele até ajudou a trair os seus, afinal capitães do mato não são esquecidos de serem generificados, geralmente, no significante masculino. Homens negros são estrategicamente generificados apenas na exclusividade de aspectos antinegros, do mundo?

O que não significa esquecer, fazer vista grossa para condutas violentas e desumanizantes feita por muitos dos nossos. Mas o ponto que ressalto é: a colonização deixou outros significados, referências e imaginários ao que significa ser mulher e homem, negra/o.

Para isso, houve estratégias para não sucumbirem em relações antinegras e, um modo dos padrões perceberem e traduzirem essas estratégias, de modo negativo, repassando esses valores e roteiros ao imaginário dos escravizados, inclusive. Sendo possível encontrar na ficção e literatura a reprodução desse imaginário, pesco o exemplo no livro *Tituba*, escrito por Maryse Condé, quando “Abena, mãe de Tituba chorava por ela não ser menino e saber o que estava dado à mulher [negra]” (2021, p. 28). **Mas e se fosse a um menino negro, o que reservava?** Deixo as cartas na mesa para vermos, e nos perguntarmos: como, através das violências sofridas nas senzalas no Brasil, se criaram hierarquias e o risco de secundarização do que é reservado aos “meninos”?

Entre as violências sofridas, a “menos pior” não deixaria de ser violência e produzir feridas/traumas? Se morte e a brutalidade se inauguram como ponto de partida (de saída das suas formas de viver e se cuidar, a serem iniciados como menos que apego a objetos e na busca de sobrevivência se conhece o individualismo colonial) à corpa e corpo negro, generificados e escravizados, o gênero, ou aquilo que se atribui aos papéis de gênero, precisa ser demolido. Não basta diferenciar e hierarquizar as experiências tomadas pela relação perversa de poder de quem governa a casa grande, mas destruí-la. Afinal, de volta ao livro *Tituba*, o escravizado também finge, sobrevive, utiliza da sua astúcia bem na cara narcísica da casa grande (Condé, 2021, p. 53).

Necessitamos de uma diversidade narrativa sobre homens negros, diferente das teias de necro-refração, que não produzam mais e mais narrativas em manutenção de homens negros fixados aos roteiros reservados na vida cotidiana e no imaginário social coletivo,

desumanizados, alvo de ódio e extermínio. **Proponho que são essas fixações, que nos tornam presas, que precisam morrer...**

São nos encontros em coletividades, com diferenças e diversidade, que podemos remodelar identidades e incorporar dos quilombos as **Partículas Zumbi**. Essas, como um modo de construir outros biomas da imaginação, se alimentando de convivências orgânicas (sinceras e espontâneas), trazendo ao futuro as artimanhas do passado entre fugas, danças e lutas. Assim, ao invés de nos jogarem à categoria capitalizada e generificada, de *socialmente mortos*, como trabalha Osmundo Pinho (2022), sermos insistentemente vivos, afinal a Linn da Quebrada, com sua sabedoria travesti, canta: “[...] tão normais e banais em processos mentais sem sistema digestivo lutam para manter vivo o morto-vivo morto-vivo morto, morto morto-viva”²³. Sua palavra final é viva!

Se voltássemos ao Senhor Concreto, seria possível perceber que ele não tem vísceras, são os corpos negros, especialmente a vida de homens negros na subalternidade e na mortificação, que pulsam dentro do concreto enquanto a vitalidade social e humana da branquitude acabou. Essa vitalidade extinta é composta por uma estrutura sádica e dependente, como um uma bateria *viciada* que só funciona enquanto estiver ligada à tomada. É a fixação das teias de necro-refração que vira um “T”, conector e adaptador, fazendo a bateria desumana da branquitude, do capitalismo e do patriarcado funcionarem sugando energia vital.

Um salve ao Achille Mbembe (2018a, p. 42) que se ligou e trouxe o *corpo de extração* como uma forma de dizer que o olhar de “aceitação” (por vezes acusado de privilégio ao adentrar círculos hegemônicos) ao negro está introjetado a servir a um patrão, à sua vontade, ofertando o máximo de rendimento, se acostumando a estar em posição de sujeição.

Podemos ser bocas que devoram mundos e braços que lutam e abraçam? **Nossa polinização em cuidados desde os mais antigos, em resistências de vida viscerais, já está em relação.** Quem tem paciência aos cuidados com a terra, às sementes plantadas e à irrigação, antes das colheitas?

Ainda assim, brilhamos²⁴

A mão preta e calejada aponta a consequência de um mundo
Que das vitrines aos entulhos, o lixo deixa o céu e o horizonte futuro
Vomitados,
com a barriga enjoada que ainda ronca.

²³ LINN da Quebrada. **Linn da Quebrada - Bomba Pra Caralho (Áudio-Vídeo Oficial)**. YouTube, 28 set. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZYOIvMyZ_GU. Acesso em: 22 dez. de 2023.

²⁴ Esse trecho artístico faz parte de um texto no prelo, baseado nessa escrita de mestrado, chamado *Pólens de cuidado*.

- Esses dias presenciei alguém pegando comida do lixo
 E comendo... era um homem negro.
 Lembrei de Carolina Maria de Jesus, quando diz que a fome
 se manifesta como uma forma de escravidão moderna.

Será a partir daí que os sonhos negociam
 as moedas possíveis com a pobreza?
 Quanto precisa para levar além de pão ou arroz?

A televisão nunca mostra, mas os movimentos negros sim
 O quanto a sensibilidade é semente solidária onde estivermos,
 Muitas vezes até mais que na assepsia burguesa da cidade.
 E o Estado que não ouse a nos ver como sujeito de caridade.

Mãos calejadas escrevem para o futuro declamar,
 E a gente volta ao passado com a fome, pedindo para
 Ser ouvida, com esperança de gerar descontentamento e ação,
 e não paralisia paciente.

Hoje tô crente que as palavras vestem
 como calçados macios para
 Nos fazer andar pela cidade, catando palavras no papel
 pisando em cimentos.
 - Vida maloqueira, já viram? Os barracos sem reboco também importam.

Volto para as memórias do morro de onde vim
 Convocado
 A registrar os encontros,
 Sem vergonha da realidade, tampouco naturalização.

Mas registrando-as
 Na cor preta da pele,
 Que já queimou demais,
 Mas mesmo que o fogo
 Apague,
 A fumaça do patriarcado incorpora a violência
 para tentar asfixiar cuidados.

No silêncio e insônia, lembro de olhar ao céu.
 Mas, como descansar,
 Enquanto a violação de direitos segue na espreita?
 Pois é, ela transgrediu o apagão escravagista
 Da privação que definha a carne...

Já a morte não resolve o cansaço.
 Os enterros sociais emprestam e tomam a terra
 Para limitar o direito à memória por três anos,
 Antes de misturar ossos e bloquear a lembrança
 desde as colônias.

Ainda assim, brilhamos
 como as estrelas desconhecidas no céu
 Reinventando datas e costumes que são parte da nossa história
 Desde a cor, desde o sangue e travessias.

Lembramos que a liberdade é não esquecer,
 e na morte celebrar
 A circularidade contínua em energia de amor.

Abrindo portais
 Na escrita
 Nos afirmamos
 Com voz alta,
 temos muito o que dizer, antes que a quase-democracia
 Enfraqueça, careça e morra, desnutrida, com amnésia.

E a ferida?
 É transporte político
 Feito um pão duro
 Para dentes que se foram.
 Dura é a vida
 Pobre e
 Preta?

Ela também é potencial, para descartar o cheiro podre
 Da desigualdade, que dá medo
 E assusta mais que a morte quando evapora
 E no céu nuvens se formam
 revelando goteiras até em lápides, discrepantes.

Porém,
 Logo cessa.
 E o arco-íris serpenteando
 Avisa: saí para fora.

A sobrevivência unida a muitas mãos pretas calejadas
 seguram flores cultuando a
 Renovação do ano,
 espalhando pólenes.

Na volta,
 quem despertou, acorda com cuidado quem ainda está dormindo!

Zeca Amaral

6 CESSARAM AS QUEDAS DE FOLHAS E FLORES

Faz três anos. Só sinto agora a moldura da fotografia nos meus dedos.

(Nunes, 2019, p. 29).

Cessou as quedas de folhas e flores. Agora elas aos poucos vão emergindo cheias de vida, muito próximas e quase sem fronteiras. Ainda assim, há dias chuvosos que deixam os ventiladores soltando ar quente e em outros dias a casa úmida. Dormir quase sempre é uma tentativa agitada. Parece que a dor vai suando, escorrendo e evaporando junto à casa, contornado na pele outros sentimentos que acompanham a memória e os sentidos de querer seguir contando histórias, tomado por outras afetações.

Ouvi que o *dia dos finados* se aproxima. Aliás, ele tem aparecido bastante citado na clínica, mas não lembro dele antes. Será que preciso? Recusando um tabu cristão, me pergunto o que pode ser pior que o medo da morte? Profanando a recusa, as vozes em minha cabeça se sentam em roda para conversar. Uma delas se autoriza a responder que depende qual território e pessoa pergunta; outra, que o que realmente importa é o que se oculta quando quem faz a pergunta; a voz que se nomeia mais velha pergunta ao invés de responder: o que é a morte? A mais nova acompanha: e se não tivéssemos medo da morte? A voz que nasce da memória, pergunta – Lembra de Tituba?

Busco tentar recordar. Foi uma leitura importante enquanto o coração parecia nunca mais circular igual, seu ritmo deixava a impressão de profetizar coágulos, nessa pandemia de Covid-19. Ainda a perguntar para as vozes: se o marcador relacional fosse os regimes *plantations* ou a *modernidade*, o que mantém o/a escravizado/a e trabalhador/a vivo/a? [Cometi o “ato falho” de escrever sem ter pensado ou decidido antes, a palavra **livre**. Pois é, o livre escapa e ultrapassa a coesão textual/institucional apesar da intenção de controle].

Retorno à literatura de Maryse Condé (2021). Nela, abre-se um portal na memória e avisto Abena, a mãe de uma personagem a vir a ser temida, chamada de bruxa, a viver muitas barreiras de opressão, chamada de Tituba. Abena chorava por sua filha não ser menino e saber o que estava dado à mulher. *Abena foi morta na frente de Tituba após o patrão branco tentar abusar dela mais uma vez e ela não permitir, se defendendo e cortando seu ombro com o facão. Yao, seu companheiro foi punido também, vendido a outro branco para seguir sendo objeto de trabalho, recusando o que viria tirou a sua vida engolindo a própria língua e sangrou até morrer, diante da atmosfera de aniquilamento* (Condé, p. 28-56).

Tituba sentia que a mãe não gostava dela por lembrar o abuso. Sem ter certeza de uma experiência de amor, Tituba ainda foi expulsa da plantação aos sete anos, sendo acolhida por uma nagô chamada Man Yaya (Condé, 2021, p. 28-36). Com Man Yaya Tituba pôde crescer mais e se conectar com sua espiritualidade, com saberes da floresta e da natureza, e nos sonhos a ancestralidade lhe recebia e até avisava de muitos perigos. “Acredita então que foi um sonho? – lhe indaga Man Yaya (Condé, 2021, p. 33).

Brasil, como você encobriu? As Abenas, Titubas, Man Yayas e Yão's? Ventilo as ideias para varrer a poeira de abusos às nossas mais velhas, mais velhos, mais novas/novos, punições e aniquilamento aos mais novos/as e velhos/as. Nessas brechas as vozes me perguntam a satisfação das fugas das senzalas, das casas grandes e campos, para formar quilombos. Zumbi e Dandara, que driblaram a morte em vida, deixando florescida a esperança de sobreviver e voltar da morte cultural imposta, utilizando da astúcia bem na cara narcísica dos patrões à burguesia-moderna. Na habitação de um solo cantado gentil, com a marca de uma mãe África que teve seus mais novos e velhos mortos e sequestrados, quais brechas de imprevisibilidade polinizaram acolhimentos? E fizeram laços, sem achar mais atrativo morder a própria língua? Seria o amor em suas infinitudes a imprevisibilidade que nascia junto a novos *amefricanos*? Seria a língua uma das artesãs de nossas histórias e da elaboração de mundo? Quanta raiva e coragem é preciso para cuspir o que engolimos desse *cis-tema* escroto, que usou da nossa vida como lenha para aquecer caldeiras e alimentar vidas brancas? “Quantos séculos de raiva há entre a flexibilidade do improvisado, a tão louvável da resistência e as graves sequelas do ódio?” (Rosa, 2021, p. 363).

Nas memórias transatlânticas que Beatriz Nascimento regou nos quilombos, me junto a ela e Allan da Rosa (2021, p. 30) para discutirmos como inverter a sede e a secura que murcham e matam, para depois das fugas hidratar e nutrir nossos solos, até quando as flores se vão. Então, quando foi que ficou entendido e fixado que a dor das violências que houve na escravização e na morte dos nossos hoje, é a bíblia dos CID'S da evangelização cristã que vão traduzir as nossas experiências? Escrevo da falta de outro lugar, e mesmo assim, sonho a raiva nossa se articular com a dor, para dar indigestão no Senhor Concreto.

Uma raiva para não descontarmos em nossa existência negra, entre negros/as e na articulação e alerta dela, haver também espaços de cuidado. Sem violências com as nossas e sem que sejamos ensinados a odiar e invisibilizar as dores e demandas dos homens negros, dos Yão, como no livro (Condé, 2021). Já a literatura de Davi Nunes (2019, p. 27), em contos nos molha, com um trecho muito propício que diz: “Nós duas entendemos que ele só tem a gente. E uma zanga muito grande que não fica escondida nos olhos”. **Zanga assume o lugar aqui, com reverência ao autor, como caminhadas na companhia da morte, acentuada pelo racismo, capitalismo e patriarcado, enganando-os, sem precisar morrer para lutar contra ou ser fixado como violento, e ainda assim, ter espaço à reação revoltada. Dobrar com a raiva uma força exterminante fazendo dela um impulso, uma coragem, e não uma força destrutiva a mergulhar, e até questionar uma visão estereotipada de que a raiva é algo exclusivamente nocivo a homens negros e às pessoas em volta. Um trato de não esquecer**

a dimensão política do sofrimento que nos atravessa e como o pessimismo joga lixo que não se dissolve fácil na terra. Contudo, na subversão da palavra racional, Racionais MC's cantavam, em uma canção contraditória, com reproduções coloniais, uma brecha também: “Ei irmão nunca se esqueça, na guarda, guerreiro, levante a cabeça truta, onde estiver seja lá como for, tenha fé, porque até no lixão nasce flor”²⁵. Subverteremos em revolta, sem ignorar os vergões na pele e bolhas nas mãos e pés, sem deixar de compartilhar salmouras, escalda-pés. **Cuidados são águas-memórias de travessias, acompanhados, que em algum momento precisam chegar no futuro, para pisar em terras férteis, juntas e juntos.**

Das chegadas a partidas, seria a morte incitada pelo racismo da branquitude à população negra uma forma de atualizar um não lugar, desde os navios de escravizadores? Estarmos sempre em travessia rumo à subordinação à supremacia, roubo dos corpos da terra – lápides do concreto, aterrorizados, separados, generalizados no espaço-tempo? Sem espaço inclusive aos corpos sem vida, jogados ao mar, hoje, destituídos dos nomes e identificação, nos enterros sociais jogados ao fundo de seletos cemitérios?

Por isso bell hooks (2022, p. 132), em suas palavras que seguem vivas, nos alerta sobre os usos da raiva aos homens negros: a não usarem de forma reativa ao incentivo de extermínio. Do contrário, beber da raiva torna-se o risco de haver um abate psíquico (esquecimento da fecundação de afetos) e o único caminho a ser acessado pela raiva, ser a violência. Precisamos não esquecer de desviar dessa isca, mas ainda assim, há algo que vai além da perspectiva de bell hooks e muitas outras irmãs. Teimo lembrar que os homens negros também têm um saber e experiência a ser ouvida e integrada, especialmente os homens negros LGBTTTQIA+, que nem sempre estão inclusos nas mesmas agendas, políticas públicas, lembranças e literaturas...

A experiência de um não lugar para as nossas mortes-corpos, territorialidade cultural e espaço para sentimentos, é ofertada apenas na violência naturalizada das relações raciais e Estatais. Essa oferta poderia ser um simulacro resultante do banzo e do patriarcado, virtualizados, de uma terra não pisada e uma impotência que não é real para os homens negros lidarem, pois isso é efeito da brutalização e colonização de muitos homens brancos, herdeiros e viciados dela. Recusar a zanga de homens negros pode ser uma forma de negar um espaço a desmontar a brutalização e jogar para o Senhor Concreto, etiquetando-os enquanto descontrolados. A raiva também pode ser uma manifestação momentânea da dor, seja ela de um luto ou violência sofrida. A minha raiva pode ser suportada também? Ela não cabe expressa em uma pergunta? Em uma poesia? Em um desenho? Em uma escrita? Em uma recusa (de

²⁵ COUTINHO, André. **Vida loka parte 1 - Racionais Mcs.** YouTube, 10 mar. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jc36BIAEWIQ>. Acesso em: 11 dez. 2023.

desumanização, extermínio e subalternização)? Em uma performance? Em uma música? Em um olhar?

Esqueçamos os determinismos. Assim como a travessia do Atlântico produzia parentescos simbólicos e rituais (Reis, 1991, p. 55), cismo que mesmo nos porões de produção de morte, a vida e afeto negro podem ter uma malandragem que o capitalismo, a colonialidade e modernidade não conseguem prever. É na imprevisibilidade dos parentescos e afetos, na imprevisibilidade dos pólenes de cuidados, que nossas travessias não deixam a morte ser o pior, ela faz parte da nossa abundância de vida tanto quanto o sangue que circula pelo corpo. Os nossos pólenes de cuidados nos convidam a ter coletivamente uma memória viva que penetra o concreto e bagunça o seu objetivo de nos separar da terra e da vó África, conhecida nas lembranças e histórias da mãe, Améfrica Ladina e tantas outras filhas. Em ritos dançantes, cantados, escritos, saboreados, performados e comungados elas nos demonstram e asseguram que as proles a vir ao mundo, já está sendo amada, em muitas casas e vielas, e seguirão... vidas que emanam na pele.

Por isso, nenhuma tradução sobre quem não vive a realidade cotidiana da população negra e pobre pode estar restrita e resumida às interações, prisões e psiquiatrização. A medicalização e psicopatologia não devem ser as únicas formas de tradução da morte e do luto; tampouco operar aquilo que Frantz Fanon (2020), nomeia como assimilação, onde a perspectiva é universalizada (na branquitude e no humano à sua imagem e saber), com a multiplicidade da cultura desaparecendo em serventia da perspectiva universal. O comprometimento em experimentar territorialidades negras e suas formas de exemplificar como a experiência da morte e do luto pode ser contada, de modo a se dispor aprender a gingar e dar uma rasteira na tentativa de psiquiatrização do próprio luto, de um lugar de escuta para a população negra. Nessas brechas de contação, acentua-se a finalidade de espalhar cuidados e sobrepor a violência.

Violência, aqui, invoco Renato Nogueira (2020) para dizer que ela está ligada enquanto partícula a perda da imagem e formas de moldar relações. Essas partículas, entre diversos fatores extras, que buscam impedir uma política de aquilombamento nas políticas, perpetuando traumas e “*negrigências*” no campo da saúde mental, antimanicomial e da reforma psiquiátrica, por negar a subjetividade da experiência negra.

Frantz Fanon (2020, p. 276-277) chega mais, do colonialismo a colonialidade nesse Brasil, suas palavras são um alerta ao dizer que o psiquiatra é um auxiliar da polícia, enquanto pergunta o critério da normalidade em uma sociedade segregada e capitalista. Quais lutas e interações humanas ligadas ao combate à patologização ainda não se cruzaram, ao

fragmentarem-se e ignorarem compreensões da realidade social e econômica nesse Brasil do samba e futebol? Ei, Fanon! Será que você teria tempo para sambar, estudar e cuidar da saúde, sem interiorizar as teias de necro-refração na virtualidade antinegra? Ou pensar por outro ângulo um diálogo para a população negra LGBTTTQIA+? Poderíamos desenrolar uma ideia, sem que a minha identificação política como bixa preta me colocasse em um lugar moral e negativo?

Ei, Fanon! Fiquei pensando nisso após ler a Megg Rayara Oliveira; cirurgicamente ela aponta perigos nas hipóteses suas, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008) quando cogita a “homossexualidade” produzida no discurso de perversão, pecado e paranoia junto à *negrofobia* do branco estar atrelada a um desejo erótico mal resolvido pelo negro (ao invés de ódio e desumanização) (Fanon, 2008, p. 152-154 *apud* Oliveira, 2017, p. 26-171). Me pergunto o quanto a medicina e psiquiatria podem fazer manutenção e imposição de uma perspectiva binária do gênero e sexualidade. Não à toa, fomos e ainda seguimos associados a transtornos mentais e disforias. Quantos manicômios serviram para nos tirar de circulação junto à ditadura brasileira? Que pactos são firmados quando há estudos de relações raciais, masculinidade e gênero nos desconsiderando ainda hoje em produções científicas, grupos de estudos e geração de dados?

Seu camarada e estudioso do seu legado, Deivison Faustino (2019), também chega junto para dizer que em situação comum, a um tipo de sujeito, o luto está engendrado de início a ritual de valorização da imagem e dos feitos de quem morre. Qual é o valor dos LGBTTTQIA+ quando o Brasil nos consome na pornografia e mata à luz do dia? *Black money* e *pink money*, são consideradas partes indispensáveis da acumulação primitiva colonial? Se tratando de vidas negras LGBTTTQIA+, a taxa de câmbio é articulada para se manter baixa, como isso afeta a experiência do nosso luto?

Quanto a população, nas “mortes matadas” alvejando homens negros cis e trans, as travestis e transexuais negras, que reconhecimento de imagem e feitos, existem sem o contágio da violência, pela branquitude? Pátria indiferente, nos amaldiçoa com seu racismo e endereças dores persistentes. E os currículos? Quantas décadas para desembranquecer e haver solidariedade com nossas vidas, como parte e não recorte do sofrimento psíquico? Lamento que fez a sua passagem cedo, Frantz Fanon. Você deixou um legado ao ensinar um outro olhar advertido à medicalização: não usar como efeito e finalidade para dor do luto na filogenia e ontogenia, ignorando a infecção na sociogenia. Assim, podemos não pagar com a vida nossas lutas e gerar comoção, tendo um tempinho para descansar, ler e escrever contando novas histórias e discursos próprios!

6.1 Cuidados para lidar com a (des)articulação da vida negra

Não esqueço a primeira vez que entrei em um terreiro. Porém, faço um alerta: escrevo sobre a falta dessa experiência acessada ao longo da minha existência. Escrevo narrando o começo desse acesso subindo entre profundezas da incompreensão. Mas, mesmo sem saber, as formas de cuidado sentidas à distância fizeram-me tirar os sapatos e meio sem jeito entrar no lugar de visitante em um terreiro.

Na estranheza do que o meu corpo sentia, a cabeça tentava traduzir e adicionar a sensação reforçada de timidez ao ficar no cantinho da casa, no escuro, junto ao meu amor, foi sendo dissolvida, ali fomos notados. Apesar de não ter lugar à vista para sentar, o pessoal apertou um pouquinho e coubemos também. É, Lélia Gonzalez (1984), sempre coube um lugar na mesa... Da bebida, cantos e danças voltei com o coração leve para “casa”. Segui com meu amor e companheiro, conhecendo outras casas, entrando na roda, comendo juntos alimentos em cadeiras ou chão, sendo recebidos ao som do tambor e afetação das danças. E foi em uma dessas forma de encantar a vida, que senti outra torção.

Era uma das semanas quando lhe perdi, Pai. Senti minha dor, senti medo pelos deveres e cuidados de quem ficou. Acabei sendo recebido de um modo tão bonito e sensível, que fiquei com a sensação de ser mais, e não menos um nas rodas. Havia ali um reflexo não borrado da minha existência.

Se a escravização pisou no acelerador com a intenção de combustão da matéria dos nossos afetos, espaços e corpos, acho oportuno trazer João José dos Reis (1991), que tirou os sapatos e parece ter ficado sem eles para poder dizer que não deixou de haver espaço de comunhão e identidade. Segundo ele, podendo ser dimensionado com apoio nas necessidades e ritos fúnebres, a protestos às desigualdades senhoriais, nos ritos de “família-de-santo”, em religiões de Matriz Africana, como Candomblé e nas Irmandades dentro das igrejas, subvertendo-as (p. 55).

Vivenciei espaços solidários, lembro de estranhar não pagar pratos de refeições fartas e saborosas, de aprender e ouvir informações circulando com a realidade das pessoas da região, dos beijos e abraços por quem ainda não conhecia. *Os pólenes de cuidados sempre estiveram presentes, nós que demoramos para prestar atenção no chão...*

Um amigo e colega de pesquisa (após ler a minha escrita antes da qualificação de mestrado), me deu um toque enquanto perguntava se entre os motivos que me desautorizavam a dançar, haveria a possibilidade de ser um aspecto da brutalização do Senhor Concreto, secando em minha imaginação e corpo?

Fiquei dias em choque, sem palavras. Tenho dançado comigo mesmo após esse encontro. Lembrei que lá no *Vermelhão* do Morro da Conceição, em um campo de futebol e onde ocorriam *shows*, nas vezes em que lá estive, não era ideal dançar muito. Os signos estavam introjetados em ficar segurando um copo, sem chamar atenção, conversando entre tensões de amigos, inimigos, traficantes e policiais à paisana ou fardados circulando de carro e, quando havia “movimento” eram dedos indicadores e polegares para cima, como simbolização de arma e virilidade. Com sons altos no fundo parecia ser o suficiente a ao corpo parado, na defensiva. Pronto para sair de fininho se alguma boca de tráfico entrasse em conflito com rivais.

Já nos ambientes nobres da cidade, ficar sério com os fones de ouvido trazendo sons dançantes de pagode e samba era o outro lado a coreografar meu corpo negro e bixa, apesar das revistas da polícia, passos acelerados após me olharem, ou, perceber em seguida, os celulares escondidos.

Como os bairros em Porto Alegre considerados seguros e nobres foram formados à custa do terror aos ditos pobres, perigosos e periféricos? Temos bairros que existem, mas não se misturam. Será que a morte e a possibilidade de elaboração de luto ao povo negro pareceram mais oportuno ser colado na experimentação, uso e desgaste da violência, como oxigênio para pulmões cansados?

Vejo nesse ponto, com Osmundo Pinho (2020), que é na negação de legitimidade e dignidade da vida negra que acarreta uma não mobilização social a cada “mais um” preto em valas e necrotérios, suspeito ou vítima de fatalidade por “engano”, até que se prove o contrário, que as mortes e lutos não são simbolizadas adequadamente, produzindo uma posição enquanto critério ontológico de um mundo *antinegro*.

Nunca vi no bairro ao lado e na rua sujeitos brancos que podiam morar em condomínio serem constrangidos e mortos pela polícia. Já no morro, na parte dos barracos o raro era uma criança negra não ser apresentada às perdas dos seus, de amigos e familiares. A morte não vinha nos visitar, ela fundou se instalou ali.

O modo de governar sobretudo pela morte, que Achille Mbembe (2017, p. 61) relembra como nova atualização de terror, nunca foi mais que o caminhão do lixo enviado pelo higienismo social, para recolher corpos negros como lixos orgânicos, sem data e horário certo de recolher. Talvez com o racismo no Brasil, nosso extermínio não tenha somente a ver com uma gestão de terror, para fazer política Estatal, mobiliária e manter outros bairros ditos seguros e civilizados, mas sim com o desejo de uma gestão do nosso aniquilamento total, para construir muitos outros condomínios e valorizar novas regiões. Como ter shoppings e condomínios valorizados ao lado de *maloqueiros*? Cismo se essa seria uma premissa. Quanto valeria um lote

de terra se as “vilas” sumissem? E assim, não precisar disfarçar cidades que não se misturam, a preferência seria a “pureza”?

Não é surpresa que após os *pólenes de cuidados e zanga*, presentes também no período da escravização, se espalharem, foram rachando a economia escravagista e, de repente, traficar tinha caído no caos. O grande medo econômico dos patrões. Então, um modo de atualizar esse poder foi a corrida para legalizar as posses de terras invadidas, servidão disfarçada de trabalho, sem ramificação de meios de produção plurais e monopolização de recursos nas formações de metrópoles e comércios espacialmente planejados a modernizar – assim nasceu o Senhor Concreto, em consonância com o Estado Brasileiro, para crescer e fazer suas políticas antinegras, repleto de inveja desde a formação de quilombos. Sendo assim:

Com a iminência do fim da escravidão, decorrente da proibição do tráfico negreiro em 1850, tornou-se premente dificultar o acesso à terra aos menos aquinhoados: para manter dependência da mão-de-obra, procurou-se impedir o acesso a um meio de produção fundamental como a terra. Transformada em mercadoria, a propriedade fundiária passava a ser acessível apenas através da venda por parte do Estado (Barcellos *et al.*, 2004, p. 49).

Imagino o medo e terror branco, temendo seu fim, separado dos brancos europeus e estadunidenses, vendo como milagre celestial a articulação do Estado e do Senhor Concreto, para decretar políticas impositivas e chantagistas de boas relações com os ex-senhores, a fim de ofertar mobilidade aos negros, validação de autenticidade no pertencimento “comunitário” e livramento da figura do vadio²⁶.

Nesse andar da carruagem, invoco Maria Aparecida Bento para destacar que após a abolição da escravatura, o pânico tomou conta da burguesia brasileira que vê o negro sair de um lugar legalmente investido de desumanização, então corre para fortalecer os seus iguais e, por meio das políticas de imigração, acha outras formas de excluir negros e ofertar novas formas de controle e confinamento: o hospital psiquiátrico e a prisão (Bento, 2002, p. 10). Do anúncio cínico e dissimulado, com letras contratuais miúdas do “fim” da escravidão, ainda em consonância com a arquitetura antinegra, o Senhor Concreto torna-se uma figura importante, pois quando os muros dos manicômios e prisões começam a serem levantados na sociedade brasileira, engendram-se efeitos a quem está em seu interior, mas principalmente a quem está fora.

Não surpreende ninguém que os manicômios têm a bênção colonial, pela dita Princesa Isabel que chegou a visitar o manicômio do Hospital São Pedro, em Porto Alegre/RS, dia 30 de

²⁶ Como é possível verificar em Barcellos *et al.*, 2004, p. 121.

janeiro de 1885, assinando o livro de visitas, inclusive²⁷. Ainda hoje, o manicômio São Pedro segue funcionando e, depois de uma “alta” do CAPS, o antigo manicômio foi o lugar encaminhado em rede, para a mãe e o mano seguirem, “acompanhados”, sem disfarçar o interesse da rede em qualquer projeto de vida e esse não investimento, que não opera a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), mantém corpos negros sendo exterminados, trancados e psicopatologizados, sem lugar para a dignidade e a autonomia. A exclusão, o sofrimento e o luto são peças que vestem como um uniforme pintado de branco, e que não devem ser tirados dessas subjetividades discriminadas na continuidade antinegra de um trauma social e político, enquanto fluxo cotidiano.

Em Porto Alegre, os CAPS (Centro de Atenção Psico Social), ainda não estão de portas abertas, exceto, teoricamente, o CAPS de álcool e drogas. Uma forma de humilhação enquanto correm o risco de serem fígados pelo manicômio. Soma-se à falta de outros espaços de convivência e vezes que o Estado fica sem previsão de fornecer as medicações. Colocando a barreira da burocracia materializada em muitos documentos e exames para entregar na Farmácia do Estado de modo periódico, em um fluxo distante da realidade de pessoas pretas e pobres. Então, a negligência, paradoxalmente na visão biomédica, surge na rotineira falta dos medicamentos, com a frequência de dias ou semanas, fragilizando o investimento de outros cuidados.

Tem um filósofo famoso, querido e muito popular aos brancos quando o assunto é loucura e instituição, o nome dele é Michel Foucault, ele faz uma caminhada longe, falando de um tal princípio da porta giratória. Se o patológico entra em cena pela porta, a criminalidade nos termos da lei, desaparece (Foucault, 2002, p. 39-40), e assim vai... Nesse enjoo da porta giratória, ele quer dizer que o psiquiatra e policial se alternam como agentes do Estado e da loucura... Bah, só faltou o racismo. Será que ele é o próprio prédio e a colonialidade o dono de imobiliárias locais?

Ainda nessa ideia da *porta giratória*, desperta a atenção a falta de justiça escancarada como norma. É possível, como outro exemplo, no caso do Genivaldo²⁸, homem negro com

²⁷ Mais informações em: JAMES. **Porto Alegre Antigo – O MAIOR PRESENTE**. 24 de março de 2012. Disponível em: https://lealevalerosa.blogspot.com/2012/03/porto-alegre-em-montagem_9753.html. Acesso em: 28 dez. 2023. E em: RIO Grande do Sul. **Seminário sobre Hospital São Pedro reúne pesquisadores e técnicos em saúde mental**. Porto Alegre, 25 de novembro de 2002. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/seminario-sobre-hospital-sao-pedro-reune-pesquisadores-e-tecnicos-em-saude-mental>. Acesso em: 28 de dez. 2023.

²⁸ Conforme noticiado em: O Globo. **‘Câmara de gás’, asfixia e transtorno mental: Tudo o que se sabe sobre a morte de homem em porta-malas de viatura da PRF em Sergipe**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/05/camara-de-gas-agressao-asfixia-e-transtorno-mental-tudo-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-de-homem-em-porta-malas-de-viatura-da-prf-em-sergipe.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

demanda em saúde mental, morto asfixiado, assassinado em uma viatura da polícia, a partir da violação dos seus direitos, intoxicado com a fumaça e o ódio. O que se repete a esses casos é que a maioria tem a inscrição da raça negra. Tive medo pelo mano, quase me desesperei, o que teria reservado a um jovem negro carimbado de “louco”? Ao sujeito negro, além das humilhações e violências, a cada momento há uma possibilidade e tentativa coercitiva de tirar o direito de autonomia ao próprio corpo e destino. Uma espécie de alerta e lembrete àqueles que ainda estão respirando e soltos, que a liberdade e o genocídio são partes contrárias, ainda assim, não garantidas de ocorrer quando a “desorganização” e o remédio não contiverem as condutas “anormais”, que colocam em risco o próprio poder da psiquiatria.

Conjuro aqui, Rachel Gouveia Passos (2018), que vai apontando o quanto o racismo e patriarcado são estruturantes e, junto à economia, somam diretamente na violência e desumanização a negras e negros, independente da geografia. Essas condutas seriam como chibatadas dentro da legalidade institucional, no objetivo de estabelecer um modo de controlar corpos, condutas e modos de como se relacionar com os territórios. Quando a linguagem de um território com suas relações raciais, de gênero e econômicas não são compreendidas, quem, ciclicamente, irá sofrer o peso desses marcadores psicossociais e desempenhar um papel de colonizado? Quanto pesa a existência?

Será por isso que nunca foi trabalhado nos CAPS e tampouco em hospitais psiquiátricos que parte do sofrimento dos meus familiares é potencializado ou causado pelo racismo? Pela humilhação da polícia? Por terem morado décadas em condições não dignas? Por se depararem com o conflito e rivalidade do tráfico, e pela perseguição da polícia a quem se enquadra “no perfil padrão de abordagem”? Pelas visitas domiciliares não solicitadas com olhar moral, considerando casas pobres insalubres? Por em muitos documentos de atendimento a raça ser negada, registrada como “moreninha” e “branco”? Por serem culpabilizados de se desorganizar quando a medicação não era usada como um recurso para auxiliar, mas para conter e silenciar?

Convoco Fátima Lima (2020, p. 95), que bota para conversar Conceição Evaristo e Frantz Fanon, quando articula a *sociogênese* com a história de *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Fátima Lima areja os pensamentos quando deixa pistas, sem romantização, de que o delírio pode ser uma forma de defesa e sobrevivência, bem como o luto e o sofrimento não correspondem exclusivamente a uma estrutura interna, à melancolia e ao modo que os pais simbolizados são, apenas, mas nas experiências vividas da população negra, entrelaçadas na exploração; como ao trabalhar em terras de brancos, amanhecendo mais pobres, com a subjugação racial enquanto indispensável para as relações sociais, e a violência e brutalidade

da colonialidade, indispensável para o esvaziamento de vida e alienação; principalmente quando exemplifica na história de Ponciá, que precisou se alienar de si.

Essa alienação de si, no entanto, não é construída individualmente na resposta ao racismo, no exemplo de Ponciá (Evaristo, 2017), é na necessidade de deixar parentes para trás em busca de melhores condições de vida, na indiferença na cidade grande, na história do seu avô que matou a esposa e tentou se matar, e só conseguiu perder a mão, que chorava e sorria e morreu quando Ponciá era pequena, na violência em casa... Obrigado, Fátima Lima por ilustrar que o trauma ou ferida colonial não é uma reprodução, e sim uma atualização e reencenação colonial enquanto processo de subjetivação de práticas racistas (2020, p. 98).

Com a invasão de traficantes na casa da mãe e do mano, sendo eles acordados com armas no rosto, ameaçados e roubados, conseguimos mudar de casa no final de 2022, para um bairro mais próximo da minha casa e não tão longe do morro – com alívio dessa saída, pois ali não havia mais espaço para cessar e escapar da violência, antes que “o rompimento da realidade” se manifestasse em fugir para a rua, ou esconder facas pois o delírio avisava que alguém com intenção de ceifar estava vindo. Polícia, tráfico e “internação psiquiátrica”, por onde escapar em/com vida? As fugas, exploração, humilhação, subjugação racial e adoecimento atravessam gerações, em nossa família, por aqui... e o meu papel tem sido, ao entrar no mundo das letras, buscar estilhaçar o trauma colonial enquanto nos amamos e vivemos novas histórias, com a mãe e o mano contando suas próprias histórias presentes e futuras, por isso não me alongo muito aqui em detalhes.

Sem deixar a pergunta em silêncio, seria o traço antinegro materializado na banalização do cuidado e ética profissional na área da saúde mental? Somando com a bandeira da guerra às drogas enquanto política moral de extermínio, especialmente à população negra e periférica? Faria uma aliança para alternar a desumanização com a internação psiquiátrica, baseada na Lei nº 10.216/2019²⁹, a pessoas que não são vistas enquanto operárias na produção de trabalho servil ao capitalismo?

Cismo em perguntar: esse recorte é o trauma habitual para a população negra ser naturalizada enquanto é recurso de faturamento em leitos de comunidades terapêuticas, manicômios e prisões? O manicômio não acabou, está sofisticado, espalhado e “mocoçado”. Rachel Gouveia (2018, p. 13), que importante aprimorar esse trecho dizendo que o manicômio é social e está presente no *apartheid* social visto na medicalização e patologização da vida, pela

²⁹ Para mais informações, vide: ACS. **Internação psiquiátrica compulsória**. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, 2021. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/internacao-psiquiatica-compulsoria>. Acesso em: 15 fev. 2023.

internação compulsória, pela esterilização coercitiva, higienização urbana, etc. Seguimos reconstruindo percursos contra esses efeitos sociais que fazem muros e divisões onde menos esperamos.

Por aqui, ao pensar território, e uma porta giratória em cada esquina, os letreiros acima da porta cogitados variam, mas o tapete vermelho que liga eles são o segregacionismo social e econômico, alternando, ceifando, diagnosticando, encarcerando em prisões/manicômios, e violentando pessoas negras. Então, como ter possibilidades de acesso ao direito à memória e elaboração? Caminhada cansativa. Os pés chegam a criar bolhas... Podemos cuidar juntos, em fugas e rasteiras antes de novas travessias!

Gente bonita

Gente bonita é foto
Gente boa é lembrança
É gosto, é cheiro, é toque
Tempero, pedaço de infância

O resto é rosto, é risco
Dúvida que nos alcança
É a brisa que vira o barco
Ficando com a maré mansa

Desde pequeno mamãe dizia
Cuidado com as voltas que o mundo dá
Menino, saiba que a alegria
E a dor tão no mesmo lugar

Amor de verdade é livre
Não fica tentando secar
A diferença entre o remédio
E o veneno, é a dose que se usa

Ainda mais quando se tem afeto
Quando se quer junto, perto
Mesmo se o caminho é incerto
De certo que vale apostar

Mas ainda se eu não tô completo
Saiba que isso tudo é um processo
O que busco é bem mais complexo
Lhe peço que saiba julgar

Que a água leva a maquiagem
Tempo leva a juventude
Mágoas nem sempre são passagens
Ainda mais se a gente se ilude

Hoje só quero a pureza disso comigo
 Verdade de olhares sinceros
 Onde eu possa encontrar abrigo

Desde pequeno mamãe dizia
 Cuidado com as voltas que o mundo dá
 Menino, saiba que a alegria
 E a dor tão no mesmo lugar

Amor de verdade é livre
 Não fica tentando secar
 A diferença entre o remédio
 E o veneno, é a dose que se usa

Ainda mais quando se tem afeto
 Quando se quer junto, perto
 Mesmo se o caminho é incerto
 De certo que vale apostar

Mas ainda se eu não tô completo
 Saiba que isso tudo é um processo
 O que busco é bem mais complexo
 Lhe peço que saiba julgar

Que a água leva a maquiagem
 Tempo leva a juventude
 Mágoas nem sempre são passagens
 Ainda mais se a gente se ilude

Hoje só quero a pureza disso comigo
 Verdade de olhares sinceros
 Onde eu possa encontrar abrigo

Gente bonita é foto
 Gente boa é lembrança
 É gosto, é cheiro, é toque
 Tempero, pedaço de infância

O resto é rosto, é risco
 Dúvida que nos alcança
 É brisa que vira o barco
 Ficando com a maré mansa

*Fióti*³⁰

7 ESCALDA-PÉS

Anuncio aqui a morte dessa dissertação e a minha. Você está recebendo o convite antecipado de fazer parte desse ritual, de preferência, fazendo barulho! Não traga flores, “se” a

³⁰ LABORATÓRIO Fantasma. **Fióti - Gente bonita (Clipe oficial)**. YouTube, 1º de abril de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jW0-jYz1PxI>. Acesso em: 30 dez. 2023.

minha estação “já” passou, e os cuidados que tive enquanto incentivo a serem multiplicados a mais homens negros, entre si e entre a população negra, não lhe fazem sentido. São os pólenes que importam continuar e as flores seguirem sem expulsão da terra!

Fazer o que se é assim? Vida loka, cabulosa
 O cheiro é de pólvora e eu prefiro rosas
 E eu que, e eu que sempre quis um lugar
 Gramado e limpo, assim, verde como o mar
 Cercas brancas, uma seringueira com balança
 Desbicando pipa, cercado de criança (RACIONAIS MC's).³¹

Não quero mármore, ternos e véus. Quero samba, pagode, rap, abraços, cervejinhas, carboidratos fartos, regata, chinelo de dedos, pacote de sementes e algum lugar de encontro coletivo para plantar. Bora?!

Invoco Renato Nogueira (2022, p. 55-69), que chega com belos sons e nos sugere a inspiração no **gurufim**, um festejo em samba com a visita honrada da morte, transitando desde a *África Global*, essa como forma de aproximação entre povos africanos e afrodescendentes em outras regiões do planeta, para celebrar esta etapa necessária da vida, honrando a jornada da natureza em responsabilidade e afetos. Um brinde a nós!

Que não sejam a dor e a tristeza a nos unir apenas! Alguém toca Emicida e Gilberto Gil? Eles tão na cabeça cantarolando “Viver é partir, voltar e repartir (morte é quando a tragédia vira um costume)”³²... E a exponencial da tragédia, é não ter partilhas de cuidados e de novas produções de memória reatualizando traumas. Que possamos entender como operar cuidados e amor com nossas existências, com outras trilhas quando a carne virar e integrar o barro...

MORRE AQUI!

Morre aqui o silêncio sobre o aumento da taxa de homicídios da juventude e de crianças negras pelo Brasil, em diálogo com mortes violentas pela polícia, tráfico e “guerra às drogas”.

Morre aqui a naturalização sobre o descompromisso com o envelhecimento da população negra.

Morre aqui a paciência com falta de formações sobre singularidades da violência psicológica sistemática arrastada à população negra.

Morre aqui um olhar as violências escolares e uso de banheiros públicos, serem considerados apenas atos individuais a responsabilizar.

Morre aqui, a tentativa de invisibilizar o racismo colocando-o como outro elemento a fazer parte do bullying.

Morre aqui a esperança em uma justiça brasileira ocupada apenas por juízes, promotores e advogados brancos, não ser antinegra.

³¹ RACIONAIS MC's. **Vida Loka (Parte 2)**. Letras. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/64917/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

³² EMICIDA. **Emicida - É tudo pra ontem part. Gilberto Gil**. YouTube, 10 dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qbQC60p5eZk>. Acesso: 01 jan. 2024.

Morre aqui, a produção de estereótipos racistas de homens negros como a principal referência para descrevê-los.

Morre aqui, o silêncio e demora das audiências de custódias com base nos estereótipos racistas.

Morre aqui o interesse nas hipóteses de violência contra a mulher, ignorando mulheres negras pobres, trans, travestis – sem discutir como criar espaços de acolhimentos e geração de renda.

Morre aqui a paciência de crimes “contra a dignidade sexual” e feminicídios serem registrados por homens culpabilizando vítimas.

Morre aqui a ideia de que direitos LGBTTQIA+ estão garantidos ou separados das agendas dos movimentos negros, e que devemos nos reunir apenas nas paradas pela “diversidade”.

Morre aqui os maiores interesses sobre homens negros ser na objetificação e nas estáticas anuais de violência.

Morre aqui o apagamento de bixas pretas enquanto categorias históricas, sociais e políticas.

Morre aqui, um lugar de ser “menos” ou “mais homem”, isso nunca deu certo.

Morre aqui a visão biomédica como a verdade soberana sobre vidas negras, especialmente no campo da saúde mental.

Morre aqui a visão de deficiências serem colocadas enquanto experiências individuais em corpos e não como coletivas, abrangendo equipamentos e organizações.

Morre aqui um lugar de criminalização e abstinência das substâncias como uma perspectiva aceita na psicologia brasileira.

Morre aqui a prioridade se medir a violência que passamos, sem acompanhar e exigir prevenções e cuidados [e não só previstos, mas garantidos] nas políticas públicas.

Morre aqui, nos habituarmos com ritos cristãos e a oferta dos enterros sociais como uma política exclusiva para nossas vidas.

Morre aqui, a falta de lazer ocupando os espaços da cidade.

Morre aqui o sexo ser o lugar para confortar a falta de acesso a carinho e amor.

Morre aqui! Para renascer e florescer novos sentidos de vida com modos de resistências a espalhar nos espaços circulados.

O que morre aí?

(Re)nasce aqui, uma brecha para falar de amor?

Zeca, 2023.

É a partir das relações, cultivadas enquanto pólenes de cuidados ao mundo a favor de vidas negras, “profetizando” um renascimento social, no qual poderemos falar, criar e potencializar o entendimento sobre homens negros; seja no âmbito e o lugar que ocupam como também nas territorialidades negras e nos modos vistos no amor. Que possamos, no presente, não sermos intermediados por instituições (no sentido de espaços físicos, especialmente assistencialistas, sem comprometimento com a efetivação de direitos registrada), para aprender a investir em relações integradas, nas quais considerem homens negros, em suas pluralidades,

mais uma existência a somar na diferença. Afinal, sabemos e reconhecemos facilmente ao que resistimos?

Resistimos no interior das arquiteturas, com nossas presenças em trânsitos e registros, que chegam na narrativa de Daniele Machado Viera (2021, p. 98), no Mercado Público de Porto Alegre, pedindo licença primeiro ao **Bará**, que encruzilha Porto Alegre; resistimos em sabores e quitutes, como forma de contorcer a economia e fazer nossos próprios enterros; resistimos nas inscrições nas religiosidades com Irmandades e Batuques; resistimos no festejar e habitar a cidade; resistimos impedindo o processo de apagamento da memória e autoria de eventos da população negra; resistimos no surgimento de lideranças comunitárias e de figuras emblemáticas na cultura, dando outras representações na esfera pública; resistimos a uma guerra diária tramada para aniquilar nossas existências; resistimos à produção social e econômica de dor, medicalização e encarceramento em massa como uma resposta de não elaboração da morte e aos lutos para não sorrirmos; resistimos aos enterros sociais; resistimos à branquitude e aos padrões; resistimos, pois quando a resistência é circular e coletiva, nos irrigamos nas apostas de cuidado.

Que possamos resistir dando outros significados de parentesco, vínculos e direitos em políticas públicas. Direitos que contemplem toda a população negra, sem exceção. E que a raiva com as estatísticas não seja ponto final hierarquizado de trocas, preferindo o individualismo. Os pólenes são para germinar todas as flores e melhorar as possibilidades de estarmos juntos e juntas no mundo ajardinado.

Eu determino que termine em mim, mas não acabe
comigo
Determino que termine em nós e desate
E que amanhã, possa ser diferente pra elas
Que tenham outros problemas e encontrem novas
soluções
E que eu possa viver nelas, através delas e em suas
Memórias (LINN DA QUEBRADA)³³.

Vê se não vai embora sem avisar, então, chega junto de novo Renato Nogueira, para provocar em sua sagacidade o que pode ser e realizar o amor. Quando diz: “Eu diria que é incontornável falar de amor, na medida em que o amor nos atravessa, mas o amor sem idealização e sem fetiche, o amor como uma prática social, um vínculo de sobrevivência, uma potência de conflito, o amor como uma possibilidade de encontro” (NOGUERA, 2021, p. 55).

³³ LINN da Quebrada. **Oração (part. Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verônica Decide Morrer)**. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/oracao/>. Acesso em: 1º jan. 2024.

– Quantos homens negros, então, temos nos relacionado ao ponto de *amar em nós e no outro, essa potência?*

Por aqui, o amor é o escalda-pés, recorrido sempre, resistindo a cada vez que uma caminhada cotidiana deixa bolhas nos pés, pela violência, estereotipia e brutalização. Em pequenos instantes, na imprevisibilidade dos pólenes de cuidados e pausas, escalda-pés renovam nos passos às territorialidades negras e conspiram outros mundos, onde crianças negras que nascem em todos os tempos possam brincar e pisar sobre concretos rachados e nos ensinar leveza até nas densidades de encontros introduzidos à vida e à morte.

Figura 8 - O autor na exposição de Aline Bispo, intitulada *A linha dá o ponto. A linha dá o caminho*. Porto Alegre/RS, Casa de Cultura Mário Quintana



Fonte: acervo pessoal (25 de novembro de 2023).

Trago essa imagem com uma referência expressiva. Fiquei encantado quando na mesma época da fotografia, li um escrito de Renato Nogueira (2019), dando uma afroperspectiva ao mundo material e espiritual, a partir do poder da infância, exemplificado em uma narrativa iorubá com a morte – Icu e os gêmeos Ibejis, Taiwo e Kehinde, filhos de Oxum e Xangô que foram viver com Iemanjá no reino de Orunmilá. E lá Icu chegou e não queria ir embora, a menos que alguém a obrigasse a fazer algo que ela não quisesse, então:

Elas foram conversar com a Morte da maneira que falavam com gente adulta: brincando, dançando e saltitando. Mas, com um detalhe importante. Taiwo e Kehinde

sempre gostavam de pregar uma peça em quem não sabia que eles eram dois. Taiwo começou a tocar o tambor dançando, Icu gostou do que ouviu e se pôs a dançar ao lado da criança. Ao lado da estrada, atrás de arbustos estava Kehinde acompanhado a dupla por frestas entre folhas. Taiwo dançou, tocou, pulou, brincou e tudo isso na companhia da Morte. Um tempo depois, cansado Taiwo passou o tambor para Kehinde. Este tomou o lugar do irmão de modo discreto sem que a Morte percebesse. Ora, como Kehinde estava descansado, dançou, tocou, pulou e brincou com toda energia que tinha. Taiwo foi beber água, descansar e ficou atrás de arbustos observando a festa de seu irmão com a Morte. Taiwo cochilou e chegou a sonhar. Kehinde dançou, tocou, pulou e brincou por um tempo em que as pernas já não se aguentavam. Então, Taiwo despertou e vendo que o passo do irmão diminuía, espiou pelo arbusto e com cuidado saiu para tomar o lugar do irmão. Isso se repetiu por sete vezes, de modo que Icu já não aguentava mais. Daí, foi até a presença do rei Orunmilá e disse que tinha dançado mesmo sem querer e que por isso deixaria o reino. No dia seguinte, a celebração foi uma apoteose de tambores, sons de corda e de sopro [...] (Nogueira, 2019, p. 133).

Será que a colonialidade chega com o seu *tablet* nas favelas, quilombos e florestas – disposta a não ir embora? Com seu modo de ver a vida linear, ela vai anotando, interpretando, traduzindo, especulando lucro e usos? Querendo que esqueçamos de sorrir e que, para falar “seriamente” de morte, luto, genocídio, encarceramento, expulsões, cuidados, resistências viscerais e rituais próprios, se desconsidere crianças, idosos e saberes diferentes da hegemonia? Que possamos nos inspirar nas narrativas do brincar, do dançar, tocar, descansar, pausar, assoprar, revezar entre nós e celebrar, sentindo na pele quente e respirável, o que a brutalização concretada não pode acompanhar e mesmo não querendo mudar, vamos desarticulá-la entre danças, fugas, rasteiras e malandragens.

O que nos mantém vivos/as aqui é polinizar o cuidado, aquele que diariamente existe, e por vezes, e não enxergamos; digo que não plantamos flores no concreto, contudo, matamos o concreto como parte da vida, esse concreto como encarnação colonial e brutal, reinventando brechas de integração e amor, em uma poética da existência de homens negros polinizados com cuidados, em algum aspecto, os pólenes de cuidados estão na ordem do não universal, de um devir, de uma revolução singular e não falocêntrica (ou seja, que deixou de focar no lugar do falo como um significante mais valorizado hegemonicamente para pensar masculinidades negras e se inspirou no cu e sua polinização), pólenes de cuidados nascem aqui por uma bixa preta bixa preta, fecundados ao transitarem para além dos papéis de gênero e ao abrir janelas, seja no mundo, seja no conhecimento. Para quem busca em uma lente colonial/positivista entender/universalizar e dizer de dados estatísticos desse trabalho, pergunte antes o que sentiu, estranhou e identificou em sua história – não tenha preguiça de pensar, imaginar e se despir. Faça novas perguntas, se puder, pergunte-se como desconcretar!

Essa escrita, as experiências, contornos e imaginação é apenas um, entre os pólenes de cuidados, a serem polinizados, ao invés de definir o que são, que possamos ficar com as pistas

de como podemos experimentá-los em nossas realidades e Escrevivências? Afinal, pichar o concreto é arte, se movimentar e não dar bobeira, faz contraste! E depois, tem o escalda-pés, enquanto outras e outros seguem em movimento renovando a luta coletiva.

7.1 Dieta de ossos e abismos virtuais: cacos do eterno?

Que boca podia ser essa, mostrando dentes de porcelana para negar pela aparência a finitude do tempo e, ainda assim, quase nunca sorria, exceto quando saboreava ossos humanos?

Entre cuspidas e uma longa lubrificação dos lábios secos com a língua, a boca salivava, só de avistar um corpo negro caindo do penhasco social mais alto. Já o seu fetiche pelo poder nas alturas, logo se mostrou eficiente em mais sentidos, quando homens negros robustos e amargos, mulheres negras cansadas e tristes, caíam em aceleração até o fundo do abismo, tornando-se estilhaços de ossos, quebrando para todos os lados, sem ninguém escutar o som da fraturação. Alguns ossos até pareciam querer voar para longe.

Ainda assim, a mordida mais aguardada focava em um sabor raro e intensificado que, após degustar, a boca viciou. Um sabor íntimo, como se fosse um espinhaço rico em tutano, temperado e maturado no fogão à lenha – era o gosto de vida experimentado em criancinhas negras, o favorito, sem preterimento. Pois adultos, pelo tamanho dos ossos, às vezes tornavam-se uma refeição indigesta... Crianças negras pareciam uma iguaria viciante.

À vista da sociedade, em uma terra triste e desintegrada dos ossos, ali no canteiro da morte esquecido por ela, os enterros sociais, se estabeleceu o lugar perfeito para a boca se alimentar. Os ossos, quando não recuperados após cinco anos, estavam no ponto: temperados com vermes e poluição, empilhados em uma grande montanha, homogênea e farta de dor. Fazendo a boca sentir o gosto de comer junto aos ossos e ossinhos, pensamentos e histórias, impedindo uma passagem da vida.

A gula pela vida negra não tinha saciedade, mas algo escapava, causando uma dor de dente intensa e sensibilidade a emoções quentes, a Imaginação. Porém, ainda debilitada, em fuga, a Imaginação buscou voar observando a cidade e as pessoas. Então, chegou em um pequeno barraco, onde uma senhora sem sono observava pelo buraco da parede as estrelas, se perguntando se era ali, no brilho da noite, que podia comunicar-se com seu filho, falecido. Os ossos do seu corpo doíam, como se estivessem latejando. Parecia que iriam quebrar...

[...]

Seu nome? É Afeto. Portadora dos sentires, sua preocupação não a deixava em paz, os três anos de empréstimo da terra estavam acabando e não havia dinheiro para pagar um

descanso mais demorado ao seu filho, chamado Malva. Os cabelos brancos e a fraqueza no corpo faziam-na pensar que logo teria outra vida no mundo dos mortos, mas queria, antes de fazer a passagem, construir algo diferente para despedir-se do seu alegre filho muriquinho chamado Esperança e dos filhos de coração espalhados pela cidade, deixando como legado a inspiração.

Afinal, estava cansada de conhecer outras mulheres negras e homens negros na dor. Lembrou que mais pessoas sentiam dor nos ossos, até seu filho mais velho, chamado Emancipa, que trabalhava no outro canto da cidade e conseguiu estudar, encontrava mais mulheres negras e homes negros com dores nos ossos, alguns infeccionando nas raízes da boca, sangrando e sem vitaminas, sem cálcio, eram lentamente triturados, abaixo da respiração da pele, febril, com a imunidade baixa pelo vírus da branquitude.

Então, Afeto cochilou pensando... na manhã seguinte, passando em frente a uma casa amarela, sem nome, com o número três, na saída/entrada da favela, percebeu ela lotada, habitada com jovens e adultos, em maioria negros, treinando capoeira, e perguntou se “o dono” do espaço se encontrava ali. Secou a testa com seu pedaço de pano, que rasgou de uma camisa velha, que agora era um lenço rosa, e bateu palmas tão forte, que foram ouvidas até nas outras residências, saindo pessoas para fora...

– Pois não, senhora? – perguntou a Resistência, uma bixa preta, alta e gorda, com tranças nagô e roupa branca, que coordenava o salão e rapidamente chegou primeira à porta.

– Olá, bom dia! Me chamo Afeto. Me diz uma coisa, querida, quem é o dono desse lugar?

– Oi flor, prazer, sou a Resistência. Aqui não tem dono, aqui somos uma ocupação de portas abertas, funcionamos de segunda à sexta, nos três turnos, para quem quiser aprender danças, capoeira e defesa pessoal, principalmente público negro e LGBT. A decoração e os desenhos na parede, são de artistas que visitam e se permitem – VOLUNTARIAMENTE – decorar o espaço; a horta ali de trás é comunitária e alternamos as aulas sobre cuidado com a terra, ciclo da lua e estações com a aldeia indígena mais próxima; também intercalamos atividades organizadas por cronogramas prévios de até um mês, assim dá tempo de ficar sabendo; temos oficina de culinária, para reaproveitar alimentos com a nossa própria compostagem; biblioteca comunitária e troca de serviços, cada pessoa anota no mural o que sabe fazer e pode trocar trabalho com outra pessoa que oferta. Por exemplo, aqui tem quem faça pintura, cozinha, faz frete, conserta roupas ou calçados, e assim vai, ao invés de dinheiro, outra atividade. Esses dias teve uma troca de uma ida no correio lá no centro para enviar cartas em troca de um bolo de erva de chimarrão. Dizem que ficou uma delícia!

- Parece um belo espaço, mas quanto é pra usar o salão outro dia, para alguma atividade?
- Por que a senhora não entra, para tomar um cafezinho e me fala da sua ideia?
- Eu aceito. Mas, tem que tirar o sapato?
- Aqui ninguém repara, se tiver com chulé a gente entende não querer tirar, não tem problema. Né, Proclama?

Surge uma travesti, a professora, de cabelos cacheados e escuros arrastando um tambor para tocar no meio do salão, toda vestida de vermelho, com colar de cobra, segurando um folder de apresentação e oferecendo uma cadeira – Aqui só tem as bixas carão, mas são um amor... Já digo para elas, tenham humildade e aprendam comigo por que já tive a idade de vocês, será que terão a minha? (risos). Qual é o seu nome, amada?

- Afeto. E na verdade meu pé tá cheio de talco!
- Uau, que lindooooo o nome!
- Afeto pode significar abraçar as alegrias e tristezas, agradeço minha filha. Vou direto ao assunto para não tomar o tempo de vocês... Estou pensando há muito tempo em um espaço bonito de rodas de conversa, cafés coletivos, convidar pessoas estudadas para falar bonito sobre nossa realidade e pensar geração de renda. Podia ser um espaço assim, para pessoas negras e L... “L” o que, mesmo?
- LGBT, na verdade pode ser LGBTTIAPN+, mas a gente simplifica...
- Ah tá, obrigada.
- Imagina! Mas quanta formalidade, Afeto! Tamo aqui para aprender! A bixa ali, transita nos pronomes, viu? Aquelas quatro lá dando risada que nem hienas, é no feminino e aqueles dois pretinhos ali, são cisss, é no masculino tá, enfim, só perguntar qualquer coisa. Nos fala dos motivos pra essas ideias, Afeto? – pergunta Resistência, a bixa preta.

Afeto olha para baixo, fica alguns minutos em silêncio e diz: – estou cansada de ir falar com a assistente social, lembrar dos meus direitos, mas ver o Estado dando esmolas e nos tirando muito, todos os dias. Vocês querem envelhecer e morrer sendo protagonistas de suas histórias ou uma estatística desconhecida, que ninguém liga? Todo novembro negro tem evento ali no postinho pra falar de racismo e das pessoas negras que fizeram história, mas não tem mais nada para hoje e amanhã? Quero um espaço pra nos fortalecer, criar e cuidar! Parece que não é legítimo pra nós, só tem tragédia no jornal sendo exibida e comentada na internet. Vocês estão fazendo história aqui... e podemos ampliar!

Resistência descruza os braços e diz: – nem me fala! Tô cansada de acordar com essas notícias e ir trabalhar com medo, ainda acrescento que odeio salão de beleza, serviço doméstico, trabalhar em obra e serviços gerais, parece ser só nesses lugares que gostam de nos ver.

Proclama acrescenta: – tem que parar com essa mania do macho branco achar que dá bênção e é salvador, isso dá raiva. Temos que nos cuidar, sem esquecer que o ódio a nós envenena até nosso sangue, é uma merda. Toda semana uma mana agredida, morta e com nome social desrespeitado...

Afeto: – por isso que pensei uma vez por mês, aos sábados pela tarde, porque mais pessoas que trabalham durante a semana pode vir nos encontrar aqui, ver filme, ouvir música e prostrar, pensar formas de como nos auxiliar com geração de renda e formas de achar outros modos de honrar a memória das pessoas que gostamos. Vi que tem bastante homens negros na capoeira e na horta, quem sabe eles não têm o que dizer ao se juntar?

Resistência: – acho desafiador viu, mas não custa tentar.

Afeto: – quero que Esperança, o meu muriquinho, possa ver que a sua vida no futuro também importa, e ter exemplos lindos como vocês. Ele fotografa e toca pandeiro, é tão talentoso... quero trazer ele aqui. Afinal de contas, se uma vida importar só em uma fase, então ela é um objeto com validade a vencer, e tá pior que os iogurtes na promoção lá do mercado que parecem duvidosos, enfim. E ainda, podemos pedir contribuição voluntária para auxiliar com a casa, o que acham?

Resistência: – impactadaaaa! Nossa, depois dessa o que lhe dizer, Afeto? Vamos pensar aqui, quem sabe não volta na próxima semana, assim confirmamos quando começar e os detalhes?

Os dias trocam de roupa, o céu de divas e o tempo se arrumou para receber vidas. Em tons quentes, quem diria que no primeiro encontro na casa amarela, tantas pessoas sem acesso à televisão paga não conheciam o filme *M-8: quando a morte socorre a vida*³⁴, e ficariam tão emocionadas?

Foi refrigerante derramado, pipocas espalhadas e olhos d'água que Esperança, registra numa bela imagem do primeiro cinema coletivo. Ninguém queria ir embora após o filme, cada pessoa quis permanecer no salão, sentada no chão. Algumas olhavam os tambores, outras com as mãos em concha choravam soluçando – principalmente os homens negros, que pouco falavam ali, no dia a dia.

Muriquinho tornou-se um contador de histórias com a sua câmera, seus olhos gentis foram portais do tempo, em cada clique trazia consigo em registro o encontro com pessoas da casa Amarela, essa que estava a transformar-se, com chacoalhadas pôde desacomodar cada presença.

³⁴ DE, Jeferson (dir.). **M-8 – Quando a morte socorre a vida**. Filme (84min). Midgal Filmes, 2020.

Não demorou muito, e no varal de imagens da casa amarela as fotografias seguintes registraram: o primeiro brechó; o primeiro natal com almoço coletivo, confecção de brinquedos e gincana; o primeiro encontro de cuidados à população negra; a primeira roda sobre saúde mental; a primeira competição de poesia e desenho infanto-juvenil; o primeiro casamento; a primeira adoção; e a primeira morte...

Mesmo sabendo dessa etapa da vida, foi difícil para Esperança aceitar que a morte noticiada na casa amarela era a de sua mãe, Afeto, 86 anos, que morreu com o rádio de pilhas ligado ao seu lado, bem baixinho.

Esperança vestiu sua camisa azul, pegou o seu pandeiro e ainda com as mãos tremendo, lágrimas nos olhos e os lábios pressionados, convocou pessoalmente um encontro no salão de capoeira aos membros da casa amarela.

Com a morte da mãe e o silêncio na casa, lembrou que cada integrante havia feito uma cápsula do tempo, para ser aberta quando fizesse passagem ao mundo dos mortos. Embrulhada em argila, Esperança encontrou a cápsula com a mensagem de Afeto, a qual pedia que tocasse apenas Elza Soares, e que a cada ano de vida vivido, se plantasse uma semente na horta e em baldes, em sua homenagem. Sem enterro social a ser feito, ressaltou repetidamente na escrita o desejo de um velório digno e já instruído. Em letras destacadas havia deixado grafada a senha do cartão, informando o valor do dinheiro adquirido nos exaustivos trabalhos na feira, dos produtos feitos nos dias de geração de renda da casa amarela, para que o custeio fosse feito, e até sobrasse a quem fosse precisar depois. Queria que o samba de Elza Soares fosse iniciado na casa amarela e terminasse em uma mesa para o cafezinho, sem mais nada a acrescentar.

Afeto agradeceu em carta a morte, geralmente temida e não compreendida. Lhe agradeceu por trazer tanta vida em si, e partiu abraçada pela terra fofa, temperada de lágrimas e músicas.

Resistência, a bixa preta, sua amiga, ficou responsável pelos cuidados e referência de Esperança, o muriquinho, que já era cuidado um pouco por cada mão, na casa amarela.

Foi na continuidade das atividades que as fotografias seguiram fazendo álbuns da casa amarela, inspirando novos espaços, novos enterros e desfiles pela cidade. Deixando os enterros sociais cada vez mais vazios... e as caminhadas, mais coletivas e misturadas.

[...]

A boca não sossegou, rangendo os dentes em resposta à falta de novos ossos, pediu ajuda aos olhos caravela e aos algoritmos para que a propriedade do corpo pela medicina e igreja fosse desinvestida no capitalismo, dando lugar ao futuro e tecnologia, com as inteligências artificiais apontando a navegação da vida e da morte.

Para a boca, era o momento de quebrar a ideia de volta à vida aos ossos a partir do eterno e do céu cristão. Agora o eterno era uma terra a colonizar, guiando pensamentos e, principalmente, caçando às transmissões da imaginação.

Não demorou para a boca convencer que a disputa mais rentável e de maior controle seria facilitada ao automatizar a morte em rituais intravenosos, com a tecnologia.

Cada discurso e propaganda, focava em dizer que o sofrimento em vida, a desigualdade e a falta de recursos em consonância com o a temperatura exponencialmente quente e instável da Terra, eram traumas mais do que suficientes para os humanos lidarem. Assim, podiam evitar o mal estar, e nos cemitérios serem construídos novos estabelecimentos, e aproveitar o novo espaço da humanidade, programado em pixels e velocidades, evoluídas.

Popularizada na educação, trabalho e lazer, presente em cada âmbito íntimo da vida, as inteligências artificiais traçariam uma espécie de perfil ideal dos mortos, para quando a saudade e falta ser sentida por seus enlutados, a comunicação estar a um clique de distância, de acordo com a realidade solicitada em cash e o pacote premium adquirido.

Já na opção de pacotes básicos, os corpos eram agendados por aplicativo. A cremação ou descarte, com opção ecológica ou química, assistida em transmissão ao vivo para os familiares.

Em laboratórios ditos do sono, foi tramado aos corpos serem acoplados inseparáveis da tecnologia dita do futuro. Tramadas em nível extremo de dependência, as inteligências artificiais convenceram que podiam perspectivar as melhores sugestões de como viver e ressuscitar, selecionando quais memórias importavam fazer backups, prometendo que teriam total controle dos processos de decisão.

O mundo fora das telas passaria a ser um novo cativo, acorrentados aos algoritmos, com subsídios mínimos de existência, com a falta de água, alimento, abrigos refrigerados e medicação, o maior tempo passado no virtual, era o equivalente a viver a vida de modo pleno.

Por consequência, desejar acesso aos laboratórios do sono tornou-se a principal meta de vida discursada, vendida e pretendida daqueles e daquelas de fora, em maioria morrendo, como plantas murchas, prestes a secarem, na versão atualizada de humanidade.

Nesse sentido, a crença principal fabricada passa a ser que ter asas para sair do abismo seria equivaler a tecnologia como um oxigênio para respirar na água e fazer da vida virtual a única dimensão possível a ter pensamentos compartilhados e duradouros, já que o eterno havia sido fragmentado.

[...]

O tempo foi carbonizado, em 2050 Muriquinho havia enterrado muitos dos seus e suas amadas/os, com cabelos brancos e calvos, olhava o céu estrelado e questionava-se se a dor da saudade do mundo e das pessoas que conheceu era mais difícil suportar do que a dor das perdas. Lembrou da Proclama e da Resistência, pegando no sono, se perguntando se ao morrer iria encontrá-las-ia novamente.

Resistência: – Ei, Esperança! Você não está sozinho, se lembre das imagens que estão por vir. Não fique preso a um futuro determinado e pessimista, atente-se para o imprevisível.

Esperança acordou com o dente latejando, lembrou da imaginação da mãe Afeto, e resolveu enfrentar finalmente o medo da tecnologia e da internet. Havia prometido a si que não seria alguém a ser seduzido e retirou-se do convívio coletivo ao acreditar que não tinha espaço para seguir habitando a casa amarela, em sua visão a casa estava cada vez mais vazia, desunida e as pessoas hipnotizadas com as propagandas de ofertas imperdíveis orientando *updates* da morte.

Anos sozinho trouxeram o arrependimento que lutar e decidir as estratégias de lutas sozinho, talvez fosse algo destrutivo e anticomunitário. Pensando que o tempo não voltava, distraiu-se mexendo no armário. Encontrou fotografias analógicas que havia tirado, quando criança. Em sentimento nostálgico fez tantas viagens, como se estivesse chapado sorriu acompanhado de presenças, depois de muito tempo.

Foi nesse imprevisto que a memória paciente e silenciosa avisou que era o momento de novos jardins nascerem. Era hora de esquecer que boa parte do planeta morreu, o mar inundou cidades inteiras, tornados e terremotos passaram a serem habituais, toda semana. A Amazônia e o continente Africano, agora, concentravam as maiores possibilidades de manutenção da vida, e ainda assim, guerras, milícias e novos países declarados disputavam entre confrontos e ameaças a soberania sobre o controle dos recursos. Corpos e ossos espalhados por todos os lados faziam mais presença que árvores e flores.

Porém, isso deu tempo para outros espaços ignorados criarem suas formas de resistir e reconstruir novos formatos de vida. No Rio Grande do Sul, os quilombos, favelas, ocupações e aldeias indígenas seguiam sem sucumbir. Passando temporadas em cada espaço, Esperança aprendeu a seguir vivendo, mas sem integrar a ponto de querer permanecer.

Ainda deslocado, com o coração em adrenalina, Esperança apertou os dedos nas fotografias, olhando-as fixamente, entendeu que era a hora de comunicar. Com nojo da internet, ligou o seu *chip* no pulso e enviou mensagem a todas as pessoas das fotografias, que estavam sincronizadas. Perguntava-se como estariam e se receberiam bem a sua convocação, tímida e

até envergonhada. Afinal, no passado, o excesso de crítica e dicotomia chegou a encobrir as formas diferentes de pensar na casa Amarela.

Sem respostas rápidas às convocações feitas, perguntou-se se não havia sido esquecido. Mas após sete noites, seu aparelho vibrava na pele negra e apareceram mensagens surpreendentemente afetivas. Soube que muitas lutas estavam existindo e diversos laboratórios do sono haviam sido queimados, e celebrações estavam ocorrendo. Esperança entendeu que não importava a densidade da dor, a luta continuava. Então, foi convidado a voltar em um lugar onde tudo começou, em três dias: a casa amarela.

Sem pensar duas vezes, Esperança fez a sua sacola de mão, secou as lágrimas do rosto, guardou as fotografias, pendurou a câmera no pescoço, limpou a coriza do nariz com seu lenço verde, subiu em uma bicicleta velha, iluminada na cestinha com um lampião em querosene (ninguém cogitava que ironicamente o futuro também seria regressivo, com as ferramentas usadas pela humanidade), fechou a sua cápsula descartável e foi encontrar um novo espaço para habitar na companhia de companheiras e companheiros.

Ao chegar à casa amarela, Esperança teve medo. Ao não ver ninguém, chegou a passar em sua cabeça que devia ter sonhado e tudo não passou de um traço da imaginação, lhe fazendo sair da solidão. Colocou uma música baixinha e aguardou paciente no escuro, encostado em uma bananeira, com frutos verdes. Sem noção das horas passadas, Esperança foi acordado por uma criança com olhos enormes, da cor de terra diluída na água, acompanhada por uma silhueta adulta lhe dando a mão e com a outra, oferecendo uma flor, se apresentando:

- Oi! Sou a Revolução, estava lhe esperando...

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. Tradução de Fernanda Abreu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Estado e Direito: a construção da raça. *In*: Maria Lucia da Silva; Marcio Farias; Maria Cristina Ocariz; Augusto Stiel Neto (org.). **Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2018. p. 81-96.
- ALVES, Ana Claudia da Silva. **Direito à moradia: um estudo sobre o Programa Integrado Socioambiental (PISA) na cidade de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS, 2016.
- ALVES, Míriam Cristiane; SANT’ANNA JUNIOR, Ademiel de; IZIDORO-PINTO, Cecília Maria. Mulheres pretas da Enfermagem: escrevivência atrevivida em oralitura na COVID-19. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 1, p. e83154, 2023.
- AMARAL, Zeca. **Bixa preta & amefricana: contação de histórias dos becus à ancestralidade**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.
- ANI, Marimba. **Yurugu**. Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeu. Lagos: Africa World Press, 1992. Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BALDRAIA, Fernando. A grande fraude. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 61, 2020. DOI: 10.9771/aa.v0i61.39126. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/39126>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- BARCELLOS, Daisy Macedo de; CHAGAS, Miriam de Fátima; FERNANDES, Mariana Balen; FUJIMOTO, Nina Simone; MOREIRA, Paulo Staudt; MÜLLER, Cíntia Beatriz; VIANNA, Marcelo; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **Comunidade Negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade**. Série Comunidades Tradicionais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Fundação Cultural Palmares, 2004.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith (org.). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 5-58.
- BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades**. I ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- BOVOLENTA, Gisele Aparecida. Auxílio-funeral na Assistência Social: atenção para quem?. **Argumentum**, Vitória, v. 9, n. 3, p. 98–112, 2017. DOI: 10.18315/argum.v9i3.16909. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/16909>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- BRITO, Letícia. **Antes que seja tarde: para se falar de poesia**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Feusp, 2005.

CARNEIRO, Edison. **Ladinos e crioulos**: estudos sobre o negro no Brasil. Apresentação e notas de Raul Lody. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

CARMO, Sura Souza. A baiana vai a Hollywood: a consagração da baiana e dos balangandãs como símbolos da identidade nacional na Era Vargas. **Faces de Clio**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 381–409, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/32161>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CHRISTO, Dirce Cristina de; ANJOS, José Carlos Gomes dos. Relações raciais na comunidade quilombola Macaco Branco: resistência negra em meio a conflitos territoriais e ontológicos. **Amazônica**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 395-417, out. 2020.

CONCEIÇÃO, Joanice Santos. **Duas metades, duas existências**: Produção de masculinidades e feminilidades na Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egun. Tese (Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba**: bruxa de Salem. Tradução Natalia Borges Polesso. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DAVID, Emiliano de Camargo. **Saúde mental e racismo**: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

DAVID, Emiliano de Camargo, VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe 3, p. 264-277, out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E322>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/pD3P9BXwjVWns4VKfL6jr4s/>. Acesso em: 2 nov. 2022.

DILLMANN, Mauro. **Mortes e práticas fúnebres na secularizada República**: A irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

DOVE, Nah. Mulherismo Africana, Uma teoria Afrocêntrica. **Jornal de Estudos Negros**, v. 28, n. 5, maio 1998. Disponível em: <https://estahoreareall.files.wordpress.com/2015/11/mulherisma-africana-umateoriaafrocecc82ntrica-nah-dove.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustração de G. Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. Tradução de Sebastião Nascimento. Prefácio de Renato Nogueira. Introdução e notas de Jean Khalfa. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O mal-estar colonial: racismo e o sofrimento psíquico no Brasil. **Clínica & Cultura**, São Cristóvão, v. 8, n. 2, p. 82-94, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-25092019000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 dez. 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon e a Mental Brasileira diante do racismo. *In*: MAGNO, Patrícia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia (org.). **Direitos humanos, saúde mental e racismo**: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020. p. 34- 47.

FIGUEIREDO, Pablo Silva. **História social e a cidade**: urbanização e as vilas de malocas em Porto Alegre nas décadas de 40 e 50. Rio Grande: FURG, 2014.

FREIREYSS, Georg Wilhelm. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974 – 1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GLASS, Ruth. **London**: Aspects of Change. Centre for Urban Studies. London: MacKibbon and Kee, 1964.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, v. 2, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

LEAL, Fabiola Xavier. A Reforma Psiquiátrica brasileira e a questão étnico-racial. **Argumentum**, Vitória, v. 10, n. 3, p. 35–45, set./dez. 2018. DOI: 10.18315/argumentum.v10i3.21837. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/21837>. Acesso em: 2 fev. 2023.

LIMA, Fátima; ANDRADE, Lins Ludmilla. Racismo e Sociogenia em Frantz Fanon: Diálogos com Grada Kilomba e Conceição Evaristo. *In*: MAGNO, Patrícia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia (org.). **Direitos humanos, saúde mental e racismo**: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020. p. 85-101.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LUCION, Jéssica Maria Rosa. “**Tem orgânico pra tudo, inclusive tem orgânico de luxo**”: Inovações, singularidades e qualificações no mercado de produtos orgânicos. (Tese de doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

MAGNO, Patricia Carlos. Periculosidade, crime e loucura: funções do racismo no manicômio judiciário. *In*: MAGNO, Patrícia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia (org.). **Direitos humanos, saúde mental e racismo**: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020. p. 172-192.

MARTINS, José de Souza (org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1983.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: O Reinado do Rosário no jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MBEMBE, Achille. **O direito universal à respiração**. São Paulo: n-1 edições, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/o-direito-universal-a-respiracao>. Acesso em: 23 dez. 2023.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento – Diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806/5769>. Acesso em: 23 jan. 2024.

NOGUERA, Renato. Fanon, o cortiço e anjo negro: breve esboço sobre relações inter-raciais heterossexuais no contexto do racismo. *In*: MAGNO, Patrícia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia (org.). **Direitos humanos, saúde mental e racismo**: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020, p. 49-56.

NOGUERA, Renato. **O que é o luto**: como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2022.

NUNES, Davi. **Zanga**. 2. ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Curitiba: Editora Prysmas, 2017.

OLIVEIRA, Roberta Godim de. Racismo e suas expressões na saúde. *In*: MAGNO, Patrícia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia (org.). **Direitos humanos, saúde mental e racismo**: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020. p. 58-70.

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PASSOS, Rachel Gouveia. “Holocausto ou Navio Negreiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica. **Argumentum**, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10–23, 2018. DOI: 10.18315/argumentum.v10i3.21483. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/21483>. Acesso em: 27 jan. 2023.

PINHEIRO, Michelle Girão. **Descrição e análise dos culturemas do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PINHO, Osmundo. O corpo do homem negro e a guerra dos sexos no Brasil. Tradução de Ronaldo Só Moutinho. *In*: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidade**. 1 ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019. p. 105-130.

PINHO, Osmundo. A Morte negra e a antropologia. **AntropoLÓGICAS**, 2020. Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/v6a2-a-morte-negra-e-a-antropologia>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PINHO, Osmundo. **Cativeiro**: anti-negritude e ancestralidade. 1. ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2021.

PINHO, Osmundo. “Morte social”. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/morte-social>. Acesso em: 23 jan. 2024.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil Mestiço. *In*: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidade**. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019. p. 21-51.

ROSA, Allan da. **Águas de homens pretos**: imaginário, cisma e cotidiano ancestral (São Paulo, Séculos 19 ao 21). Prefácio de Ana Lúcia Silva Souza. São Paulo: Veneta, 2021.

SANT'ANNA JUNIOR, Ademiél de. **Exercícios de Atrevivência**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SANTANA, Bruno Silva. Pensando as Transmaculindades Negras. *In*: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org). **Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidade**. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019. p. 95-102.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. Traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis, Vozes, 1986.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. Tradução de Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. Ilustrações de Rodrigo Siqueira. Salvador: EdUFBA, 2011.

SOUZA, Anita Silva de. **Projeto Renascença: um caso de gentrificação em Porto Alegre durante a década de 1970**. 2008. 124 f. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VIEIRA, Daniele Machado Territórios negros em Porto Alegre: RS (1800-1970) [livro eletrônico]: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Prefácio Adriana Dorfman. -- Belo Horizonte: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR, 2021.

WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismo**. Tradução: Rogerio W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: Todavia, 2021.

ZAMBONI, Vanessa. **Construção social do espaço, identidades e territórios em processo de remoção: o caso do bairro Restinga**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.